IMPACTO ANIMAL

COM 2.300 WATTS PMPO (280W RMS), DUPLO DECK AUTO-REVERSE, 5-CD CHANGER, REPRODUÇÃO CD-R/CD-RW, CAIXAS ACÚSTICAS BASS REFLEX DE 3 VIAS E 2 AMPLIFICADORES INDEPENDENTES POR CANAL, O NOVO PANASONIC AK52 TEM TODA A TECNOLOGIA E OS INGREDIENTES PARA SATISFAZER OS MAIS FANÁTICOS POR SOM.

Super Woofer Bi-Amp

AK52

HEAVY IMPACT

New AK Series

What's New by Panasonic

PRODUZIDO NO PÓLO INDUSTRIAL DE MANAUS

CONHEÇA A AMAZÔNIA

BARULHO

4 Acústico do Rei; Sérgio Dias revoltado; Therapy?

6 Que Fim Levou
O ex-Skid Row Sebastian Bach

8 Até Quando Esperar
Hi-Fi Killers, Catatonia

10 Palco
U2, Ed Motta, Television

ESTE MÊS

13 Errar é humano
Por que o rock nacional é uma piada

24 Sub Pop 2001
Quais são as novas apostas da gravadora grunge

28 Festivais de abril
Recife, São Paulo e Belo Horizonte sitiadas

36 Teenage Fanclub
Os heróis dos indies sobrevivem no porão

38 Dave Matthews Band
De volta à cidade natal e com Neil Young abrindo

42 Comunidade Nin-jitsu
Os gaúchos pretendem conquistar o resto do Brasil

44 Andy Summers
Que Police que nada! O guitarrista só pensa em jazz

DISCOFAGIA

47 Manu Chao, Radiohead, Wander Wildner

56 Importe-se
Shuggie Otis, Monster Magnet, Astrid

58 Discoteca Básica
Revolver, dos Beatles

60 Democracia
Pelvs, Tito, Habagaceira

62 Responde
Primus, Capital Inicial, ficha do Cure

64 Salve Simpatia
Leitores transbordam em elogios

66 Detalhes
Sex Pistols soltam o verbo na TV inglesa

Vem aí o apagão. O serviço público estuda a possibilidade de reduzir o expediente para economizar luz. Empresas tomam medidas de contenção de energia. Famílias entram na onda do racionamento e passam a controlar o número de eletrodomésticos ligados. Para quem gosta de música e vive neste país fuleiro, porém, tanto faz se as medidas evitarem que os blecautes se estendam. A escuridão, que começou muito antes de o governo admitir que só São Pedro salva, vai continuar na forma de discos ao vivo sem razão, compilações porcas, acústicos oportunistas, releituras baratas – a maioria desses truques baixos, diga-se, feitos com a aprovação de seus contratados. Aí, restam duas opções. Uma é o cara desistir disso tudo e imitar o tio pancada, que acha que o rock morreu nos anos 70 e só escuta os dinossauros. A outra é... rir. Rir das desculpas usadas para, em vez de lançar o último trabalho inédito de um artista gringo, jogar nas lojas a mesma coletânea de sempre com título e capa alterados. Das rádios que acreditam estar convencendo o ouvinte de que sua programação não está toda comprometida com os "planos de implantação de um novo produto no mercado" (termo inventado pelos burocratas para designar o velho e safado jabá). E, claro, rir dos artistas que, se não são totalmente culpados por essa situação lastimável, também estão longe de renunciar à grana fácil oriunda das picaretagens armadas por suas gravadoras. Aos listarmos as 40 maiores trapalhadas do rock nacional, surgiu muita coisa inclinada para o rancor, para o juízo de valor, para o humor negro. Tentamos selecionar somente mancadas "humanas", que podem acontecer com qualquer pessoa, famosa ou não – como uma decisão errada, um palpite infeliz, uma atitude desastrada. Mesmo assim, sabemos, vamos ser alvo de hostilidades, protestos, boicotes. Há uma nefasta característica no meio pop brasileiro de se levar a sério demais, de não admitir qualquer comentário que fuja da bajulação desmedida. Bem, segundo um amigo que escreve roteiros para a Globo, há uma fórmula nos esquetes dos Trapalhões. De acordo com ele, quando uma piada se alonga demais, basta pôr um fim nela com tiros, briga, confusão. BIZZ chega às bancas esperando pela reação. Quem trabalha aqui está preparado para tudo. Tudo mesmo.
Tchau e bênção,
Emerson Gasperin

O que rolou enquanto trabalhávamos duro para fazer o rock prosperar

PARADA DA REDAÇÃO

***Amorica*, Black Crowes** Eles lá, fazendo um showzão de rock com o Oasis, e a gente aqui... sonhando e ouvindo o melhor disco do sexteto americano. "High Head Blues", "Nonfiction" e "Wiser Time" são a prova disso.

***Changesbowie*, David Bowie** Difícil trabalhar com esse amontoado de hits na vitrola. Simplesmente porque todo mundo fica cantando junto. "Ch-ch-ch-changes..."

***Racional Volumes 1 e 2*, Tim Maia** Esses são sempre alegria aqui em BIZZ. Os álbuns que Tim gravou enquanto tentava entender a Cultura Racional devem ser os itens mais pirateados da MPB. Soul de primeira, que até converte.

***Gran Turismo*, Cardigans** O último e menosprezado, porém maravilhoso, trabalho do grupo sueco. Pena que eles para sempre serão lembrados por "Lovefool".

Um rei em busca de jovens súditos

Para renovar seu público mas não perder os fãs atuais, Roberto Carlos fica em cima do muro em *Acústico*, que pode render um especial de TV e um DVD – se a Globo deixar

O plano de rejuvenescer o público de Roberto Carlos saiu do papel nos dias 9 e 10 de maio, quando o cantor gravou seu *Acústico* para a MTV. O repertório privilegiou as canções do tempo em que o artista ainda tinha penetração entre as faixas etárias mais baixas, mas com o cuidado de arranjar tudo de um jeito que não afugente seus consumidores atuais. Em 17 músicas, o Rei conciliou aquilo que a crítica queria (sua fase soul), o que os fãs esperavam (sucessos) e os standards dos quais ele não abre mão – "Emoções" (1981) e "Jesus Cristo" (1970), que fecharam o show.

Depois de deixar a platéia de 150 convidados nobres (Marisa Monte, Cássia Eller, integrantes de Jota Quest, Skank, Titãs e Karametade, sua ex-mulher Myrian Rios e o casal Ciro Gomes e Patricia Pillar) e plebeus (a imprensa e anônimos em geral) esperando por mais de três horas, Roberto Carlos subiu ao palco do Pólo de Cinema e Vídeo do Rio de Janeiro, na Barra da Tijuca. Vestido todo em tons de azul, o cantor soltou um "que prazer rever vocês", empunhou o violão e dedilhou a impoluta "Detalhes" (1971).

Em seguida, uma seqüência motora – "As Curvas Da Estrada De Santos" (1969), "Calhambeque" (1964), "Parei Na Contramão" (1963) e "Por Isso Corro Demais" (1967) – acelerou no rock, embora com o freio de mão puxado. Apenas dois convidados ilustraram o projeto desplugado real: Samuel Rosa, do Skank, e Tony Bellotto, dos Titãs, que solaram "É Proibido Fumar" (1964) e "É Preciso Saber Viver" (1974), ambas regravadas pelas duas bandas. Da tão inspirada veia black, vieram "Eu Te Amo, Te Amo Te Amo" (1968) e "Todos Estão Surdos" (1971).

Se tudo der certo, você terá um disco, dois programas de TV (um na íntegra pela MTV e outro feito pela Globo, com enxertos de imagens geradas pela emissora musical) e um DVD para curtir o Rei – incluindo as recentes "Eu Te Amo Tanto" e "Grude", marteladas ao piano por ele. Se tudo der errado, haverá somente o CD, que sairá pela Sony em julho. A imagem de Roberto pertence à Globo, que até o fechamento desta edição não tinha liberado as filmagens para o especial e para o DVD. E, se der a louca no universo, o Rei romperá com o império global e abalará as estruturas da mídia pop nacional. No fim das contas, essa poderá ser a grande guinada de verdade que o *Acústico* trará à sua carreira.

Emerson Gasperin

Tony Belloto, no violão, é aplaudido por Sua Majestade: uma das raras participações especiais no programa

Moby e o anúncio da festa: será que ele vem?

Perdidos na selva

A Floresta Amazônica irá, mais uma vez, virar cenário das pirações da indústria musical. Depois de ícones pop e rock terem se aproveitado dos apelos emocionais da reserva natural, é a vez da música eletrônica usufruir as belezas do lugar. De 2 a 5 de agosto, acontece em Manaus a Ecosystem 1.0, uma rave que promete fazer até índio balançar o esqueleto ao som das pickups. Ou quase. Nomes como Afrika Bambaataa, DJ Spooky e Nação Zumbi já estão confirmados. Outros como DJ Marky, Orbital e (viva!) Moby ainda estão decidindo se devem vir respirar um arzinho puro no chamado "pulmão do mundo". A organização é creditada ao brasileiro Soul Slinger, dono do selo Liquid Sky, que fez carreira como DJ e produtor em Nova York, e está sendo endossada pelo governo do estado e pelo Greenpeace. Segundo o site oficial dos defensores da natureza, a organização foi convidada para "propor soluções ecológicas a fim de evitar impactos no meio ambiente". Questões como energia, lixo, esgoto e transporte estão na pauta e precisam ser muito bem resolvidas para que nem o país, nem a organização e muito menos o público pague um mico.

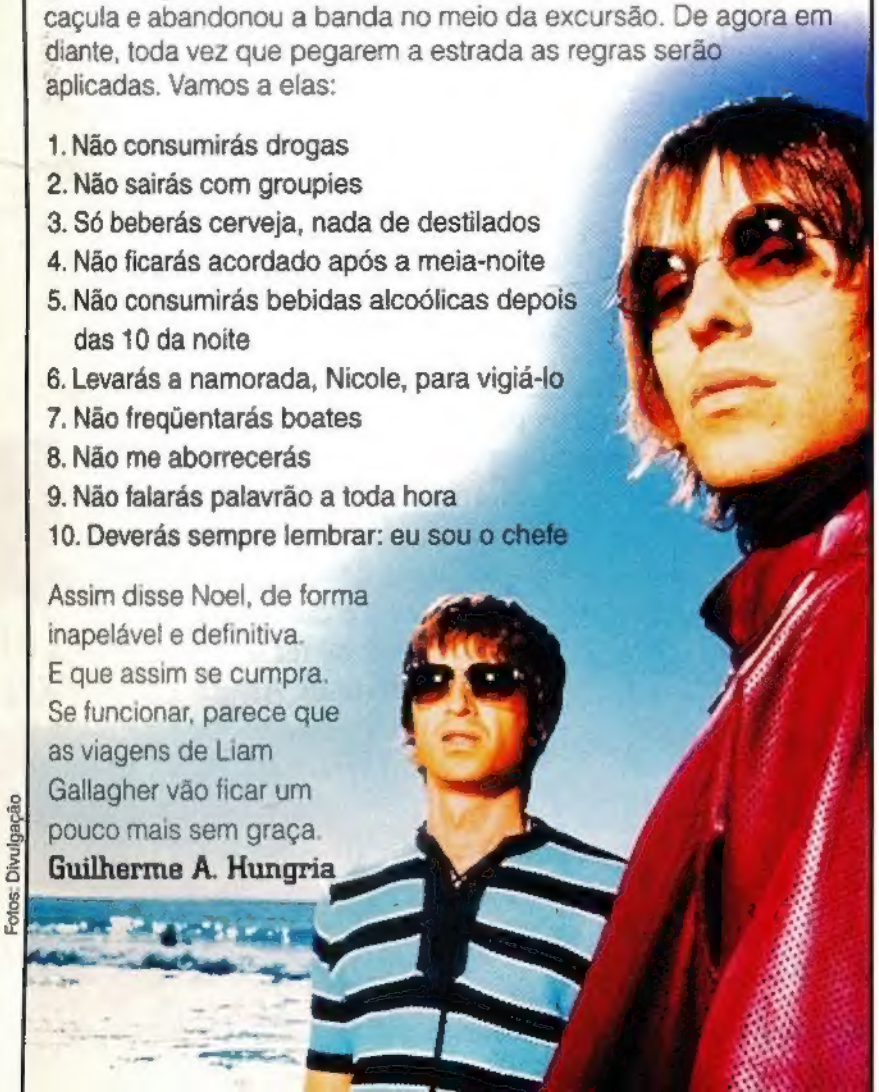
Moisés Gallagher

Deu no tablóide sensacionalista inglês *The Sun*. Como Moisés, Noel Gallagher divulgou os 10 mandamentos, só que, em vez de ser um parâmetro para a humanidade, as escrituras do líder do Oasis querem atingir apenas uma pessoa. Já prevendo problemas com o comportamento de rockstar do irmão Liam na turnê que o grupo está fazendo com os Black Crowes, o mais talentoso dos manos resolveu impor limites. Tudo para não repetir neste ano o que aconteceu em 2000, quando o guitarrista ficou de saco cheio das travessuras do caçula e abandonou a banda no meio da excursão. De agora em diante, toda vez que pegarem a estrada as regras serão aplicadas. Vamos a elas:

1. Não consumirás drogas
2. Não sairás com groupies
3. Só beberás cerveja, nada de destilados
4. Não ficarás acordado após a meia-noite
5. Não consumirás bebidas alcoólicas depois das 10 da noite
6. Levarás a namorada, Nicole, para vigiá-lo
7. Não freqüentarás boates
8. Não me aborrecerás
9. Não falarás palavrão a toda hora
10. Deverás sempre lembrar: eu sou o chefe

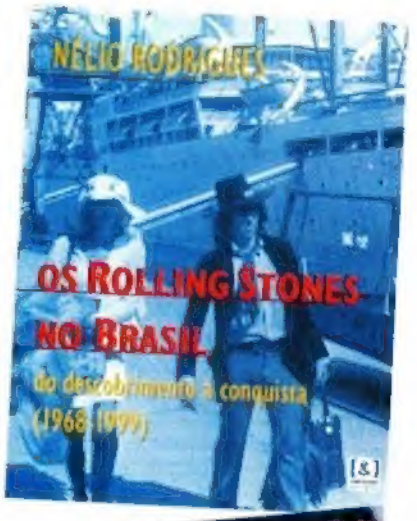
Assim disse Noel, de forma inapelável e definitiva. E que assim se cumpra. Se funcionar, parece que as viagens de Liam Gallagher vão ficar um pouco mais sem graça.

Guilherme A. Hungria


Fotos: Divulgação

Stones e Lennon chegam ao país

Dois livros imperdíveis para quem é ligado em rock-é-rock-mesmo foram lançados no país. *Os Rolling Stones no Brasil* (Ampersand Editora), como o próprio título indica, mapeia as aventuras de Mick Jagger e gangue em terras nacionais de 1968 ao nascimento do filho do bocudo com a modelo e apresentadora Luciana Gimenez, em 1999. Em formato grande (maior que BIZZ!), o luxuoso volume divide em capítulos cada pisada de algum stone em solo pátrio, tudo com cronologia e ilustrado com fotos maravilhosas. Seu autor, Nélio Rodrigues, reconstitui as primeiras visitas dos membros do grupo ao Rio (onde Mick e Marianne Faithfull levaram uma vaia no bar Antonio's) e à Bahia (foi de lá que saiu a inspiração "sambística" para "Simpathy For The Devil"), chegando até o momento em que, finalmente, os Stones se apresentam por aqui. *Lembranças de Lennon* (Conrad Livros), por sua vez, traz na íntegra a famosa entrevista que o músico deu à revista *Rolling Stone* em 1971, depois de deixar os Beatles. Entre outras revelações ao editor Jann Wenner, o artista fala sobre as experiências do grupo com as drogas, como foram feitas determinadas músicas e como se sentia desconfortável com aquela fama toda – e deixa claro que, dali por diante, ele acreditaria em Yoko Ono acima de todas as coisas.



O roqueiro que caiu na Terra

Reprodução

Ficções construídas sobre cacos da história da cultura pop não são lá tão raras (e já renderam pérolas como os filmes *The Wonders – O Sonho Não Acabou* e *Febre De Juventude*), mas poucas são tão saborosas – especialmente para fãs de histórias em quadrinhos – quanto a pouco badalada revista *Red Rocket 7*.

A série foi lançada em 1998 pelo quadrinista americano Mike Allred, o mesmo criador do celebrado herói Madman, já editado no Brasil. O argumento por si já é uma citação: um grupo de sete irmãos, extraterrestres, desaba em Florence, no Oregon, em 1953 – mais ou menos como o Ziggy Stardust de David Bowie. Eles são criados por um velho índio, e um dos tais, o número sete, resolve conhecer o mundo de carona. Logo no início da aventura, ele viaja com uns vendedores de melancia – o jovem Little Richard entre eles. Daí em diante, é uma sucessão de referências que farão a festa de quem conhece o bê-á-bá do rock'n'roll. A capa da sexta edição, por exemplo, era uma mimetização atualizada de *Sgt. Peppers* com todos os "amigos" de Red Rocket 7, como Angus Young, Elton John, Marc Bolan, Kiss, Billy Corgan e Kurt Cobain.

A série se divide em sete cabalísticas partes. Na primeira delas, Sete desaparece no meio de um show depois de um atentado provocado por uns alienígenas malvadões. Uma repórter da revista *Throb* sai à procura do rapaz que, mal imagina ela, também é um ET que não envelhece.

Aparentemente, Allred gostou de se embrenhar pelo universo pop, pois logo depois do fim da série lançou o disco de sua banda, The Gear. *Son Of Red Rocket 7* é bem menos pop do que o gibi, mostrando que Allred também é chegado numa barulheira dos diabos. Para amarrar tudo, foi lançada uma edição encadernada da série, que traz o CD de brinde e pode ser encontrada no site Things From Another World (www.tfaw.com)

Ricardo Alexandre

Terapia que quase deu certo

Andy Cairs: um pai possuído por letras sombrias

Há menos de uma década, quando as camisas de flanela e coturnos voltavam para o armário, as novas promessas do rock pós-Nirvana começavam a pipocar de todos os cantos do planeta. Anexados ao mesmo pacotão do novo metal alternativo (Tool, Helmet, Prong), os irlandeses do Therapy? – banda do vocalista e guitarrista Andy Cairns – foram uma dessas apostas que não alcançaram o topo das paradas. "Era uma coisa da imprensa e das gravadoras. Estávamos muito contentes com a vendagem de nosso CD da época, *Troublegum* (1994). Nunca acreditamos nesse hype", diz Andy, de Londres. O grupo, que comemora uma década de altos e baixos, pôs na praça *So Much For Ten Year Plan*, uma retrospectiva de seus seis álbuns que já foi pintada como uma trombada entre o Cure e Metallica. "Talvez em *Infernal Love* (1996) essa definição coubesse, mas o que me vem à cabeça é o termo punk."

Rock e atitude foram o que os irlandeses mostraram em sua passagem fugaz pelo finado festival Monsters Of Rock em São Paulo, quando tomaram um susto com o tamanho da cidade e ficaram incrédulos com uma garotada no hotel que conhecia e tinha álbuns e pôsteres da banda. "Conversamos com o pessoal do Mudhoney em Seattle e eles falaram maravilhas da turnê aí. Esperamos voltar." Um novo petardo, gravado em Seattle, deve ser lançado em meados de agosto com produção do grungeiro Jack Endino. "Jack rolava direto os discos do Nando e do Titãs. Em Seattle, ele nos levava para um restaurante de comida brasileira. Acho que ele virou um de vocês *(risos)*", conta o vocalista. O produtor foi escalado por seus trabalhos na Sub Pop, como os primeiros de Nirvana, Mudhoney e Supersuckers. "O som está mais cru e rápido, músicas de três minutos". E Andy, morador de Dublin e que mantém um selo de nome Blunt, é o mesmo de suas letras sombrias e caóticas? "Sou do jeito que sou, acabei de ter um filho, ou seja, uma pessoa comum. Às vezes, são os fãs que querem me ver como um ser sinistro. Nosso álbum estará até mais bem-humorado. Para você ver, há uma música chamada 'Give Back My Brain' ('Devolva Meu Cérebro')."

Marco Bezzi

Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz à padaria da esquina

QUE FIM LEVOU

Sebastian Bach

Divulgação

Com seu novo grupo, vocalista consegue reunir mais gente do que o reformado Skid Row

Em 1992, Sebastian Bach encarou 40 mil pessoas no Rio de Janeiro cantando no festival Hollywood Rock. Eram os dias de glória do Skid Row, seu explosivo grupo de hard rock. O disco *Slave To The Grind* havia estourado em vários países com os hits "Wasted Time", "Monkey Business" e "In A Darkened Room". Chegava-se a comparar a fama do vocalista com a de Axl Rose, do Guns N' Roses.

Três anos mais tarde, com o lançamento do álbum *Subhuman Race*, o Skid Row entrou em decadência diante da explosão do rock alternativo. Para piorar, discordâncias pessoais e profissionais resultaram na demissão de Sebastian em 1996. "Quero ressaltar que nunca saí do Skid Row. Eu fui é tirado do grupo", diz o vocalista em um papo telefônico.

Sebastian não perdeu tempo e juntou forças com a baixista e vocalista Kelley Deal (The Breeders), o baterista Jimmy Chamberlin (ex-Smashing Pumpkins) e o guitarrista Jimmy Flemion (ex-The Frogs). Sob o nome The Last Hard Men, eles gravaram um disco que hoje é apenas vendido no site www.sebastianbach.com. O quarteto nem chegou a excursionar. "Era mais um projeto de estúdio, não uma banda real", explica o cantor.

Sedento por heavy metal, ele contactou alguns músicos, formou o grupo Sebastian Bach & Friends e se apresentou nos Estados Unidos, no Japão e na Coréia. A recepção dos fãs foi tão boa que o vocalista decidiu gravar em 1998 o disco *Bring 'Em Bach Alive!*. O álbum traz 12 faixas ao vivo – a maioria do Skid Row – e cinco canções inéditas de estúdio. "Adorei o resultado do disco. A parte ao vivo é demais. Minha banda toca as músicas do Skid Row melhor do que o próprio Skid Row."

Mesmo longe da grande mídia, o magro cabeludo viu que ainda tinha um sucesso razoável. Algumas de suas apresentações nos Estados Unidos chegaram a atrair 2 mil pessoas. Mas tendo uma banda nova, por que encheu os shows com músicas do Skid Row? "Compus a metade de *Slave To The Grind*", defende-se. "Os caras podem ter me tirado do grupo, mas nunca tirarão o grupo de mim. Os artistas devem tocar as músicas que o tornaram famosos."

No ano passado, Sebastian distanciou-se brevemente de sua banda para atuar no musical da Broadway *Jekyll & Hide*. A escolha foi perfeita, já que os produtores queriam alguém com voz aguda e potente. "This Is The Moment", canção que interpretou no musical, está incluída no recém-lançado CD *Bach 2: Basics*. Esse álbum, só vendido no site do vocalista, traz também suas participações em discos de tributo a outros artistas, incluindo Ace Frehley (Kiss) e Randy Rhoads (ex-Ozzy Osbourne).

Agora o Sebastian Bach & Friends trabalha em um disco de estúdio a ser lançado no fim do ano. Despreocupado com as modas, o vocalista leva adiante o que faz melhor: rock melódico, energético e, acima de tudo, pesadíssimo. "Meu objetivo é fazer um disco melhor e mais pesado que *Slave To The Grind*. Quero compor pelo menos mais dez álbuns assim. O Skid Row fez apenas três discos, o que é uma piada."

Sua ex-banda também prepara álbum novo com seus membros atuais: o vocalista Johnny Solinger, os guitarristas Dave Sabo e Scotti Hill, o baixista Rachel Bolan e o baterista Phil Varone. O grupo estreou essa formação abrindo para o Kiss no ano passado. A recepção do público e da imprensa não foi nada calorosa. Sebastian, em contraste, tem feito shows bastante aclamados. "Você sabe o que esperar quando vê meu show anunciado: muito suor, energia e berraria!", diz, orgulhosamente.

Uma curiosidade final: a frase que explica essa seção, "Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz à padaria da esquina", não condiz com o status atual de Sebastian. "As pessoas me atacam seja lá onde eu estiver. Não posso entrar numa loja sem ouvir alguém gritar meu nome."

Daniel Oliveira

SHOWBIZZ
Para anunciar nesta seção, ligue:
São Paulo (0xx11) fone: 284-2255 fax.: 283-5029 cel.: 9603-7685
Rio de Janeiro (0xx21) fone: 579-2230 fax.: 579-2240

london calling
A mais completa em novidades e raridades.
Os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Rock-Pop dos 60 a 2001
ENVIAMOS PARA TODO O PAÍS
CDs - DVDs - VHS
(0xx11) 223-5300
Rua 24 de Maio, 116
Sobreloja 15 - São Paulo - SP
Vendas pelo nosso site: www.londoncalling.com.br
londoncalling@londoncalling.com.br

ATÉ QUANDO ESPERAR

Maravilhas que as gravadoras silvícolas ignoram

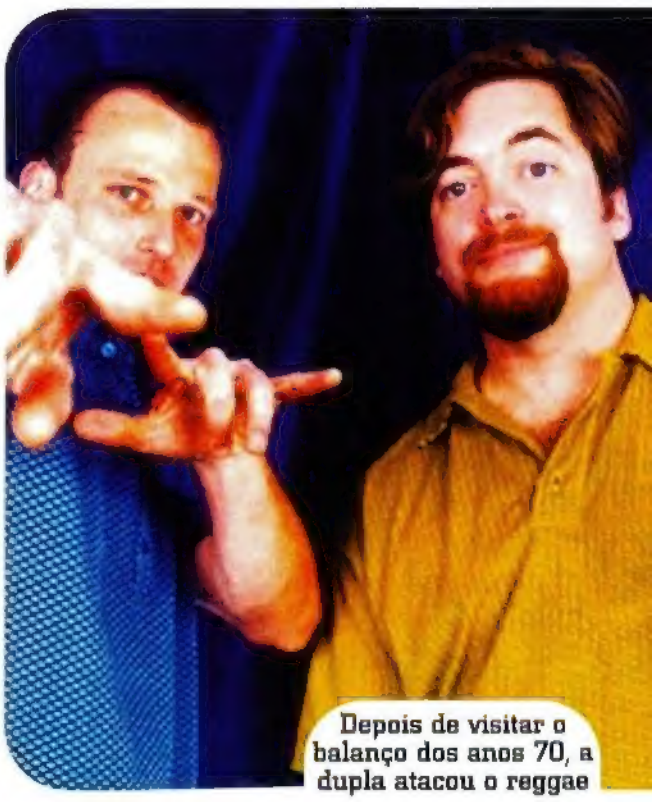
Hi Fi Killers

Veja como é possível se enganar a respeito de um artista antes de escutá-lo. Os Hi Fi Killers vêm de Seattle, mas não pense naquele gênero que celebrizou a cidade nos anos 90. Gravam pelo Loosegroove, selo do guitarrista do Pearl Jam, Stone Gossard, porém passam longe de cordas e rock. DJs e multiinstrumentistas, Kevin Lee Oakland e John Horn preferem investir naquilo que os americanos chamam de "música urbana moderna". A saber: um misto de rap, funk, reggae, eletrônica e tudo o mais que dá para tirar de carrapetas e cabeças bem abastecidas.

Em sua estréia, em 1997, com *Loaded*, a inspiração eram as trilhas sonoras da blaxploitation (filmes com temática e atores negros da década de 70), sinônimo de balanço fino e irresistível. *Possession*, no ano seguinte, continuou a exploração da dupla por diversos ritmos, da disco music ao acid jazz, do soul ao eletrofunk. Tais ingredientes, acrescidos pela magistral arte da capa – toda prateada, com a foto de uma garota de biquíni –, tinham tudo para transformar os Hi Fi Killers nos queridinhos dos pretendentes a cool.

O sucesso não apareceu e Kevin e John radicalizaram. Se, com os trabalhos anteriores, caberiam sem problemas no formato duo-que-usa-beats-para-modernizar-velhos-estilos, com *Jamaica* (1999) a dupla mais uma vez enterrou os estereótipos, a ponto de levantar suspeitas se realmente tratava-se da mesma banda. Ambos chegaram à conclusão óbvia de que a música que hoje é taxada de moderna tem origem no canto falado, na discotecagem e nas pirações de estúdio feitas desde sempre na ilha do Caribe. Começando pela capa (um negão de dreadlocks sobre as cores do país) e contando com as canjas do toaster Clinton "Basie" Fearon, o álbum viaja por dubs e raggas que não fariam feio em um sound system de Kingston ou em uma radiola de São Luís. Depois de descer tão baixo (o trocadilho está valendo), a dúvida agora é para onde eles vão se virar no próximo disco.

Emerson Gasperin



Depois de visitar o balanço dos anos 70, a dupla atacou o reggae

Influenciado por:
Curtis Mayfield, Grandmaster Flash, King Tubby, Lee Perry

Disco essencial:
Possession (1997)

Catatonia

Terra das ovelhas, do rúgbi, do poeta Dylan Thomas, do ator Anthony Hopkins e de uma língua esquisita, cheia de consoantes e fonemas esquisitos, porém de beleza auditiva inegável. Parte integrante do Reino Unido (ao lado da Inglaterra, Escócia e Irlanda), o País de Gales também vem se destacando por exportar algumas das mais cultuadas bandas dos últimos anos, como Manic Street Preachers, Gorky's Zygotic Mynci, Super Furry Animals e Stereophonics.

O último membro desse quinteto mágico chama-se Catatonia e por uma indesculpável barrigada da WEA permanece inédito no país. Nas terras da Rainha, porém, todos os súditos já foram conquistados pela mágica alquimia comandada por Cerys Matthews, bela antipopstar de poder vocal invejável (que em um instante pode ir da fortaleza rouca aos sussurros bucólicos) e construtora de versos inquietantes, com muita ironia, sarcasmo, heranças de lendas e provérbios celtas e alguns toques de conto de fadas.

O Catatonia estourou em 1997 com o aclamado *International Velvet*, que trazia hits como "Road Rage", "Mulder & Scully" (um paralelo entre relações amorosas complicadas e os protagonistas de *Arquivo X*) e a faixa-título, quase toda cantada em galês e ressaltando o orgulho de ter nascido lá. No fim de 1999 veio o sucessor *Equally Cursed & Blessed*, que deixou um pouco as sonoridades para tentar entrar – sem sucesso – nos Estados Unidos.

O tão aguardado próximo disco está programado para julho. Com o título provisório de *It's What's Not There That Makes What's There What It Is*, será encabeçado pelo single "Stone By Stone" – faixa que, segundo o bom humor de Cerys, "é tão difícil de ser descrita que parece Frank Zappa". Já para o disco inteiro ela promete letras malucas como "Misogyny". É esperar para ver. E rezar para a WEA finalmente preencher a lacuna...

Abonico R. Smith

Puxado pelas letras da vocalista Cerys, grupo prepara novo petardo

Fotos: Reprodução

Influenciado por:
Pop britânico dos anos 60, música celta tradicional, baladas de Tom Jones

Disco essencial:
International Velvet (1997)

Tranque o quarto, desligue o celular e tire o telefone do gancho.

E curta esse papo gostoso com Valéria Polizzi sobre sonhos, amigas, namorados, sexo, família, intimidades...

NAS LIVRARIAS SARAIVA, FNAC E CULTURA,
OU NAS MELHORES LIVRARIAS DE SUA CIDADE.

INFORMAÇÕES: (0**11) 3817-5000

SÍMBOLO
www.simbolo.com.br

O NOME DA ROSA
www.nomedarosa.com.br

PALCO Bem melhor do que no *Fantástico*

A fila não incomoda

Os milhares de fãs que aturaram o descaso da empresa vendedora de ingressos para o show do U2 foram recompensados com uma apresentação energética, recheada de surpresas e efeitos especiais

Arrowhead Pond
Anaheim, Califórnia, EUA, 23/4

Em fevereiro, a professora americana Susan Mills, de 34 anos, acordou cedo para enfrentar um desafio maior que o berreiro de seus alunos: comprar entrada para um dos shows do U2 na Califórnia. "As letras e músicas da banda são tão sinceras e genuínas que não posso perder nenhuma apresentação", afirmou ela.

Susan chegou em um dos guichês da Ticketmaster, empresa que gerencia ingressos nos Estados Unidos, às 7 horas da manhã. Ela sabia que os bilhetes poderiam se esgotar rapidamente, pois milhares de fãs estariam em outros postos. A professora acabou garantindo o nono lugar numa fila que aumentaria para 200 pessoas.

Duas horas depois, em uma tremenda sacanagem, a Ticketmaster ignorou a ordem de chegada na fila e entregou senhas aleatórias para os presentes. Susan recebeu a sua, mas seu número estava atrás de dezenas de outros fãs. "Fiquei muito puta. Pessoas que chegaram mais tarde conseguiram números melhores que o meu", explicou, revoltada.

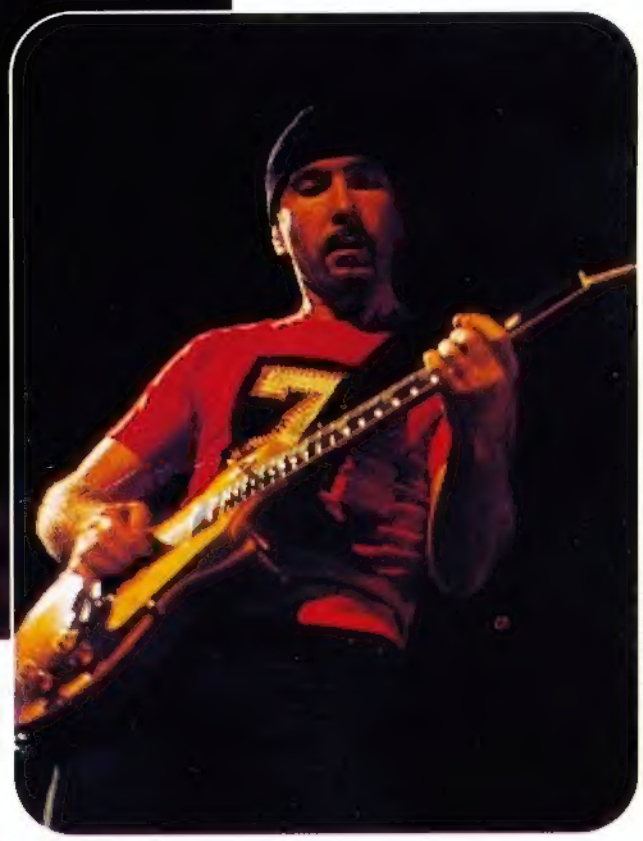
Quando Susan finalmente aproximou-se do guichê, às 12h30, o vendedor disse que ela não poderia escolher seu assento. Teria de pegar ou largar o que a Ticketmaster oferecesse. A professora pagou então 50 dólares por um dos piores locais: atrás do palco e na seção superior. "Eu queria, pelo menos, poder escolher. Pagaria até 150 dólares por um lugar melhor", admitiu.

Antes dessa batalha, Susan – que integra o fã-clube oficial do U2 – tentou comprar o ingresso pela internet com uma senha que a banda havia lhe enviado por e-mail. Ela matou aula para conectar no horário especificado, mas o site da Ticketmaster estava sempre congestionado. A professora tentou a cada 20 minutos durante o dia inteiro, e a página não aparecia na tela. "Posso estar errada, mas acho que a banda ficaria puta se soubesse o que os fãs enfrentaram", opinou ela. Por cortesia, BIZZ lhe deu um ingresso em frente ao palco em troca de sua história para esta matéria.

O esforço de Susan e dos milhares de fãs que lotaram a arena de Anaheim – cidade do No Doubt e da Disneylândia – acabou valendo a pena. O U2 reafirmou seu megaestrelato com um show energético, variado e, acima de tudo, imprevisível. Seja na iluminação, nos efeitos especiais ou na atuação dos músicos, esta apresentação da turnê de *All That You Can't Leave Behind* foi recheada de surpresas.

O início foi apoteótico e inesperado: o vocalista (e ocasional guitarrista) Bono Vox, o guitarrista (e ocasional tecladista) The Edge, o baixista Adam Clayton e o baterista Larry Mullen entraram com todas as luzes do estádio acesas. Como em um grande ensaio público, eles injetaram gás total em "Elevation", a canção do disco novo que batiza a turnê. Depois, prosseguiram com "Beautiful Day" e "Until The End Of The World", quando as luzes do local finalmente se apagaram, dando lugar à iluminação de palco.

Em mais de duas horas de show, o U2 calou a boca das bandas que dizem que música é tudo e visual é nada. Silhuetas de mulheres nuas elevaram-se durante



Enquanto Bono *(acima)* alternou seriedade e bom humor, The Edge exibiu sua maestria habitual

Fotos: Daniel Oliveira

Banda entrou no palco com todas as luzes acesas, como se fosse um grande ensaio aberto ao público

"Mysterious Ways" e imagens de constelações modelaram o teto da arena durante "With Or Without You". Um belo fundo vermelho realçou as luzes amarelas durante "Where The Streets Have No Name", enquanto filmagens do quarteto brilharam no topo do palco.

MOSCAS PARA PJ HARVEY

Outro ponto positivo do show foi o carisma de Bono. O vocalista pulou, correu e rolou no chão sem nunca comprometer sua voz. Ele chegou até a beijar uma fotógrafa na boca. Os presentes cantaram em uníssono a maioria de suas melodias, elevando os decibéis em "Bad", "Sunday Bloody Sunday" e "Pride (In The Name Of Love)".

Bono soube também balancear seriedade e bom humor. "Esta música vai para um amigo que ainda deveria estar conosco. É para você, Michael Hutchence", anunciou antes de "Stuck In A Moment You Can't Get Out Of", homenageando o falecido vocalista do INXS. Momentos depois, ele disse, rindo: "Agora farei uma coisa dificílima para qualquer vocalista: apresentar os membros da banda".

A variedade de emoções também distinguiu o show. Músicas como "I Will Follow" exemplificaram a animação de uma grande noite de rock: batidas agitadas, refrãos cativantes e guitarras possantes. Já baladas como "One" acalmaram os fãs com climas relaxantes e atmosféricos. "Bullet The Blue Sky", em contraste, propiciou calafrios com sua melodia sombria e seu andamento moderado. A música abriu com um vídeo do ator Charlton Heston, presidente da Associação Nacional de Armas, defendendo o uso de armas nos Estados Unidos. Para sacaneá-lo, o telão mostrou em seguida uma criança segurando um revólver e imagens de guerras e porradarias variadas.

O aspecto negativo da apresentação foi justamente o que a nossa entrevistada conseguiu evitar: assistir ao show nos assentos atrás do palco. Adam e The Edge, ao contrário de Bono, ignoraram a existência desses fãs azarados. O guitarrista e baixista mal viraram as costas para saudá-los (Larry não conta porque é baterista). Além disso, a maioria dos efeitos visuais foi elaborada para a frente do público.

A abertura da noite ficou por conta da musa alternativa P.J. Harvey. Com um visual glamouroso – vestido prateado e maquiagem carregada –, ela animou os presentes com sua voz mélodica e suas canções agridoces. Uma pena que a MTV e as rádios americanas lhe dêem tão pouca atenção. Ela não fica nada atrás de Dido, Alanis Morissette, Sarah McLachlan e outras "medalhonas" do rock-pop feminino. Infelizmente, P.J. iniciou sua apresentação às 19h30 – um horário inadequado para uma segunda-feira. Com o rush durando nas rodovias californianas até a caída da noite, a vocalista encarou uma arena quieta e semivazia.

Daniel Oliveira

PALCO

Cantor exibiu seus conhecimentos à platéia que queria hits

Marcello Vitorino

Aula musical digna de nota

Ed Motta
DirecTV Hall – São Paulo, 11/5

Na segunda temporada de shows para promover *As Segundas Intenções Do Manual Prático...*, Ed Motta enfrentou um fortíssimo adversário. A alguns quilômetros dali, Lulu Santos lotava uma casa de espetáculo bem maior, divulgando também pela segunda vez seu vitorioso disco acústico. Ainda assim, lotação quase esgotada para ver o gordo que mais entende de música nessas plagas.

A platéia, acomodada em cadeiras e mesas, ficou um pouco indecisa durante a performance impecável do cantor, que teve início com "Mágica De Um Charlatão" e "Dez Mais Um Amor". As mulheres ficavam mexendo a cabeça e segurando a cintura, enquanto seus acompanhantes pediam doses de uísque. Os casais batiam palmas, vibravam nos momentos de "edmottês", mas pareciam contar os segundos até o surgimento do primeiro verso de "Manuel" (aos 35 do segundo tempo, quando as cadeiras finalmente ganharam um chega-pra-lá). Um gaiato passou o show inteiro gritando: "Ed, chama a galera pra dançá!", sendo ignorado friamente pelo artista, que preferiu seguir desfilando o fino de seu repertório, sem sair do roteiro.

Quem foi com intenções menos óbvias pôde assistir a uma pequena aula de música. Além da banda ser muito afiada, o nerd Ed fez questão de anunciar os autores de cada canção e de explicar cada levada (disse que "Pisca-Alerta" é um boogaloo acelerado, "Conversa Mole" é um northern soul e "Outono No Rio", um foxy blue). Temperou contando piadas sobre seu peso e caçoando de jornalistas boçais. No momento em que assumiu o piano Fender Rhodes, citou "Do It Again", do Steely Dan, e não perdeu a chance de comentar a genialidade da dupla, que ele homenageou em "Suddenly You", um blues com harmonias de jazz.

No finzinho, deixou escapar o que o povo queria: "Vamos Dançar", "Fora Da Lei", "Solução" e a reprise de "Colombina". Fez isso para provar a máxima de seu tecladista, o preciso Fábio Fonseca, que disse "quanto mais nota, menos nota (grana) e ninguém nota". Ed mandou essa, todos aplaudiram concordando e a noite se encerrou. Lulu também deve ter pensado parecido, mas foi mais esperto ao escolher o caminho das notas.

José Flávio Júnior

Despencou o queixo

Television
Sheperds Bush Empire
Londres, 15/4

O show acabou. Hora de ir embora. Mas agora precisamos reaprender a andar. Talvez ajude se conseguirmos descolar os queixos do chão. Mas como? O que houve aqui, afinal? OK, vamos começar de novo. O Television, a banda que inventou a guitarra virtuose punk e fez disso uma boa coisa, está de volta.

Ao contrário de 1992, dessa vez eles nem lançaram disco novo. Não é necessário.

A música de Tom Verlaine (vocal, guitarra), Richard Lloyd (guitarra), Fred Smith (baixo) e Billy Ficca (bateria) não corre o menor risco de envelhecer porque, em primeiro lugar, nunca se pretendeu jovem.

Eles sobem ao palco em silêncio. Quando iniciam a comunicação com o público, é do jeito que sabem melhor: com as guitarras. Lloyd e Verlaine entrelaçam solos, riffs e bases ímpares. São aquelas frases curtas, de quem não tem muito treino formal, mas que se estendem de formas inesperadas, transcendem a aparente simplicidade e mostram que a psicodelia não depende dos anos 60. As músicas da obra-prima *Marquee Moon* (1977) são poucas e vêm em dose homeopática, mas não faz a menor diferença. Hoje, canções são secundárias. O que importa são as guitarras, livres da estrutura musical e até da improvisação convencional.

O controle sobre os músculos da mandíbula aos poucos abandona a audiência. O processo se acelera nos vinte e poucos minutos de "Marquee Moon", que encerra o show. No fim, ninguém realmente se importa de fechar a boca. Os primeiros aplausos levam quase dois minutos para começar. O show não precisa de bis. Não precisa de mais nada. Hora de ir embora. Mas agora precisamos reaprender a andar. Talvez se conseguirmos descolar os queixos do chão. Mas como? O que houve aqui, afinal?

Na verdade, precisamos do bis, sim. As três músicas, que em qualquer outra ocasião valeriam a noite, hoje servem como câmara de descompressão, para voltarmos à realidade e lembrarmos que para andar a gente usa uma perna e depois a outra, que para chamar o ônibus a gente levanta o braço, que para abrir a porta de casa a gente roda a chave, enfim, essas trivialidades tão facilmente esquecíveis.

Fabio Bianchini

AS 40 MAIORES TRAPALHADAS DO ROCK NACIONAL

Ídolos são aqueles seres que não precisam pagar contas, não soltam gases malcheirosos nem se preocupam com prazos e patrões, entre outras atitudes prosaicas que atormentam o resto da humanidade. Era o que a gente pensava até vasculhar arquivos dados como perdidos, gavetas bagunçadas e edições passadas – e, claro, dar meia dúzia de telefonemas-chave para pessoas conhecidas pela facilidade com que entregam o deslize alheio. Sabe o que descobrimos? Que os ídolos são mais parecidos com os fãs do que pensávamos. Eles também perdem horários, falam o que não devem, tomam decisões erradas, enfim, cometem asneiras que envergonhariam qualquer um. É verdade que ficamos um pouco chocados com essa revelação, pois é sempre desalentador perceber que aquele cara que você admira não passa de um tremendo vacilão. Mas, depois, refeitos do susto, pensamos: pô, eles são gente também. E continuamos a amá-los e "respeitá-los", agora com muito mais vigor. Apesar de tudo.

Textos de: Abonico R. Smith, Alexandre Matias, Emerson Gasperin, José Flávio Júnior, Luciano Marsiglia, Ricardo Alexandre e Sérgio Martins

RAINHA, MAS DO LAR

Gravações como "Estúpido Cupido", "Broto Legal" e "Banho De Lua" e um programa de TV ao lado de seu irmão Tony quase fizeram de Celly Campelo a rainha do rock no Brasil. Quase porque, no começo da febre da Jovem Guarda, em 1962, a cantora paulistana abandonou a carreira para se casar e virar uma pacata dona de casa. Após 20 anos de dedicação ao lar, Celly voltou a fazer esporádicos shows. Em uma entrevista em meados dos anos 80, ela declarou ainda gostar muito de rock, mas de coisas mais calmas, como Julio Iglesias.

O MERCADO COME CRU

Todo mundo conhece a história da gravadora Decca, que recusou os Beatles porque "quarteto de roqueiros estava fora de moda". Mas um dos principais fenômenos do novo pop nacional também amargou um "não" de um produtor badalado. O grupo em questão é o Los Hermanos, que em 1998 levou sua fita demo para a apreciação de Carlos Eduardo Miranda, responsável pelo descobrimento dos Raimundos e dos Virguloides, entre outros. Miranda tinha acabado de ingressar na gravadora Trama e não se sensibilizou com a música dos meninos. "Achei o som deles um pouco cru", confessou, anos mais tarde. O produtor preferiu apostar nos Cowboys Espirituais, Jupiter Apple, Da Guedes e Pia. Quanto aos Hermanos, eles se bandearam para a Abril Music e venderam 200 mil cópias de seu disco de estreia, puxado pelo hit "Anna Júlia".

Anna Julia confirmou a mancada

CHAPÉU DE TOURO PARA RENATO

VOCALISTA SE FANTASIOU TODO PARA ESPECIAL DE TV

Durante a década de 80, a Rede Globo descobriu o filão dos especiais infantis. Os dois primeiros eram conceituais (*Pirlimpimpim*, sobre o *Sítio do Picapau Amarelo*, e *Plunct Plact Zum*, sobre a infância) e trouxeram muita gente boa, como Raul Seixas, Bebel Gilberto e Gang 90. Com a fórmula descoberta, a overdose desgastou o formato, que teve seu ápice trasheiro em 1986, em *A Era dos Halley*, a respeito de uma família espacial criada durante as expectativas da passagem do tal cometa pela Terra após 76 anos. Assim como o astro, ninguém viu o programa, que contava com músicas inéditas de dois pesos pesados do rock nacional: Titãs ("Planeta Morto") e Legião Urbana ("O Senhor Da Guerra"). Essas gravações originais nunca foram incluídas em álbuns oficiais de ambas as bandas. No caso da Legião Urbana, quem pagou mico maior foi Renato Russo, que teve de encarnar o protagonista da canção usando roupas medievais, chapéu viking de chifrinho e espada. Obs.: "Planeta Morto" está na edição titânica da compilação dupla *E-collection*, da WEA, e "Senhor Da Guerra" ganhou um "Canção Do" no nome e foi incluída com novo nome e em gravação demo (com bateria eletrônica vagabunda e apenas Renato Russo tocando os instrumentos) na colcha de retalhos *Música Para Acampamentos*.

Não sabemos onde foi parar a espada...

O FIM DO COMPACTO

BRASIL ACABA COM SUCESSO DE 60 ANOS

Em qualquer lugar do mundo, o compacto (aquele disquinho com o hit no lado A e uma música diferente no lado B) serve para testar a reação do mercado diante de um lançamento. No Brasil, o formato foi importante para a consolidação de vários movimentos musicais e para lançamentos de bizarrias que não mereciam um disco cheio. Para o nascimento do rock nacional dos anos 80, por exemplo, desempenhou papel fundamental. Com a popularização do compact disc, o CD-single passou a ser comercializado nos países cujo mercado fonográfico era forte, como Estados Unidos, Austrália e Reino Unido (onde o lance dá certo até hoje). Mas, por aqui, a produção dos compactos miou em 1986 e o CD-single nunca foi implantado, apesar das promessas. O produtor Pena Schmidt, um entusiasta do formato e que trabalhava na Warner na época, confirma a trapalhada: "Foi uma extinção ditada pela arrogância, uma decisão da indústria, não uma característica do mercado. Os caras *(gravadoras)* se reuniram e acabaram com uma receita de sucesso que já durava 60 anos."

O dalai-lama do timbau e Andreas: dificilmente, você verá esta cena de novo

Jorge Rosenberg

BROWN F... SHOW DO SEPULTURA

[illegible] "SALVAR" METALEIRO [illegible]

Em agosto de 1998, o quarteto mineiro Sepultura organizou uma apresentação no Anhembi (São Paulo) para mostrar ao público o vocalista Derrick Green, substituto de Max Cavalera. Uma das participações especiais era Carlinhos Brown. Como é do seu feitio, o batuqueiro gênio conseguiu ofuscar convidados como Mike Patton (do Faith No More) e Jason Newsted (ex-Metallica) com uma performance, digamos, particular. Ele ficou sabendo de uma carta escrita por um suposto fã do Sepultura, dizendo que ia se matar naquele dia. E passou boa parte do "show" berrando gemas da sabedoria do tipo "a vida é bela". A princípio, os metaleiros ficaram emocionados com a iniciativa. Depois, ordenaram que o som do microfone do dalai-lama do timbau fosse sumariamente desligado. Hoje, nem querem ouvir mais falar de Carlinhos Brown. "Eles dizem que a participação dele nos CDs do Sepultura era coisa do Max", entrega uma fonte da banda

REI E BOSSA NOVA NÃO COMBINAM

ROBERTO CARLOS FRACASSA AO IMITAR JOÃO GILBERTO

Vindo de Cachoeiro do Itapemirim (ES) para o Rio de Janeiro com 15 anos, Roberto Carlos tinha um objetivo muito claro: tornar-se um cantor reconhecido, como seus ídolos Tito Madi e Cauby Peixoto. Logo em 1957 o rapaz já estava infectado com o vírus do rock'n'roll e, vestindo blusa de couro vermelho igual à de James Dean em *Juventude Transviada*, tocava canções de Little Richard, Buddy Holly e Elvis Presley em programas de rádio da cidade. No entanto, com o sucesso de João Gilberto e da bossa nova, Roberto viu no estilo sofisticado e inovador uma brecha para se lançar como crooner. Uma noite, o apresentador, empresário, compositor e picareta de plantão Carlos Imperial avistou o futuro Rei cantando baixinho na boate Plaza. Imperial arranjou um contrato com a Polydor, por onde Roberto lançou um 78 RPM com as bossas "João E Maria" e "Fora Do Tom". O disco foi um fracasso tão grande que Roberto teve de trabalhar por mais de um ano no Ministério da Fazenda para se sustentar. Somente em 1962, quando começou a compor com Erasmo Carlos – que conhecera na Tijuca – que Roberto adquiriu confiança para retornar ao rock e conhecer a glória que tanto perseguia.

"Só vou voltar ao banquinho e violão quando gravar meu *Acústico*, mora?"

COM ELE EU NÃO ASSINO!

Raphael Vilardi e Amaldo Baptista começaram a tocar juntos em 1962. Ainda arranhando na guitarra e no baixo, os dois formaram o grupo The Thunders e, em seguida, entraram para o Wooden Faces. Em 1965, já com o guitarrista Sérgio Dias e Rita Lee, mudaram para Six Sided Rockers. Rebatizado como O'Seis, no ano seguinte a banda lançou um compacto com as músicas "Suicida" e "Apocalipse". Foi quando Amaldo conheceu Asdrúbal Galvão. Insatisfeito com o desempenho de Toninho Peticov em promovê-los, o baixista acreditou que o empresário poderia ser o atalho que levaria o sexteto para os lugares certos. De acordo com o livro *A Divina Comédia dos Mutantes* (Editora 34), de Carlos Calado, Amaldo, Sérgio e Rita resolveram assinar com Galvão, excluindo a vocalista Mogguy e o baterista Pastura. Ao ser comunicado sobre a decisão – e convidado a se juntar ao trio – o guitarrista pulou fora por não confiar no novo empresário e, além disso, namorar Mogguy. Poucos meses depois, o grupo mudaria o nome para Os Mutantes. Fica a história de Raphael Vilardi em homenagem a todos aqueles que deixaram seus grupos antes da fama bater à porta.

ENGENHEIROS DE QUEM?

Até hoje esta história é mal explicada e o ex-integrante Augusto Licks nunca mais deu qualquer entrevista para ajudar a esclarecer o caso. Quando foi saído do grupo gaúcho, no começo dos anos 90, o guitarrista chegou a ameaçar os remanescentes Carlos Maltz e Humberto Gessinger dizendo que havia registrado o nome Engenheiros do Hawaii e que a dupla teria de ser rebatizada se quisesse seguir em frente. Humberto peitou a briga, permaneceu como Engenheiros do Hawaii e ainda comprou a parte de Maltz mais tarde. Para que é que não dá para entender.

CHAPA BRANCA INCRÍVEL

Durante a gestão do presidente Médici, de 1969 a 1974, o país viveu os anos mais duros da repressão militar. Em nome da segurança nacional, intimidações, torturas e assassinatos foram intensificados. Nesse clima pesadíssimo, em 1970 Os Incríveis gravaram a chapa branca "Eu Te Amo Meu Brasil" (de Dom, que fazia dupla com Ravel). Egressos da Jovem Guarda, Manito, Netinho, Nenê e Mingo tiveram outros sucessos, mas serão para sempre lembrados pelo ufanismo inoportuno dessa canção.

CADEIRA SUJA FICHA DE TIM MAIA

O cantor Tim Maia sempre gostou de uma encrenca. Em 1964, foi deportado dos Estados Unidos – para onde havia migrado cinco anos antes – por posse de drogas e arrombamento de casas. De volta ao Brasil, ele retardou em cinco anos o surgimento da soul music nacional. Tim foi participar de um programa de auditório e acabou roubando as cadeiras do local. Há duas versões para o furto. A primeira é que ele pegou as cadeiras para levantar um troco e tomar sorvete. A segunda atesta que Tim queria dinheiro para comprar um baseado mesmo. Seja qual for a verdade, o cantor sempre considerou o episódio uma das maiores besteiras de sua vida. "Foi uma cagada", dizia.

LIVRO EXPÕE INTIMIDADE DO MAMONA DINHO

Antes do relacionamento com a modelo Valéria Zopello, o vocalista Dinho, dos Mamonas Assassinas, namorava Mirella Zacanini, filha do ex-produtor da banda. Logo após o acidente que matou todos os integrantes do grupo, ela publicou o livro *Pitchulinha, Minha Vida com Dinho*, expondo todas as intimidades do casal e reivindicando para a família a imagem "nós descobrimos os Mamonas". Houve polêmica na época e muita gente chiou.

Como empresários, eles se revelaram ótimos artistas

Divulgação

RPM TORRA FORTUNA EM SELO

CAIXA DA GRAVADORA VAI EMBORA NA PONTE AÉREA

O RPM já havia encerrado turnê que rendeu o multiplatinado disco *Rádio Pirata Ao Vivo*, um vídeo e milhões de espectadores. Mas seu relacionamento interno estava péssimo, especialmente entre Paulo Ricardo e Luiz Schiavon. Para tentar arejar o ambiente, o grupo decidiu fundar um selo, o RPM Discos, cujo primeiro lançamento chegou às lojas em maio de 1987. Numa dívida com seu passado pós-punk, o primeiro contratado foi o Cabine C, do ex-titã Ciro Pessoa, que lançou *Fósforos De Oxford*, gravado em excelentes estúdios e com capa e encarte luxosos. Mal o disco saiu e o selo começou a render mais brigas entre o quarteto, que culminaram com a inadimplência da gravadora logo que começou a se arquitetar o segundo álbum: um LP de Elza Soares produzido por Branco Mello. Todo o caixa da empresa foi gasto em passagens aéreas entre Rio e São Paulo, e o selo fechou pouco depois do Cabine C ser posto no comércio. Ciro Pessoa ficou preso à RPM Discos lhe devendo um adiantamento em dinheiro e, quatro meses depois, o próprio RPM anunciaria seu fim.

ESSA É A SUA VERSÃO DA HISTÓRIA

ARTISTAS CRIAM AVERSÃO COM TRADUÇÕES DO INGLÊS

Muitos põem a culpa nas gravadoras (que são acostumadas a fazer esse tipo de proposta indecorosa mesmo), mas sempre tem um artista nacional querendo voltar aos holofotes usando um hit gringo. Com poucas exceções dignas de nota, grande parte destas versões só nos ajudam a sentir ainda mais vergonha da produção musical do país. BIZZ alerta: na dúvida, não faça uma versão.

Original	Versão	Como ficou	Veredicto
"No Woman No Cry", de Bob Marley	"Não Chores Mais", de Gilberto Gil	"Tudo, tudo, tudo vai dar pé..."	Depõe contra a maconha
"Hey Jude", dos Beatles	"Hey Jude", de Kiko Zambianchi	"Hey Jude, pra que chorar? Sabe a vida? Ainda é bela..."	E ele ainda pergunta pra que chorar
"Starman", de David Bowie	"Astronauta De Mármore", do Nenhum de Nós	"Sempre estar lá, ver ele *(sic)* e voltar..."	Os caras faltaram à aula de português
"I Am Believer", dos Monkees	"Não Acredito", de Lulu Santos	"... amor fosse mole, algo assim feito requeijão..."	Amor? Requeijão?
"Eu Não Sou Cachorro Não", de Waldick Soriano	"I'm Not Dog No", do Falcão	"Who say no to big love doesn't merry to be happy or so little to be love..."	Mestre!
"I Should Be So Lucky", de Kylie Minogue	"Acho Que Sou Louca", de Simony	"Acho que sou louca, louca, muito louca, acho que sou louca demais..."	Afro-X que o diga

SKANK MARCA GOLAÇO... CONTRA

HIT DO GRUPO SÓ TROUXE AZAR AO FUTEBOL NACIONAL

OK, "É Uma Partida De Futebol" é uma excelente música, com batida, riff, refrão, melodia, tudo irresistível. OK, bater uma bolinha é e sempre foi a grande paixão nacional. Esse casamento não poderia ter sido tão perfeito. Só que, desde que foi lançado, o novo hino do futebol brasileiro tem trazido má sorte. Perdemos a Copa da França por causa do piripaque do Ronaldinho. Nossos clubes nunca mais foram campeões em Tóquio. A tão sonhada medalha de ouro olímpica continua distante das fronteiras. Os campeonatos, desorganizados, estão longe de todo o glamour de antes. Os estádios recebem cada vez menos gente nas arquibancadas e até a audiência da televisão despencou. O esporte está sendo investigado em todas as suas estruturas. E os craques, de glórias tão ressaltadas na voz de Samuel Rosa, estão muito raros nos campos e nas partidas da seleção brasileira, que ainda corre sério risco de pela primeira vez não ir a uma Copa do Mundo.

O DIA QUE O TREMENDÃO TREMEU

MALTA HEADBANGER HOSTILIZA ERASMO CARLOS

Não há dúvidas de que o primeiro Rock In Rio foi marcante para o rock nacional, mas ninguém ficou com cicatrizes tão profundas quanto Erasmo Carlos. O pai do gênero no Brasil foi escalado bizarramente para a noite de abertura, 11 de janeiro de 1985, que contaria ainda com Queen, Whitesnake e Iron Maiden. Pensando em homenagear o rock pesado, Erasmo subiu ao palco com um figurino de couro, com muitas tachinhas e longas franjas, para cantar baladas como "Gatinha Manhosa" e "Mulher". A malta headbanger sentiu-se provocada e valou impiedosamente o Tremendão. "Nunca pensei que fossem reagir dessa maneira", contou o cantor a BIZZ. "Eles acreditavam que o Ozzy comesse rato mesmo, estavam motivados por aquilo." Constrangida pela trapalhada de escalar Erasmo na noite heavy metal, a organização transferiu o show seguinte do cantor (inicialmente programado para a mesma noite de AC/DC e Ozzy Osbourne, 19 de janeiro) para o dia 20 de janeiro, com Yes, B-52's e outros artistas mais pacíficos.

RITA LEE SAI (OU É EXPULSA) DOS MUTANTES

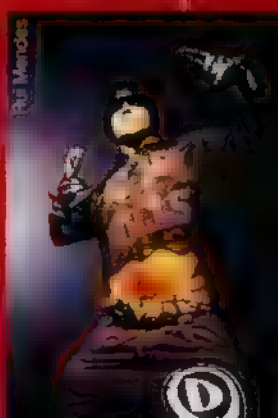
Foi ela quem tomou a iniciativa ou os outros integrantes a expulsaram? A cantora contou a BIZZ que, por não concordar com a inclinação progressiva que o grupo estava tomando, foi despachada na marra. O guitarrista Sérgio Dias, por sua vez, disse que nunca, em nenhum momento, foi insinuado que não haveria mais lugar para ela na nova proposta da banda. Eles podem discutir à vontade, mas a verdade é que os Mutantes perderam todo o humor com a saída de Rita Lee.

INOCENTES NUS E CRUS

Não deve ter sido nada fácil para os Inocentes recuperarem o prestígio e o respeito com os punks depois de gravar *Pânico Em SP* (1986) pela multinacional Warner. Aquela velha história de "traidores do movimento", sabe como é. Porém é bem provável que até mesmo Clemente e seus companheiros não se perdoem até hoje por posarem para a capa do disco de 1989, intitulado simplesmente *Inocentes*, como vieram ao mundo – será que a foto deles peladões fazia parte de um conceito?

O PRIMEIRO A SE DAR MAL

Primeiro artista a usar sampler no Brasil, Edu K flertou com o rap, com o hard rock e com o thrash antes desses gêneros estourarem. Previu a estética mistureba que reinou no começo dos anos 90 com o disco *Kingzobullshit* (do Defalla), inaugurou o funk metal com a faixa "Repelente", foi o primeiro a dizer que R&B era legal no disco-solo *Meu Nome É Edu K* e prenunciou o ataque pancadão do funk carioca com seu *Miami Rock 2000*. Mas o máximo da popularidade que conseguiu foi quando ficou peladão na Rede Globo ao abrir para os Red Hot Chili Peppers no lendário Hollywood Rock de 1992. Coisas do rock brasileiro.



PRÉ RAPPA ABRE PARA MANÉ

Há males que vêm para o bem, diz o ditado. Durante a explosão dos shows de reggae de quarta categoria que assolou o Brasil no início da década de 90, uma turma de amigos foi recrutada para servir de apoio a Pato Banton em sua incursão por solo nacional. Logo depois da turnê, formou-se uma banda oficial com o nome de O Rappa e um vocalista (Marcelo Falcão). Hoje, meio disco do grupo tem muito mais valor artístico que toda a carreira do reggaeman.

PROCURAM-SE CANDIDATOS A PALHAÇOS

Não vamos nem entrar no mérito se os Mamonas Assassinas eram legais ou não. Mas uma coisa não se discute: por causa do sucesso deles, em 1995 todas as grandes gravadoras contrataram bandas engraçadinhas que ofendiam a inteligência do ouvinte. Como Deus é bom, milidades do quilate de Os Beirada De Pizza, Pino Solto, Braulio E Seus Penelhos, Fincabaute (da pérola "Coisa De Maluco") e Pamonhas Suicidas, entre outras, soltaram seus discos e voltaram correndo para o anonimato — de onde, aliás, nunca deveriam ter saído.

BANDAS DE CRÍTICOS

Cansados de ouvir e malhar a mediocridade alheia, vários jornalistas que passaram por BIZZ acharam que não havia nenhum empecilho moral em montar suas bandas e permanecer avaliando o trabalho dos outros. Alex Antunes (Akira S E As Garotas Que Erraram), José Augusto Lemos (Chance), Rogério de Campos (Crime), Fernando Naporano (Mana Angélica Não Mora Mais Aqui) e Thomas Pappon (Fellini). Nenhuma delas se criou e, ainda por cima, deu argumentos de sobra àqueles que dizem que todo crítico é um músico frustrado. A menção honrosa vai para Jim Joe (hoje tocando com Wander Wildner) e Carlos Eduardo Miranda, que cometeram a picaretagem suprema Atnualpa Y Os Panquis, detonado pela própria revista.

IRA! DETONA FESTIVAL

DESABAFO FOI NA COLETIVA DO EVENTO

Acredite: Edgard Scandurra era assim

Oscar Cabral

O quarteto paulistano Ira! colecionava confusões em sua carreira. Ora era briga com outras bandas, ora com os produtores, ora com a gravadora. Mas, como vendia cada dia mais e tinha música em trilha de novela ("Flores Em Você", em *O Outro*), ficava tudo por isso mesmo. Pouco antes de lançar um dos trabalhos mais experimentais de sua geração, o conceitual *Psicoacústica*, a banda foi convidada a tocar na primeira edição do Hollywood Rock, em janeiro de 1988. Durante as próprias entrevistas coletivas organizadas pelo festival, seus integrantes acharam uma excelente idéia aproveitar toda a imprensa reunida para denunciar que os artistas brasileiros não recebiam cachê para se apresentar e que tinham tratamento inferior ao destinado às estrelas internacionais. Sem apoio de outras bandas (como aconteceria no Rock In Rio Por Um Mundo Melhor, exatamente pelo mesmo motivo), O Ira! viu sua popularidade despencar em praça pública. Enfrentou inúmeros problemas com o som em seu show e seus principais "concorrentes", os Titãs, saíram como grandes vitoriosos do festival, alargando a distância sobre os grupos paulistas.

ROGER ACREDITA EM COLLOR

ALÉM DE VOTAR NO ESCROQUE, ELE AINDA POSOU NU

No fim da década de 80, Roger Rocha Moreira, líder do Ultraje A Rigor, finalmente revelou quem foi a inspiração do seu hit "Inútil": ele mesmo. Rebelde sem causa, o vocalista apontou Fernando Collor de Mello como a grande salvação do país. "Ele vai melhorar a nação", dizia para os jornalistas. Quem sabe um pouco mais da história do Brasil sabe muito bem o que fez Fernando Collor de Mello. Hoje em dia Roger, recém-saído de um ostracismo que durou quase dez anos, se mantém na defensiva. "Não me arrependo de ter votado nele, porque o depusemos e, mesmo por vias tortuosas, acabou entrando o FHC, um cara que eu admiro", filosofa. Não satisfeito em expor seus conhecimentos políticos, o artista ainda teve a manha de posar nu para uma revista gay em 1999. Sob a chamada "Um Ultraje Sem Nenhum Rigor", o artista desfilou os escassos centímetros do que havia de mais vibrante no rock nacional na época.

Reprodução

Não se iluda: a ilustração está para lá de generosa com o calibre do cantor

LOBÃO PROMOVE FIASCO COLETIVO

MANGUEIRA NEM TINHA ENTRADO E A VAIA JÁ ROLAVA

Lobão tinha certeza de que o som que fazia em 1991, aliado à bateira da escola de samba Mangueira, era a coisa mais heavy metal que existia na face da Terra. Mas a platéia que prestigiou o dia pesado da segunda edição do Rock In Rio não concordava com ele. Escalado para tocar entre os show de Sepultura e Megadeth, o cantor não viu nenhum problema nisso, tanto que pediu para a organização para ser confirmado naquele dia e não aceitou o pedido do Sepultura para trocar de horário. Quando chegou ao Maracanã, ouviu um coninho receptivo: "Um dois três/quatro cinco mil/queremos que o Lobão/ vá pra puta que o pariu". A performance durou uma música e meia. Como após sua apresentação Rob Halford entraria com uma moto no palco, o artista não teve nem como escapar da chuva "metálica", restringindo-se a uma beiradinha do palco. Depois de ser alvejado por um sem-número de latinhas, o músico interrompeu "Vida Louca Vida" e deu tchau para a turba. Os mangueirenses entraram em seguida, sem o cantor, e foram recepcionados com o mesmo calor. "Eu tinha um trator sonoro, seria um massacre. Quem presenciou a passagem de som, viu. Aquilo ia melindrar os ouvidinhos dos metaleiros", diz o lobo, que confessa que hoje não faria algo semelhante. "Promovi um fiasco coletivo!"

Há dúvidas se os apupos foram para a música ou para a silhueta

Jorge Rosenberg

PATO FU COMPÕE HINO OLÍMPICO

CANÇÃO COROOU PÍFIO DESEMPENHO DO PAÍS NOS JOGOS

Tudo culpa do Eurico Miranda. Se não fosse a síndrome de vice do Vasco da Gama – o clube levou mais da metade dos atletas nacionais para a Olimpíada de Sydney, em 2000, e o dirigente ainda posou de chefe de delegação – talvez a canção composta pelo Pato Fu para empolgar a torcida tivesse melhor sorte. Terminados os Jogos Olímpicos, o saldo era desalentador: nem um ouro sequer. Vôlei e futebol floparam. Guga desafinou. Até o infalível cavalo Baloubet Du Rouet refugou. E o "ei, vamos lá/ver o Brasil brilhar" foi rapidamente esquecido pelo povão.

SUPLA DUELA COM CAUBY PAIXOTO

Essa nem Marcos Mion e seu *Piores Clipes do Mundo* lembraram de detonar. Bem antes da pérola "Japa Girl", e quando insistia em usar um terno rosa-choque, Supla já merecia o título de "rei dos piores". Ele estreiou um dueto com ninguém menos que Cauby Peixoto em "Romântica", faixa do primeiro disco do Tokyo, *Humanos*. O crooner ainda não tinha apelado para sua peruca "Rei Leão", ostentando um discreto black power e bigodinho dos mais safados. E o clipe passou no *Fantástico*!

GRAVADORA BREGANEJA TRAVA OS NINJAS

No finzinho de 1997, os gaúchos da Comunidade Nin-jitsu estavam saltitantes por terem conquistado o prêmio de melhor democlipe no Vídeo Music Brasil pelo tosco "Detetive". A melhor proposta para gravar um disco veio da Continental, conhecida por seus lançamentos no segmento breganejo. A banda caiu no conto de um "executivo roqueiro" que os convenceu a assinar contrato. *Broncas Legais* foi concluído, mas não saiu. Demorou quase dois anos para que o disco chegasse às lojas (pelo selo Rock It!), quando a celeuma contratual terminou e "Detetive" já perdera o fôlego.

UM RELÓGIO PARA ZÉ OVO

O dia 2 de dezembro de 1996 era importantíssimo para os brasilienses do Little Quail And The Mad Birds. Eles se apresentariam na primeira edição do festival Close-Up Planet, que tinha os Sex Pistols como principal atração. Mas o baixista Zé Ovo foi buscar a namorada na rodoviária e não chegou a tempo de fazer o show. No mesmo dia, foi demitido e, não demorou muito, o grupo acabou. Três anos depois, Roger convidou o rapaz para entrar no Ultraje A Rigor. A banda estava prestes a lançar *18 Anos Sem Tirar*, que graças a "Nada A Declarar" vendeu mais de 100 mil cópias. Ovo fez uma conexão de vôos e não apareceu para o teste final. O posto ficou com Mingau, ex-365. Hoje, o atrasado baixista presta serviços de roadie para a banda de reggae Natiruts.

ED MOTTA, O FALASTRÃO

Mais do que bebericar vinhos de 1 mil reais, a bocarra de Ed Motta também serve para proferir as maiores atrocidades da música brasileira. Quando estourou o primeiro disco, em 1988, ele falou mal do rap. Mudou de idéia após ter sido gentilmente questionado pelos rappers paulistanos. Depois, dizia que era americano e não gostava de MPB. Mudou de idéia no ano de 1994 quando, no exílio, ouvia Chico Buarque e Tom Jobim e caía em lágrimas. "Fui até pedir desculpas para o Chico", confessou. Agora, já devidamente introduzido na MPB, ele defende seu disco *As Segundas Intenções Do Manual Prático* dizendo que "pelo menos o Edu Lobo gostou". Menino lolinho.

EU TAMBÉM SOU CLUBBER

Popularizado no circuito noturno dos anos 80, Edgard Scandurra ficou fascinado pela cena de clubes de música eletrônica que surgiu durante os anos 90, especialmente em São Paulo. Viu no tecno a saída para a música pop e no comportamento raver o similar às "turmas" que tanto cantou em suas canções. O Hell's Club foi um dos mais famosos *after-hours* da cena paulistana durante os anos 90, onde Edgard costumava dançar com frequência. Quando lançou seu segundo disco-solo, *Benzina*, extremamente influenciado pelas novidades sintetizadas, Edgard fez questão de mostrar que era "do meio", agradecendo no encarte "a saudável família Hell's Club" e dando até o número de sua carteirinha (É S. sócio Z0163). Se a intenção foi desafiadora e romântica, o efeito foi um grande constrangimento entre clubbers e estranhamento entre roqueiros.

Para desgosto do artista, patrões vetaram capa original *(no detalhe)*

LULU SANTOS DE CASTIGO

CANTOR É PROIBIDO DE BRINCAR DE BONECA

Em 1988, Lulu Santos lançou o álbum *Toda Forma De Amor*. O próprio nome do trabalho carregava a bandeira da liberação sexual, trazendo na capa um sutil flagrante de uma aventura mais íntima entre os bonecos Barbie e Ken. Só que os americanos não entenderam a piada e obrigaram a BMG a fazer novas edições da capa do disco e a substituir todas que já estavam nas lojas. Banida da face da Terra, esta capa nem mesmo foi reeditada na versão posterior em CD. E o disco até hoje é conhecido como "o álbum preto de Lulu Santos".

FACES E FACES

AS METAMORFOSES DOS DAVID BOWIES TAPUIAS

Uns pelas circunstâncias, outros pelo mercado, alguns ainda pela falta do que fazer: o certo é que boa parte do rock brasileiro não se conforma com sua mesmice, buscando sempre motivos para voltar de novo à mídia – muitas vezes, forçando a barra. Não que a metamorfose ambulante e a contradição não sejam elementos próprios da estética rock'n'roll, mas por aqui tem muita "criatividade" sobrando e muito desconfiômetro desligado.

Gilberto Gil
Engenheiro na Gessy-Lever
Cantor de protesto
Tropicalista
Exilado em Londres
Afro-brasileiro
Reggaeman
Disco boy
Esotérico
Punk da periferia
Pol'tico baiano
Retropicalista
Amigo de FHC
Forrozeiro

Paulo Ricardo
Crítico musical
Pós-punk moderninho paulistano
Megapopstar
Roqueiro decadente
Namorado da Luciana Vendramini
Neo-Fábio Jr.
Aspirante a Roberto Carlos

Titãs
Bregapop
Punk de butique
Rock cabeça
Retropicalistas
Eletrointelectuais
Roqueiros viscerais
Grunge
Pop
Acústico
Essa coisa aí

João Gordo
Metalúrg'co
Punk de primeira hora
Vocalista hardcore
Ídolo thrash
Mito underground
Onipresença em bocas-livres
VJ da MTV
Grife infantil

A vítima Silvio Santos e o autor do stage dive acertam as contas

Paulo Vasconcelos

DO PALCO PARA A DECADÊNCIA

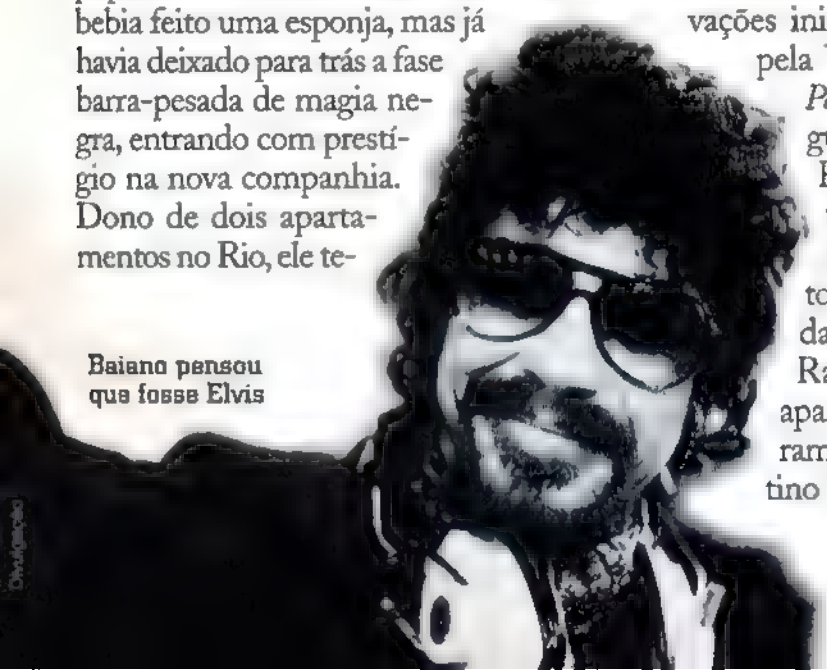
MOSH FAZ CARREIRA DE TONY TORNADO DESPENCAR

Corria o ano de 1971 e Tony Tornado estabelecia-se como cantor. Famoso graças ao terceiro lugar obtido por "BR-3", que interpretou com o Trio Ternura um ano antes no Festival Internacional da Canção, o cantor rodava o país com seu suingue. Em uma de suas apresentações, em Cariacica (ES), Tornado jogou-se do palco para a platéia, cometendo o primeiro mosh que se tem registro em solo brasileiro. Aliás, em solo não – o gigante negro caiu em cima de uma fã. Trechos de uma carta enviada por um leitor ao *Jornal da Tarde* resumem a indignação popular: "(...) Este tipo asqueroso, apelidado de Tony Tornado, arrojou-se do palanque sobre a multidão, em um vôo espetaculoso, indo aterrissar sobre uma jovem que assistia ao espetáculo. (...) Acontece que a moça, vítima do boçal exibicionismo do 'artista', sofreu fratura da espinha, encontrando-se hospitalizada. É possível que ela venha a ficar paralítica para o resto da vida. Sabe-se, agora, que, em vista do dano que causou à jovem, o asqueroso tipo foi processado e deverá pagar à vítima uma indenização". Coincidência ou não, depois do incidente a carreira de Tornado despencou a ponto de ele declarar que "cantar, todo mundo canta" e virar um ator elogiado.

RAULZITO E OS CARATECAS

SIDERADO, MALUCO BELEZA CONTRATA ARGENTINOS

André Midani, um dos mais poderosos homens da indústria do disco brasileira, deixou a gravadora Philips (atual Universal) na metade da década de 70 para montar a filial nacional da WEA. Levou consigo alguns dos maiores vendedores da antiga casa, como Gilberto Gil e Raul Seixas. Este último andava em queda de popularidade desde o disco *Novo Aeon* e bebia feito uma esponja, mas já havia deixado para trás a fase barra-pesada de magia negra, entrando com prestígio na nova companhia. Dono de dois apartamentos no Rio, ele teve a estrambólica idéia de contratar uma equipe de caratê argentina para trabalhar como segurança pessoal. Os novos "amigos" de Raul faziam as vezes da "máfia de Memphis" de Elvis Presley, promovendo festas de arromba regadas a álcool e drogas das mais pesadas. Raul vivia tão siderado nesta época que nem se deu ao trabalho de acompanhar as caríssimas gravações iniciais de seu primeiro disco pela WEA, *O Dia Que A Terra Parou* – quem gravou as vozes-guia foi seu parceiro Cláudio Roberto, um tom abaixo do vocal do Maluco Beleza. O pior (muito pior), no entanto, estava por vir: Durante uma das festinhas particulares de Raul, traficantes invadiram o apartamento do cantor e mataram a tiros o faixa-preta argentino Hugo Amorrotu.



Baiano pensou que fosse Elvis

Divulgação

ACHOU QUE A GENTE IA ESQUECER DELES?

Oxigênio, último lançamento da banda mineira Jota Quest, não escapou do clichê "este é o nosso melhor trabalho". Mas há quem diga que o disco foi uma sucessão de erros – que acabou deixando o grupo com fama de pé-frio. Primeiro, dispensaram a ajuda de Wilsom Siderai, irmão do vocalista Rogério Flausino e autor do hit "Fácil", porque queriam se "firmar como compositores". Depois, chamaram o cantor Zé Ramalho para interpretar Deus (isso mesmo, Deus!) na faixa-título. Essa foi a gota d'água para o produtor Dudu Marote soltar um "vou buscar uma Fanta Laranja na Tailândia e já volto" e deixar a produção nas mãos de Marcelo Sussekind. Por fim, o grupo se associou ao site Super 11, que iria dar internet de graça para os compradores do disco. Conclusão: *Oxigênio*, dizem, vendeu pouco menos de 100 mil exemplares (apesar de a banda já ter feito um show comemorando as 500 mil cópias vendidas) e o quarteto tem feito apresentações constrangedoras Brasil afora. Um fracasso com gosto de Fanta Laranja diet. Ah, e o site faliu.

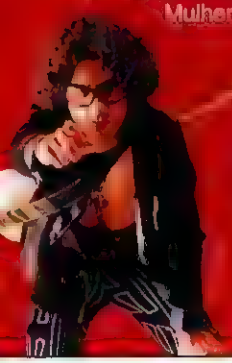
Marcos Hermes

FURO É ISSO AÍ

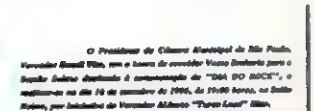
"Eu estava precisando me assumir há muito tempo. Sempre gostei de meninos – eu gosto de meninas também – mas eu gosto de meninos." Foi com essas palavras, numa entrevista cedida a José Augusto Lemos, que Renato Russo disse pela primeira que era gay, em um grande furo de reportagem de BIZZ em junho de 1990. A trapalhada? Na capa, os americanos do B-52's, com a vendedora manchete: "É, são os B-52's". Sobre a confissão do cantor, nada.

SIDERAL QUEIMA O FILME EM CASA

...o Borges foi lançado por Milton Nascimento no famoso Clube da Esquina, uma agremiação de artistas mineiros que chamou a atenção em meados dos anos 70. Um dos grandes méritos dos clubistas foi oferecer uma opção ao circuito São Paulo-Rio-Bahia que dominava a cultura pop nacional. "Para Lennon & McCartney" trata justamente disto: como fazer seu próprio rock longe de Londres ou de outros grandes centros internacionais, mais precisamente Minas Gerais. Quando foi regravar a canção em seu disco *Na Paz*, Wilsom Sideral foi convencido pelo produtor Tadeu Patola (ex-integrante do Lagoa, autor do fracasso "Revista de Mulher Pelada") de que os versos "sou do mundo/ sou Minas Gerais" eram "muito bairristas" e tirou a menção a seu estado. Obviamente, a canção perdeu todo o sentido e, como era de esperar, Sideral não emplacou no resto do país.



Convite para a cerimônia do Dia do Rock *(ao lado)* e a capa do disco *(abaixo)*, com testemunhos insuspeitos



"LOCO" SÓ NO NOME

POLÍTICO ELEGE-SE COM APOIO DE ROQUEIROS

Assim como os evangélicos, os latifundiários e os fabricantes de remédios, os roqueiros têm quem defenda seus interesses na política. Pelo menos em São Paulo, que conta com o tucano Alberto "Turco Loco" Hiar para elaborar projetos visando o "jovem". Desde 1995, quando se tornou vereador pelo PMDB, ele tem se notabilizado por propostas de extrema importância para os cidadãos, como a criação do Dia do Rock (21 de setembro), do Skate (3 de agosto) e do Surfe (14 de setembro) e das Semanas de Moda Inverno e Verão (vetadas pelo então prefeito Paulo Maluf). Sem esquecer, claro, do carro-chefe de seu mandato: obrigar que todos os shows internacionais realizados no país tivessem uma banda brasileira como abertura, posto de lado depois que Turco Loco não soube responder quem escalaria para abrir a ópera *Aída*. Sua campanha contou com o apoio de artistas de todas as estirpes, de Sepultura a João Gordo, de Arnaldo Antunes a Mundo Livre S/A (a lista completa dos correligionários não caberia aqui). Muitas delas gravaram mensagens endossando sua candidatura no CD Rock The Vote, intercaladas por um jingle que pregava que "ó porque eu não tenho meu cabelo branco, meu valor, minha moral é esquecida em algum canto". Diante de tantas realizações – e do sucesso de sua grife, presente no guarda-roupa de nove entre dez aspirantes a roqueiros nacionais, em 1998 ele se elegeu deputado estadual, já convertido ao PSDB e sempre votando a favor do governo. É o rock na situação ajudando a explicar a atual situação do rock.

MELHOR QUE INGRESSO DA PRIMEIRA FILA.

Pandegos descobriram que ser independente é roubada

EMPRESÁRIO LOGRA MIQUINHOS

DONO DO SELO SOME COM DINHEIRO DO HIT DO GRUPO

Uma das primeiras bandas do rock brasileiro dos anos 80, João Penca & Seus Miquinhos Amestrados já contabilizava vários hits médios (como "Calúnias", "Popstar", "Como Macaco Gosta De Banana"), mas suas vendas modestas os colocavam em situação complicada na gravadora. Em 1989, eles decidiram reunir versões pornográficas de sucessos dos anos 60 e gravar a música "S.O.S. Miquinhos (Merdley)". "A gente sabia que ia ser um sucesso", lembra Selvagem Big Abreu. "Também, não havia muito mérito, era uma apelação só", diverte-se. Ele pegou a fita e foi até a sua companhia na época, a RCA (atual BMG), ciente de que a banda estava prestes a ser dispensada. "Pensei: se eles mantiverem nosso contrato, eu mostro a fita. Se não, lanço por uma independente." Ninguém deu muita bola para Abreu e ele levou o teipe para uma companhia iniciante, a Esfinge. Com um dia de rádio, a música já era a mais pedida no Rio de Janeiro. O disco, *Sucesso Do Inconsciente*, foi um de seus maiores hits, vendendo 90 mil cópias em um mês. De uma hora para outra, o misterioso proprietário do selo desapareceu da praça, levando todo o dinheiro da banda – que ficou sem nada.

ESTA MALDITA MATÉRIA

Não ter nenhum ídolo para botar na capa, vender os tubos e garantir uma aposentadoria segura em um paraíso tropical da ilha nisso: uma idéia cretina dos editores ganha status de assunto principal da revista. A gente nem imaginava o rolo em que estávamos nos metendo ao encampar essa pauta. Alguns colegas a rotularam de "suicida", outros falaram que, desse jeito, iríamos queimar o filme com todos os artistas lembrados. Mas, antes de se revoltar contra a BIZZ, é conveniente que os citados e seus fãs saibam que o rock nacional é nossa razão de viver, que é ele quem nos dá o privilégio de ganhar discos, ir a shows de graça e conhecer os músicos que tanto amamos. E que a quantidade de trapalhadas que ficaram de fora daria para preencher uma edição completa. Tinha cada coisa escabrosa.

Imperdível, acesse o site:
www.nestle.com.br/maggihotpot

PUBLICIS NORTON

Dave Grohl, Kurt Cobain e Chris Novoselic: o sucesso do Nirvana foi tanto que, depois deles, qualquer resultado comercial seria considerado uma decepção pela companhia

Sub pop

A vida após o Nirvana

Desde que o grunge perdeu seu apelo de vendas, a gravadora que abrigou os principais nomes do estilo vem investindo em diversos gêneros. Conheça agora as apostas do selo para tentar reviver os áureos tempos em que o som de Seattle regia as paradas

Por Carlos Marcello

A história da Sub Pop começou em 1979, quando Bruce Pavitt criou o fanzine *Subterranean Pop* em Olympia, no estado de Washington, no noroeste americano. Basicamente, a intenção era igual a de todos os zines: falar de bandas que não apareciam na grande imprensa. Em 1980, Pavitt começou uma série de compilações em cassete com grupos (até então) obscuros de todos os cantos dos Estados Unidos.

Em 1986, foi lançada a coletânea *Sub Pop 100*, o primeiro disco oficial da gravadora, já batizada com uma abreviação do nome do fanzine. No ano seguinte, dois EPs marcaram a história do selo e se tornaram as pedras fundamentais do grunge: *Dry As A Bone*, do Green River (a banda que originaria o Mudhoney) e *Screaming Life*, do Soundgarden.

A idéia da Sub Pop, que trabalhava exclusivamente com vinil, surgiu de uma reação ao cenário da época, infestado pelas bandas farofeiras de hard rock. E nada poderia ser mais diferente do que a sonoridade pesada e tosca dos grupos de Seattle. "Era muita gente perambulando com guitarras e camisas de flanela. Bandos de jovens desperdiçando suas vidas com o vício do rock'n'roll. Bons e velhos tempos...", lembra, com ironia, Jonathan Poneman, presidente da gravadora desde a saída de Pavitt, em 1995.

Dez anos antes, ele era DJ de uma rádio universitária da cidade quando conheceu Bruce Pavitt, que havia ido à emissora divulgar o primeiro vinil do selo. Depois de uma entrevista, os dois saíram para conversar e perceberam que compartilhavam a insatisfação com o que se ouvia no dial e também o fascínio pela nova geração de bandas da cidade. Em 1º de abril de 1988, largaram os empregos e passaram a se dedicar integralmente à gravadora. "Nunca achei que o selo ia durar tanto", confessa Poneman.

A expansão para outros lugares capturou o Afghan Whigs, de Cincinnati

Reina

Apenas três pessoas trabalhavam na Sub Pop: Bruce, Jonathan e uma amiga, Linda, responsável pelo design gráfico. Os primeiros contratados eram todos do estado de Washington: Green River, Soundgarden, Mudhoney, Nirvana e Tad. A expansão para outras localidades começou com o cultuado (e extinto) The Fluid, de Denver, e se estendeu até Cincinnati (berço dos acordes angustiados do Afghan Whigs) e Dallas (do aloprado rockabilly do Reverend Horton Heat).

MALAS CHEIAS DE DINHEIRO

Para bancar os primeiros lançamentos, Pavitt e Poneman criaram o Singles Club, no qual os associados pagam mensalidade e recebem, mensalmente, compactos com faixas raras e exclusivas. "Além de ter reforçado o nosso caixa com o pagamento adiantado, isso foi uma boa forma de fazer algo por bandas antes de assumir um compromisso de trabalhar com elas de uma maneira mais intensa, como em um álbum completo", explica o presidente da Sub Pop.

O Nirvana, por exemplo, foi contratado inicialmente apenas para um single com duas músicas: "Love Buzz" e "Big Cheese". O contrato para o primeiro álbum, *Bleach*, só veio depois da boa receptividade alcançada pelo compacto. Na virada para os anos 90, vieram os lançamentos da geração grunge: Tad, Mudhoney, Soundgarden, L7... O assédio das grandes gravadoras foi inevitável. "Depois que saiu o *Bleach*, o Nirvana foi cortejado por um bando de executivos falastrões e babacas. Por sorte, o grupo escolheu ir para a Geffen, que era uma boa gravadora no início da década", lembra Poneman.

Divulgação

CLASSE DE 2001: OS PRIMEIROS DA TURMA

Quem são, de onde vêm e para onde vão os mais recentes contratados do selo de Seattle

Divulgação

The Shins Uma das bandas de maior potencial comercial da gravadora e também uma das favoritas de Jonathan Poneman. Formada em Albuquerque, no Novo México, é liderada pelo guitarrista e vocalista James Mercer. O disco *Oh Inverted World* é o primeiro pela Sub Pop e pelo alto teor pop foi comparado a Beach Boys e Simon & Garfunkel

Migala Grupo de Madri especializado em músicas lentas, dramáticas, angustiantes, na linha de Tindersticks e Leonard Cohen. Foi a banda de acompanhamento de Will Oldham na turnê espanhola do ex-integrante do Palace Brothers. Começou em 1998 e tem três discos lançados. O mais recente, *Arde*, saiu em dezembro na Espanha e será a estreia pela Sub Pop nos Estados Unidos. Foi o primeiro álbum com letras em castelhano - antes, os versos eram todos em inglês

>>

Velocity Girl: pejorativamente rotulada como bubblegrunge

Fotos: Divulgação

Com a popularização do grunge e o sucesso desmensurado de *Nevermind* (1991), as *majors* chegaram em Seattle com malas cheias de dinheiro, atrás de novos Nirvanas. Levaram quase todos os artistas da Sub Pop – até mesmo o tosco Tad, do ex-açougueiro Tad Doyle (atualmente com uma nova banda, Hog Molly). Acabaram apressando a morte do gênero. "Nós só demos conta do que tinha acontecido quando George Bush pai foi eleito presidente. Era óbvio que havia um emburrecimento tomando conta de todo o país", constata Poneman. Com a debandada de seus principais nomes, a Sub Pop resolveu investir na diversidade.

SEGUNDA GERAÇÃO

Foi então que a segunda geração da Sub Pop entrou em campo. Mais diversificada, era um ruidoso saco de gatos: da idiossincrasia do Beat Happening ao country apunkalhado do Supersuckers, dos lamentos doloridos do Come às guitarras poderosas do Love Battery. Na linha de frente, pelo menos em vendagem, estavam *college bands* influenciadas pelo rock britânico do My Bloody Valentine e Primal Scream – batizadas pejorativamente de bubblegrunge. "Algumas, como o Velocity Girl e o Spinanes, até venderam bem. Outras, como o Jale, nem tanto. Mas, depois do grunge, qualquer resultado comercial seria inevitavelmente considerado uma decepção", conta Poneman.

O Spinanes, dupla formada por Rebecca Gates e Scott Plonf, foi um dos grupos mais interessantes revelados pela gravadora. Formado em Portland, não tinha baixo: apenas voz, guitarra e bateria. Assinou com a Sub Pop em 1993 e gravou três discos: *Manos* (1994), *Strand* (1996) e *Arches And Aisles* (1998). "Quando fomos contratados, eles já tinham lançado álbuns de bandas como Hazel, Codeine e Pond, que não podiam ser rotuladas de grunge. Para o resto do mundo, Sub Pop era o mesmo que 'o som de Seattle'. Para nós, era apenas uma companhia dirigida por pessoas entusiasmadas por música", recorda Rebecca, que, com o fim da banda, segue em carreira-solo.

De todos os nomes revelados pela gravadora nos anos 90, o mais cultuado é o quarteto Sunny Day Real Estate. O pouco tempo que durou – de 1992 a 1995 – foi suficiente para deixar milhares de chorosas viúvas por todo o mundo e praticamente inaugurar o emocore, um hardcore para pessoas sensíveis como o vocalista da banda, Jeremy Enigk. "Eles eram maravilhosamente intensos e inventivos. *Diary* é o grunge com uma lágrima no olho", compara Jonathan, referindo-se ao primeiro álbum da banda, de 1993. Quando o Sunny Day acabou pela primeira vez (voltaram em 1997), o baixista Nate Mendel e o baterista William Goldsmith juntaram-se ao ex-Nirvana Dave Grohl no Foo Fighters, "uma banda que eu adoraria ter na Sub Pop", corteja o executivo.

Em 1994, o sonho independente terminou. Por uma quantia astronômica (fala-se em 20 milhões de dólares, mas o valor não é oficialmente confirmado pela gravadora), 49% das ações da Sub Pop foram vendidas para a Warner. "Minha conta bancária ficou realmente obesa", brinca Poneman. Um ano depois, a sociedade foi desfeita e Bruce Pavitt decidiu deixar o selo que fundou. "Ele cansou de trabalhar. Agora, está morando em uma fazenda isolada, onde cria cabras, seus filhos e cultiva plantas com propriedades alucinógenas", descreve Jonathan. "Fiquei porque ainda preciso agitar."

Nebula Trio formado por dois ex-integrantes do Fu Manchu, Mark Abshire (baixo) e Ruben Romano (bateria), acaba de lançar o excelente *Charged*, produzido por John Agnello (Dinosaur Jr., Screaming Trees). Eles não gostam do rótulo stoner rock ("isso é coisa para o Grateful Dead", ironiza Abshire). Acham que seu som está mais perto de algo como "rock pesado e psicodélico". Referências obrigatórias: MC5, Stooges, Black Flag, Mudhoney. A faixa que abre *Charged*, "Do It Now", tem tudo para se tornar um hino da nova geração da Sub Pop. É a "Touch Me I'm Sick" do século 21

Damien Jurado e Rose Thomas Os dois são amigos e dividiram os vocais em "Wages Of Sin", um dos pontos altos do álbum-tributo a Bruce Springsteen, *Badlands*. Rose também canta em "Parking Lot", faixa do ótimo *Ghost Of David*, de Damien. Ela vai lançar o primeiro disco-solo até o fim do ano, no mesmo esquema voz-e-violão do amigo. De despojamento quase franciscano, ambos representam o lado mais lo-fi da Sub Pop

Pleasure Forever Trio de São Francisco que se chamava Slaves, mas mudou o nome quando assinou com a Sub Pop. Antes, seus membros tocavam em uma banda chamada The VSS, que chegou a fazer barulho no meio dos anos 90 com uma mistura agressiva, quase punk, de teclados e guitarras. Agora, arriscam uma fusão do tom lúgubre de Nick Cave com o hedonismo barulhento do Cop Shoot Cop

E a necessidade de agito de Poneman não vai passar tão cedo. Aos 41 anos, ele comanda uma equipe de 24 funcionários. Até o fim do ano, a Sub Pop terá lançado 20 álbuns, cada um deles com características próprias: do power-pop convencional do Arlo ao punk canadense do Black Halos, passando por veteranos da cena indie que estavam na geladeira – caso dos Red House Painters. "Gosto de todos os tipos de música. Para uma banda me impressionar, basta que eu sinta que há um coração batendo ali", filosofa, sem medo da demagogia.

TOP 10

Os discos mais vendidos da Sub Pop

1. *Bleach*, Nirvana
2. *Diary*, Sunny Day Real Estate
3. *Screaming Life*, Soundgarden
4. *Harmacy*, Sebadoh
5. *The Full Custom Gospel Sounds Of...*, Reverend Horton Heat
6. *Smoke'em If You Got'em*, Reverend Horton Heat
7. *How It Feels To Be Something On*, Sunny Day Real Estate
8. *Superfuzz Big Muff*, Mudhoney
9. *Bakesale*, Sebadoh
10. *Badlands*, Vários

FLERTE COM O MUDHONEY

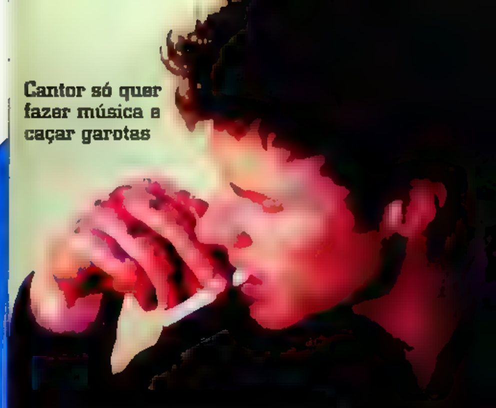
Para os próximos meses, as apostas da Sub Pop estão concentradas em duas bandas: The Shins e Nebula. O primeiro é um quarteto do Novo México que utiliza guitarras e teclados, em um cruzamento inusitado da sofisticação pop do Beach Boys com o experimentalismo do Neutral Milk Hotel. Já o trio californiano Nebula segue a tradição garageira dos primórdios da gravadora no recém-lançado *Charged*. "Adoramos Nirvana, Mudhoney, Tad, The Fluid... a Sub Pop é um selo legal porque tem bandas cool tanto no passado como no presente", enaltece o baixista do grupo, Mark Abshire.

Poneman também sabe que tem no seu catálogo alguns dos nomes mais valiosos do passado recente do rock americano. Por isso, revela que iniciou um flerte com um antigo caso de amor. "Adoraria ter o Mudhoney novamente, seria uma honra. Eu me tornaria uma das poucas pessoas que tiveram a chance de contratar duas vezes a melhor banda do mundo", elogia.

Ao tomar conhecimento dos sinais de fumaça enviados por Jonathan Poneman, Mark Arm (vocalista e guitarrista do Mudhoney) faz uma longa e hilária analogia: "Começou a paquera, mas é um pouco cedo para a gente assumir outro compromisso matrimonial. O Mudhoney ainda está se recuperando do divórcio com a Warner, que, quando se aproximou, veio com flores e chocolate. Nos prometeram o mundo se nos entregássemos a eles... E foi o que fizemos. Acreditamos neles e os amamos com todo o fervor. Agora, não passamos de um bando de divorciados de meia-idade, com os corações despedaçados. Por isso, estamos começando a flertar com o pessoal da Sub Pop, até topamos sair para jantar com eles. Mas somos virgens novamente e nossa castidade é sagrada", ironiza o guitarrista, um dos nomes fundamentais do turbilhão que chegou e passou por Seattle. "Quando uma revolução acaba, é hora de começar outra", avisa Poneman.

Red House Painters Banda de São Francisco liderada pelo guitarrista e vocalista Mark Kozelek. Ele escreve músicas lentas, longas e dilacerantes na linha de Jeff Buckley com uma vantagem: (ainda) está vivo. *Old Ramon*, o primeiro disco dos Painters pela Sub Pop, rompe um hiato de cinco anos e é o álbum mais acessível da discografia da banda, iniciada no selo inglês 4AD em 1992 com o acachapante EP *Down Colourful Hill*.

The Catheters Mais recente grupo de Seattle contratado pela Sub Pop, acredita piamente que só as turnês incessantes preservam o espírito rock'n'roll. Ao contrário de nove entre dez artistas de sua idade, estão mais próximos dos Stones que de qualquer banda americana dos anos 70.



Cantor só quer fazer música e caçar garotas

A GARGANTA PROFUNDA DE MARK LANEGAN

[illegible] vocalista do Mudhoney para o ex-vocalista do Screaming Trees. "Ele tem a voz mais fantástica de Seattle, é uma garganta abençoada", diz o primeiro. O outro dá uma risada ao saber do elogio do xará. "Minha garganta, abençoada? Parece que, quanto pior ela fica, mais as pessoas gostam dela."

E não é só a garganta de Lanegan que tem sofrido com o consumo diário de três maços de cigarros. "Fumo demais, meus pulmões estão ferrados", constata o cantor de 36 anos. Mas é dessa garganta ferrada que nascem as belas canções de *Field Songs*, seu quinto álbum-solo. Como seus outros discos, esse também foi lançado pela Sub Pop. "Eles (da gravadora) têm sido bons para mim, é tudo o que eu posso falar", diz Lanegan.

O entusiasmo vai embora quando o assunto é Screaming Trees. A banda durou 15 anos, deixou ótimos álbuns (o melhor deles, *Sweet Oblivion*, saiu no Brasil) e chegou a ter um hit ("Nearly Lost You", da trilha sonora do filme *Singles – Vida de Solteiro*). Mas foi dispensada da Sony depois do fracasso das vendas de *Dust* (1996). "Estávamos cansados das nossas caras. Era como tocar com a família. Por isso agora só toco com meus amigos", explica.

Entre as amizades de Lanegan, está outro ex-vocalista de uma importante banda da Sub Pop: Greg Dulli, do Afghan Whigs. Os dois estão compondo e pretendem gravar um disco até o fim do ano. "Sempre gostamos da música um do outro, e achamos que seria cool se começássemos a fazer alguma coisa juntos." Antes de terminar a parceria com Dulli, Lanegan vai participar de alguns shows na Europa do Queens Of The Stone Age. "Josh (Homme) tocou guitarra na última turnê do Screaming Trees. Ele me convidou e eu topei. Aliás, atualmente é assim: se as pessoas me chamarem, eu topo", esclarece Lanegan. Descartando qualquer comentário sobre o grunge ("não fico pensando sobre o passado e nunca prestei atenção em rótulos"), Mark Lanegan diz que tem apenas duas preocupações daqui para a frente: "Fazer música e caçar garotas. Afinal, sou apenas um cantor de rock".

Abril foi rock

(e também eletrônica, punk, dub, metal, reggae, samba, maracatu...)

Durante três fins de semana seguidos, cinco festivais deixaram a impressão de que no Brasil existe um circuito que abdica das grandes estrelas para fazer a felicidade do público

Por Emerson Gasperin fotos Matias Maxx

Havia o Abril Pro Rock, confirmado para abril até por causa do nome e blablablá. A escalação ainda trazia grupos desconhecidos, mas definitivamente esse não era o chamariz. Como no ano passado, o festival destacou-se por convocar uma grande atração, uma ou duas bandas médias e pouquíssimas novidades, em sua maioria locais, por noite. O charme esteve no ar "alternativo" que amarra todos os artistas, impossível de ser mensurado, porém perceptível em cada canto do Centro de Convenções de Pernambuco.

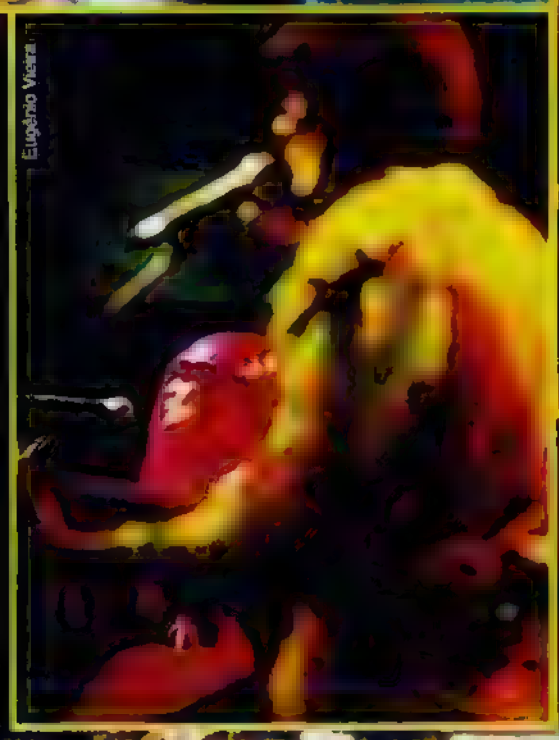
No entanto, mais quatro festivais foram programados para o mesmo mês. Durante três fins de semana em abril, deu para imaginar que no Brasil existe um circuito e, melhor, longe da pressão do mercado. Tanto no já tradicional evento que ocorre na divisa do Recife com Olinda ou em sua etapa paulistana, como no Pernambuco Em Concerto, Skol Beats ou no Telemig Eletronika, o mote eram os festivais em si, e não determinado grupo estrangeiro que estreava no país ou um campeão de vendas.

Não que faltassem motivos "artísticos" para chamar a atenção. No Abril Pro Rock, por exemplo, tinha a Nação Zumbi, finalmente lançando *Rádio S.Amb.A* em sua cidade natal. O Rappa, comoção garantida pelo discurso forte e pelo crime do qual foi vítima o baterista Marcelo Yuka. Raimundos, voltando ao festival depois de sete anos. O redivivo Lobão, com a promessa de fazer história ao lado do mutante Arnaldo Baptista. Mundo Livre S/A, reconciliado com a organização, retornando ao evento.

E ainda Jon Spencer Blues Explosion e Asian Dub Foundation, que, a despeito de não mobilizarem excursões para vê-los ou não terem sucesso comercial em seus países de origem (que dirá aqui), caíram como uma luva no conceito do Abril Pro Rock. O primeiro, pelas guitarradas cruas que o tornaram célebre no underground. O segundo, pelos ritmos que, na capital da mistura sonora, encontraram respaldo em uma multidão que nem conhecia seus discos. Mas ninguém – público e crítica – precisa de rockstars que lotam estádios para ser feliz. Foi o que se viu em abril, seja no Recife, em São Paulo ou em Belo Horizonte.

Jon Spencer, O Rappa, Asian Dub Foundation, Raimundos, Arnaldo Baptista e Darma Lóvers *(em sentido horário, a partir da esq.)*: destaques do Abril Pro Rock em suas duas edições, no Recife e em São Paulo

Eugênio Vieira



Eugênio Vieira

Empurra-empurra. Tumulto. Ninguém esperava que o primeiro show do Rappa no Recife depois do crime cometido contra o baterista Marcelo Yuka iria atrair 15 mil pessoas e bater o recorde do Abril Pro Rock

O Abril Pro Rock inaugurou a sua nona edição envolto em incerteza. Nos anos anteriores, o festival contou com o apoio maciço dos governos estadual e municipal, o que o desobrigava um pouco de ter lucro de qualquer maneira. No dia 20 de abril de 2001, não. Vagava no ar a impressão de que, caso o evento não confirmasse as expectativas, essa talvez fosse sua despedida. Era também um teste: afinal, todo mundo não jura que esse é o festival mais bacana do país? Então, que mostre força como marca possível de sobreviver sem o aporte de dinheiro público.

A falta de grana ficava escancarada nos itens mais prosaicos, como o cenário do palco secundário. Ao fundo da embolada de Pinto & Rouxinol e da auto-intitulada "primeira banda drum'n'bass do Recife", o D. Urb (que, diga-se, corria como hardcore), o que se via era o pano alaranjado do ano passado, só que com um "1" pintado sobre o último zero de "2000". "A gente poderia até trocar, mas preferimos deixar assim para mostrar a situação", justificou-se a produtora Melina Hickson. A solução foi cortar as gorduras e concentrar o parco dinheiro para as bandas. Antes que a discussão se alongasse, o festival iniciou de verdade com a Nação Zumbi colocando o remendo no cenário em sua devida proporção, a de um mero detalhe.

O povo (a essa hora estimado em 7 mil pessoas) ainda estava entrando – no pique e no Centro de Convenções – quando uma das bandas responsáveis pela existência de tudo isso subiu ao palco principal. Pernambucano tocando pernambucano para pernambucano: abriram com "Quando A Maré Encher", dos olindenses do Eddie, regravada no quarto disco da Nação Zumbi, *Radio S.AmbA*. Claro, mandaram hits da lavra de Chico Science, como "Da Lama Ao Caos" e "Manguetown", mas é importante salientar a nova fase. Sem o carisma do líder, o grupo se embrenhou por uma massa de groove, na qual o tambor continua batendo forte, cada vez mais costurado pela guitarra de Lucio Maia em "Lo Fi Dream" e "Arrancando As Tripas".

Nação Zumbi: sem líder carismático, sobrou a massa de groove

Raimundos: a temperatura alta de sempre

De volta ao palco secundário, o Bonsucesso Samba Club fazia as honras da casa. Roger Man (ex-baixista do Eddie) e quatro percussionistas agregados ao trio básico (baixo, guitarra e bateria) tocavam um samba do crioulo doido, daqueles que qualquer tentativa de catalogar vira bobagem, e o pessoal ia chegando. Terminaram seu set e o pessoal ia chegando. O Rappa foi anunciado, e o pessoal ia chegando. Calor. Empurra-empurra. Tumulto. Ninguém estava preparado para tanta gente. Ninguém esperava que o primeiro show do grupo no Recife depois do crime cometido contra o baterista Marcelo Yuka teria tanta procura.

ESTILINGADAS NOS NEURÔNIOS

O ar pesado só contribuía para que o som do Rappa ficasse mais contundente. "Bum, bum, bum, o homem-bomba"... De uma espécie de sacada à direita do palco, avistava-se três cenários diferentes. Primeiro, Yuka na cadeira de rodas, com a expressão distante, as pernas esticadas sobre o pedestal da bateria. À frente, a banda, com o tecladista Marcelo Lobato nas baquetas. Finalmente, o vocalista Falcão agitando incansável, acompanhado pela multidão, que se aproximava das 15 mil pessoas (recorde do evento), preenchendo todo o local.

A apresentação alternou sucessos com viagens instrumentais que esticavam as músicas com estilingadas nos neurônios. Como se fosse passada a mensagem e, em seguida, permitido um tempo para se pensar, refletir, absorver o impacto. Silêncio. Yuka é levado à cena. Fala contra políticos e violência e a favor do MST. A raiva que ele mostra (compreensível, aliás) é mais assimilada que o discurso. Ao lado, os integrantes do Asian Dub Foundation sem entender patavina, assustados com a vibração que teriam de segurar.

Sem canções conhecidas no Brasil, eles tentaram contagiar a audiência na base da empolgação. A banda não parou um minuto, conduzida pelas corridas do guitarrista Chandrasonic e pelos pulos do baixista Dr. Das (ao que parece, o dono do pedaço, o Steve Harris deles). Nos vocais,

SÓ ROQUEIRO SEM PRECONCEITO

Pernambuco Em Concerto bota a massa molhada de chuva e suor para bater o pé e ralar a coxa com os tambores regionais e pulsar com as guitarras pesadas

John Bigu: mistura pop atualizada

Dias 12 e 13 de abril a Praça Arsenal da Marinha no Recife Antigo abrigou a terceira edição do Pernambuco Em Concerto. Mais de 10 mil pessoas acompanharam 13 apresentações durante os dois dias de festival. Como todo ano, a abertura foi do símbolo escolhido para representar a festa: o cavalo-marinho, uma versão pernambucana do bumba-meu-boi. Depois, bastou administrar a empolgação do público com Sá Grama e suas músicas da trilha sonora do filme *O Auto da Compadecida*: o ritmo indígena dos 50 integrantes do grupo Caboclinho 7 Flechas, as marchinhas tradicionais e novas composições da Usina Das Cordas e a batida africana do afoxé de Ilê De Egba. Além disso, o público bateu o pé ao som do Ajuinha do Coco e ralou coxa no forró de Lampiões e Maria Bonita.

Depois de uma noite cheia de atitude e personalidade, o segundo dia de festival dedicado às bandas "mais pesadas" (sim, as de rock) até pareceu meio sem sal e criatividade, salvo a gumas exceções. Logo na primeira música, o Sangue De Barro fez o pogo rolar solto na frente do palco. Camisetas do AC DC, Korn e Nirvana pulavam ao som da mistura de guitarras, zabumba, triângulo e pandeiro. Skates, acessórios de metal e cabelos moicanos também decoravam a parte nobre do Recife Antigo. Bares e restaurantes chiques ao redor da praça pareciam ao mesmo tempo felizes e assustados com a nada comum mas farta freguesia. Foram justamente eles que serviram de abrigo a grande parte dos garotos e garotas pegos de surpresa por uma típica tempestade tropical que durou meia hora. Em poucos minutos, as imensas poças de água ao redor do pavimento viraram uma brincadeira legal, enquanto a segunda banda, Os Caba, não subia ao palco. No momento certo, a alfaia (tambor de maracatu) bateu fundo e o vocalista brincou com o público encharcado. "Mesmo que ficasse só uma pessoa, a gente faria o show". Ótimo elemento cênico, flerte com o repente e trabalho vocal forte marcaram a apresentação da banda.

Mas a melhor atração (e última surpresa) da noite veio em seguida: o grupo John Bigu, do percussionista Maurício (irmão de Maurício, do Mestre Ambrósio), que recheou o show com inspirações africanas. Seus músicos, a maioria com formação erudita, são performáticos e fazem uma mistura pop e atualizada. A guitarra funde-se com o tambor de terreiro enquanto os ótimos vocais masculino e feminino se alternam – o primeiro dominante e o segundo mais esganiçado, lembrando a loa (canto do maracatu). Música elaborada e com a pegada do rock'n'roll.

Quase 2 da madrugada, hora de hip hop. Os Procurados mostraram um rap básico, aquele fácil de ser encontrado em qualquer esquina. Tudo certinho, como manda a cartilha do movimento da periferia. Do Bairro Novo, de Olinda, vieram os dois últimos nomes da noite. Vizinhos de Sheik Tosado, A Prole e Os Cachorros foram responsáveis pelas apresentações mais esperadas e barulhentas, com muito funk-metal, rap, batuque de terreiro e hardcore. Do camarote da imprensa, o que se via era uma grande massa molhada de suor, pulsando com as guitarras pesadas. De arrepiar, independentemente de ser fã ou não.

Com produção e organização impecáveis, o festival teve como única gafe (fora a de São Pedro) o brado do vocalista dos Cachorros: "Vocês querem frevo ou hardcore?". Uma pergunta básica para conquistar os fãs furiosos do estilo, mas sem o mínimo de semancol. A proposta do Pernambuco Em Concerto era, além de divulgar os novos grupos locais, diminuir preconceitos musicais entre os jovens e popularizar expressões artísticas tradicionais da cultura regional. Nem sempre é a chuva que pode levar tudo por água abaixo.

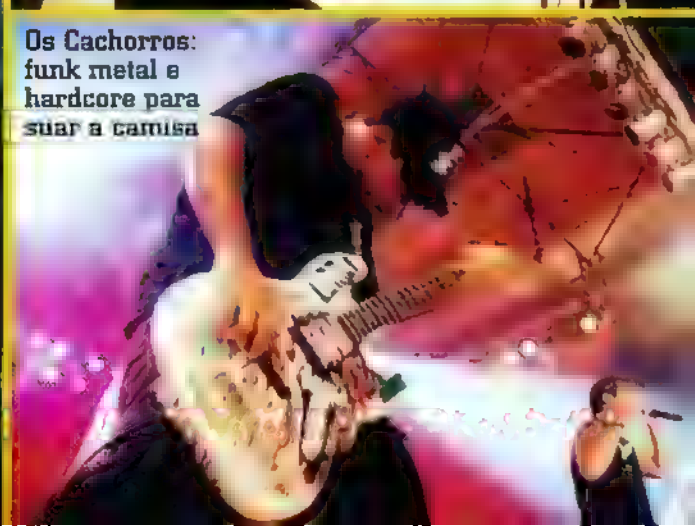
Fabiana Batistela

Os Procurados: rap básico da periferia

A Prole: rock com batuque de terreiro

Cavalo marinho: símbolo deste ano

Ilê de Egba: batida africana do afoxé


Os Cachorros: funk metal e hardcore para suar a camisa

Queers ("Rockaway Beach"), Infierno ("Pet Sematary"), Ratos de Porão ("Commando") e Raimundos ("Blitzkrieg Bop" e "Surfin' Bird"): na segunda noite, todas as bandas se lembraram do recém-falecido Joey Ramone

dois moleques espoletas substituindo Deedar – segundo o grupo, "ele está dando um tempo". Sun J abandonava os teclados e dançava até a beira do público, só o programador Pandit G permanecia impassível. Tudo em vão: o público nem esperou as músicas mais fáceis do álbum *Rafi's Revenge* (1998), como "Naxalite", "Buzzin" ou "Free Satpal Ram" (leia-se um Rage Against The Machine com batidas eletrônicas) para ir embora.

A metade da lotação que durou foi premiada com uma sessão de dub letal, baseada no repertório do disco *Community Music* (2000). Na lateral do palco, integrantes do Rappa, Raimundos e Nação Zumbi presenciavam a gravidade em torrente de "Riddim I Like" e "Colour Line". Não por acaso, Canisso (Raimundos) e Lauro (Rappa), dois baixistas, eram os mais ligados na performance do seu colega anglo-asiático. Passava das 3 da manhã para o DJ Amon Tobin desfilar seu set de "drum'n'bass suave, jazzy", como informa o release. Para quase ninguém, ele inverteu a escrita a ponto de ameaçar as paredes de divisórias da sala de imprensa com suas freqüências.

Finda a noite, a sensação era de que dificilmente algo iria superar o banquete da sexta-feira. A dúvida foi dissipada com os americanos do Queers, a segunda banda do sábado (a primeira foi o Dolores Del Fuego), que começaram com "Rockaway Beach", homenagem a Joey Ramone: sai o congraçamento de estilos, entra o ritmo duro, reto. Veio o Infierno, quarteto carioca com a precisão do Helmet e versão cabeçuda de "Construção" (de Chico Buarque), que interessou até enveredar pelas covers de "Pet Semetery", da banda do falecido no domingo anterior, e "Sabbath Bloody Sabbath". A partir daí, a grande questão era que músicas dos Ramones seriam tocadas por Ratos de Porão e Raimundos – "Commando" por um, "Blitzkrieg Bop" e "Surfin' Bird" pelo outro.

Assim transcorreu o sábado do Abril Pro Rock, tradicionalmente reservado à música pesada. Exceção à batida quadra-

NÃO FUNCIONAMOS AOS DOMINGOS

Segunda edição do **Skol Beats** amanhece como a grande festa eletrônica do Brasil

A segunda edição do Skol Beats começou às 16h30 do sábado, 21 de abril, e se estendeu até as 9 horas de um domingo ensolarado. Antes de aportar no Autódromo de Interlagos, em São Paulo, o Skol Beats bateu estacas no Rio de Janeiro e em Curitiba. Essas duas etapas reuniram, cada uma, 10 mil pessoas, e a paulistana, cerca de 20 mil (8 mil a mais do que em 2000). Na tenda trance, o inglês John Digweed mostrou todo o seu ecletismo e precisão a frente das pick-ups. A mesma lona fluo abrigou o americano Christopher Lawrence, que botou os "tranceiros neo-hippies" para dançar bonito, com direito a buquê jogado (da cabine de som) por uma noiva que havia se casado na noite do festival. Dos nacionais, quem se deu muito bem foram os quatro produtores do Influx, que, ao término de sua apresentação, ouviram em uníssono o nome do projeto que encabeçam.

Os momentos inesqueciveis da tenda tecno ficaram a cargo do londrino Mr. C e seus scratches inusitados aplicados à tech house com leve sotaque dub e do som pesado e imagens contrastantes propostas pelo anglo-canadense Richie Hawtin (mais conhecido como Plastikman). A única mudança na programação ocorreu em virtude da pane no avião que traria Anderson Noise de Campo Grande (MS). O DJ mineiro tocaria às 21 horas, mas acabou chegando a tempo de fazer uma dobradinha providencial com Camilo Rocha e salvar a tenda, em estado de sonolência com o americano Rolando.

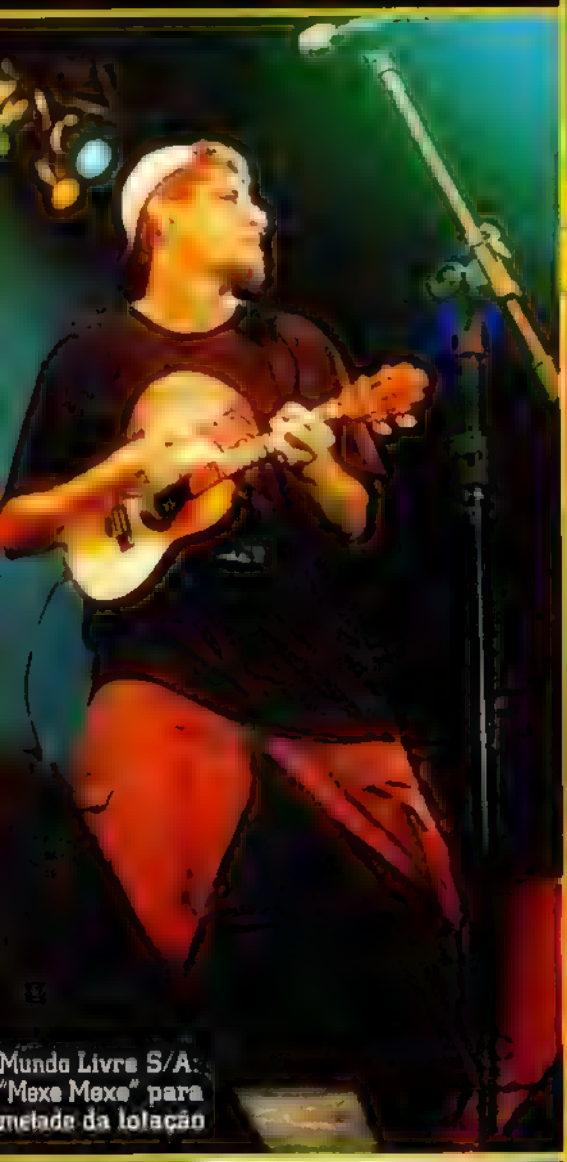
O grande herói do espaço house foi o americano Roger Sanchez. Habilidoso, o produtor e dono do conceituado selo R-Senal fazia cara de galã enquanto mixava otimas vozes e batidas em um set melodioso e funky. A dupla americana H-Foundation e o carioca Felipe Venâncio também agradaram. Já o spiritual house de Joaquin "Joe" Claussell não funcionou no Skol Beats soando falho e mundano.

Quem esperava reencontrar a impressionante qualidade de som da tenda de drum'n'bass da primeira edição do festival deu com os burros n'água. O sistema de amplificação pecou a ponto de prejudicar as apresentações dos primeiros DJs, em especial o live P.A. de Ramilson Maia. No decorrer da madrugada, vez por outra, as freqüências da tenda trance invadiam o meio de campo, ou melhor, da pista. A iluminação também não era das mais dignas de nota. Mesmo com todas essas adversidades, o publico (que não arredou o pé em nenhum minuto) e o line up da tenda seguiram decididos nos breakbeats. Cultuadissimos, os DJs residentes do club inglês Movement, Ray Keith, Brian Gee e Andy C, deram autógrafos e o internacional Marky mandou ver até as 7 horas da manhã. Mas, tirando o anticlimax estrutural da tenda drum'n'bass, o saldo foi positivo. Não houve brigas. Os bares liquidaram seus estoques (ironicamente, a alguns deles faltou a cerveja patrocinadora no meio do agito). A pontualidade e a programação foram respeitadas. Até mesmo a chuva que ameaçou tornar o evento um daqueles woodstocks horriveis ficou apenas no chuvisco passageiro. Enfim, desceu redondo. Só algumas perguntinhas finais. Por que a área vip estava tão caidinha? E o miniyakisoba de frango do restaurante oriental, por que acabou tão cedo? E os meus óculos escuros? Onde foram parar os meus óculos escuros naquela estranha manhã de domingo?

Rodrigo Carneiro

Mopho: lisergia seria maior com o teclado

Brasov: Karnak à carioca



Mundo Livre S/A: "Mexe Mexe" para metade da lotação

Ratos De Porão: barulho guteral

Lobão e Arnaldo Baptista: presença do mutante amansou o primeiro, que antes deu um show de descontrole

Fotos: Matias Maxx

HUMANOS NA TOMADA

Musicos de carne e osso superam o elemento digital sugerido no nome do evento e roubam a cena no Eletronika Telemig Celular

Eletronika. Um festival com esse nome remete a algum acontecimento musical futurista, no qual androides tocam seus sets pré-programados para um público meio robotizado. Nada disso. Eletronika Telemig Celular foi o evento de novas tendências musicais que, de 26 a 28 de abril, pela segunda vez transformou Belo Horizonte em uma grande festa com produção impecável. Mais de 30 shows deram vida aos três espaços reservados para a música no Centro Cultural Casa do Conde de Santa Marinha. A boate interna Eletronika BH serviu de vitrine para exportação pública a nova safra de DJs paridos nas Gerais. Um deles, Roger Moore (não confundir com o ator que encarnou o agente 007), aproveitou a ala barrista para lançar seu primeiro CD. Mas o abrigo sonoro que acabou magnetizando as atenções foi o Club, um galpão com enormes ventiladores pendurados no teto, pronto para alimentar umas 600 pessoas espremidas. O local recebeu as atrações mais bacanas do evento – com exceção da Nação Zumbi, a única que se apresentou ao ar livre, na Plataforma. Jon Spencer Blues Explosion foi quem subiu no palco Club, na primeira noite do festival, para subverter – de cara – toda e qualquer lógica eletrônica. Em vez de clubbers com cabelos pintados, cores e todas aquelas roupas e adereços de gosto duvidoso, cabeludos empurravam-se nas primeiras filas. Para quê? Para verem de perto o trio nova-iorquino de rock, funk, blues e tudo o que não fosse drum'n'bass, house ou trance. Ora bolas! Depois dessa apresentação, a base de suor, adrenalina e rock'n'roll, o nome Eletronika perdeu o sentido quase por completo e passou a soar como algo frio, exato e artificial. Ao contrário disso – ou seja, quente, errado e natural foram todos os demais shows que valorizaram a presença de músicos em cima do palco. Entre eles, o do grupo AD (com baixo, teclado e bateria), o de Bruno E e O Discurso (com os vocais de Patrícia Marx), Nicola Conte (com o trombonista e tecladista Gianluca Petrella) e Anvil FX (com o percussionista João Parahyba). Essa tendência do elemento humano superando o digital durou até o último dia, quando Asian Dub Foundation e Nação Zumbi garantiram lotação completa no encerramento do festival. Sem eles, e principalmente sem Jon Spencer, o que teríamos do Eletronika? Talvez somente mais uma festa com inúmeros DJs colocando som. E não um festival com tantos músicos fazendo som.

Terence Machado

Antes de receber o mutante Arnaldo Baptista, baixou um encosto em Lobão, que atirou o suporte do microfone no fosso dos fotógrafos e jogou longe uma garrafa de vinho. Isso é que é universo paralelo...

O Rappa: hits e viagens instrumentais para o público assimilar a mensagem, exposta sem meias palavras por Marcelo Yuka *(abaixo)*

da somente no fim, com os Raimundos encerrando com "Reggae Do Manero" e citando "Liberdade Pra Dentro Da Cabeça", do Natiruts. Às 11 da noite, com menos de 10 mil pessoas, já tinha acabado. A festa iria prosseguir no Armazém 14, na zona portuária do Recife. Lá, rolaria discotecagem de Amon Tobin (fraca) e do Asian Dub Foundation. Inspirados, os dois MCs do grupo esmerilharam rimas no freestyle, culminando com Pandit G exibindo versões tortas de jóias como "Roots Rock Reggae" e "Natural Mystic", de Bob Marley, até amanhecer.

SURTO AO VIVO

Domingo, dia internacional da "leseira". Menos para a organização, que agendou os grupos locais Ciranda do Baracho e Sa Grama para o fim da tarde. Sem mim, lógico. Eu estava no hotel, trocando impressões com Akshka e Spex, os dois rappers do Asian Dub Foundation. Funk carioca (acharam "básico"), futebol (pensam que o brasileiro ainda é o tal), política (malharam o primeiro-ministro britânico Tony Blair) e curiosidades (não cantaram os petardos "New Way New Life" e "Change A Gonna Come" porque não decoraram a letra). No máximo, pensei, perco o Textículos De Mary e garanto o Jon Spencer Blues Explosion.

Ledo engano. No Centro de Convenções, com o sorriso sádico que é peculiar na categoria, jornalistas me avisaram que já estava na vez do Mopho. Que a viadagem do Textículos De Mary foi "uó" (no afã de me impressionar, disseram que cortaram o som da banda abruptamente, só para criar um hype). Que Jon Spencer arrasou. Enfim, que perdi os dois melhores shows de todos os tempos e deveria me amaldiçoar até a sétima geração por isso. Não me deixei abater, embalado por peixes hidráulicos e som dos alagoanos. Onde está o teclado que enfeita o disco de cores astrais? Senti sua falta.

Hora do Mundo Livre S/A, lançando seu magistral *Por Pouco* (só agora, é mole?) em seu torrão natal para o menor público do Abril Pro Rock, 5 mil pessoas. Espaço de sobra para dançar com "Mexe Mexe", "Melô Das Musas" e "Meu Esquema". E não se fala mais nisso nem no Brasov, um Karnak à carioca. Pois Lobão está à espreita, prestes a surtar. Após 15 minutos de mansidão, um encosto baixou no homem. Ele tropeçou nas caixas de som. Cantou "Help" a capela, para ver se baixava a bola. Nada. Atirou o suporte do microfone no fosso dos fotógrafos. Jogou longe a garrafa de vinho que estava em um isopor sobre o pedestal da bateria. Tomou distância, correu e chutou o isopor.

A LENDA VIVE

Por falar em universo paralelo, havia Arnaldo Baptista. De camisa rosa com as mangas desfiadas, ele se sentou ao teclado e executou "Sanguinho Novo", "Sexy Sua", "Sr. Empresário" e "Ando Meio Desligado". O lobo, que depois do exorcismo buscou a paz com as conhecidas "Rádio Blá", "Vida Louca Vida" e "Decadence Avec Elegance", voltou a sorrir com o mutante. Voltaram todos, ao ver a lenda ali, tocando e cantando, um sentimento recíproco para quem estava no palco. Satisfação.

Sim, o festival mudou (não tem nem mais som no Calcinha Preta, o barracoboate psicodélica que se transformou na coqueluche do ano passado...). O tumulto no primeiro dia serviu para os organizadores perceberem o tamanho do monstro que criaram – e decidiram enfrentar, recorrendo a bandas que não prometem nada além de música. Eu estava convencido de que o Abril Pro Rock não é mais aquele, quando lembrei do serviço de café da manhã do hotel 7 Colinas, em Olinda, que abrigou o circo do rock. A lesma lerda de sempre.

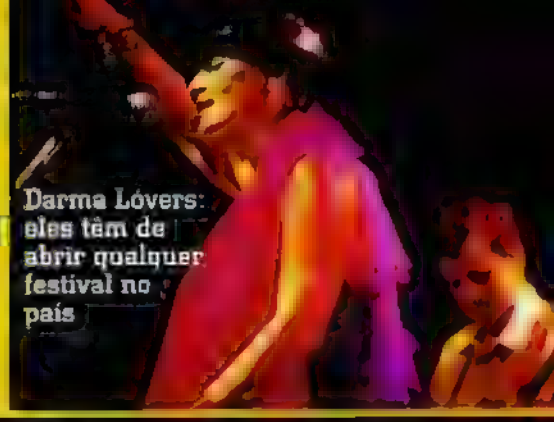
SÓ FALTOU COMBINAR COM O PÚBLICO...

Estreia paulistana do Abril Pro Rock mesclou algumas bandas que tocaram no Recife com atrações exclusivas, mas só se falava mesmo era do show da Jon Spencer Blues Explosion

Por que será que, em pleno 2001, a rica e efervescente São Paulo não possui um festival de música pop consagrado? Pois o idealizador do Abril Pro Rock, Paulo André decidiu fazer algo pelo pobre paulista e trazer a festa para o Sesc Pompeia durante os dias 27, 28 e 29 de abril. E feio a megalópole cultural importar o evento pernambucano? Não, feio é ninguém ir. Ninguém é exagero. A edição paulistana do Abril Pro Rock transformou-se no show da Jon Spencer Blues Explosion. Só se falava nisso. A procura era grande, mas apenas para o sabadão em que o trio americano se apresentaria. A solução foi armar um show extra, no fim da tarde do mesmo sábado. Cansado por causa da maratona incessante que fora a turnê brasileira (Sampa era a última parada do grupo) e triste por acabar de levar um pé na bunda da deusa Cristina Martinez, Jon não foi metade do que costuma ser em performances normais. Pulou, dançou (como um Jim Morrison indie), sapateou, tocou teremim e agradou geral. Mas não quebrou tudo. Não havia forças, equilíbrio emocional nem cobrança do público – que já ficaria satisfeito com algumas palavras em português e os poucos hits em arranjos originais. Na apresentação extra, mal vieram os hits, umas do disco *Acme* ("I Wanna Make It All Right", "High Gear", a ótima "Magical Colors") e olhe lá. Privilégio para as inéditas que devem entrar no álbum novo, que sai ainda este ano. Horas depois, no show oficial, Jon deu "Afro", "Flavor", "Dang", "Bellbottoms" e o resto de seu gás. Após o acender das luzes o baterista Russell Simins implorava para ser levado ao hotel, enquanto o guitarrista e grande presença Judah Bauer agradecia aos fãs de ocasião. Disseram que Jon volta daqui a seis meses. Que o popô esteja menos dolorido e os compromissos da agenda não sejam tantos. O público, em sua maioria, vai gostar de qualquer jeito.

Mas para a informação dessa platéia, o Abril Pro Rock não foi só dos nova-iorquinos. Com seis atrações por dia, divididas em dois palcos e tocando simultaneamente (Fred 04 reclamou disso, ele que com o Mundo Livre S/A fez um competente encerramento no caído domingo de Flu, DJ Dolores e outros que haviam tocado na versão recifense), o evento trouxe para São Paulo belas atrações. Não houve grande quórum, mas pelo menos o som da Choperia (o palco secundário) prestava. Foi lá que a dupla gaúcha Os The Darma Lovers, auxiliada pelo mestre Frank Jorge, abriu alas. Que tal iniciar a campanha para colocá-los na abertura de qualquer evento musical de hoje em diante? Foi de emocionar: baladas ao violão, incenso, ensinamentos budistas, psicodelia, alto-astral e paz na alma. Quem sabia, cantou junto: "Stop! Com as bananas/Te ver sorrir é o nirvana..." Sonic Junior entrou depois, outra dupla, mas essa de Alagoas. Usando somente sample, guitarra com wah wah, bateria e berros, mandaram altos grooves e fizeram um barulho infernal (sobretudo em "Xinga"). Quem fechou a noite foi o Mopho e seu rock retrô. Uma versão de 15 minutos de "Sympathy For The Devil" diz muito sobre o que rolou. No teatro, o palco principal abrigou a faceta punk do Abril Pro Rock paulistano. Devotos, Inocentes e Ratos De Porão. Destaque para os alucinados Gordo e Jão desviando da molecada que invadiu o palco durante "Aids, Pop, Repressão". No dia seguinte, Sala Especial e Jupiter Apple aqueceram para Jon Spencer e a Choperia viveu outra grande noite. O Textículos De Mary precisa de uma gravadora urgentemente. São o Disk Putas com talento. A junção de new wave chiclete com figurino viado só poderia dar coisa boa. Os espectadores, que ansiavam pelos shows do punk brega Wander Wildner (lançando seu novo disco) e dos só punks Replicantes (professor Gerbase agitou), foram carinhosos com os recifenses. Ainda dá para acreditar na Cidade da Garoa?

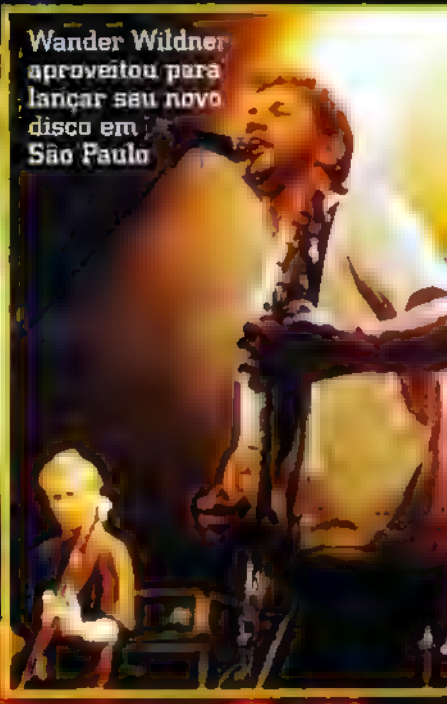
José Flávio Júnior



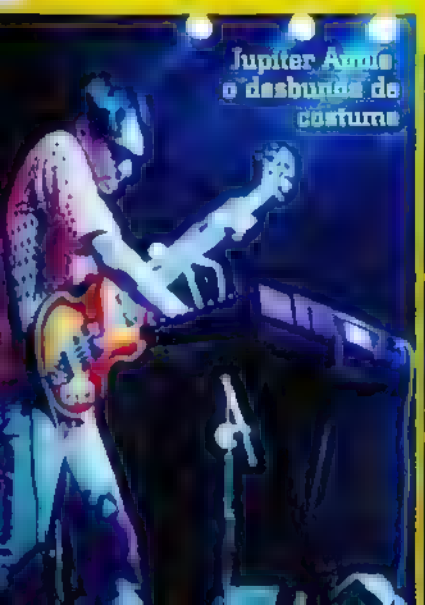
Darma Lovers: eles têm de abrir qualquer festival no país

Jon Spencer não quebrou tudo, mas agradou geral

Replicantes: o punk não morreu



Wander Wildner aproveitou para lançar seu novo disco em São Paulo



Jupiter Apple: o desbunde de costume

Sonic Junior: dois moleques e uma sonzeira do diabo

Sala Especial: lounge antes da porradaria

Textículos De Mary: a próxima vítima pode ser você

Retna

Norman Blake (*à dir.*) puxou uma música dos Ramones para homenagear o falecido Joey

Romantis

Três shows em um porão bastam para que o **Teenage Fanclub** lembre que o pop também pode ser sublime. É o que garante **Fabio Bianchini**, que presenciou a minitemporada do trio escocês em Londres e, ainda sob os efeitos da emoção, conta como foi

Triste sinal dos tempos: o excelente disco *Howdy!*, que o grupo lançou no ano passado, não teve sequer edição americana – brasileira, então, nem se fala...

Quem quiser descrever os anos 90 vai ser obrigado a mencionar a ironia. Não aquela ironia fina e inteligente que apreciamos, mas a nefasta, de liquidação, acessível a qualquer pobre de espírito armado de sorriso desdenhoso e má-fé. Dizer uma coisa dizendo que quer dizer outra e falar sem qualquer compromisso com o que se disse. Aí, prestar atenção em sentimentos passou a ser brega, defender convicções políticas passou a ser panfletário e retrógrado, acreditar em amizade passou a ser babaca e respeitar o próximo passou a ser coisa de otário. "Romântico", vejam só, passou a ser pejorativo.

E o Teenage Fanclub, o que tem a ver com isso? Bom, no fim de 2000 eles lançaram um disco chamado *Howdy!*, que pode ser vagamente traduzido como "oiê", aquele cumprimento franco, sorridente e desarmado, meio caipirão, quase simplório, como que saudando o novo século. Um disco de peito aberto, sem medo de dar a cara para bater. Eles sabem aonde querem chegar e fazem questão de aproveitar o caminho.

Mas, pelo jeito, não é todo mundo que quer ir junto. Até hoje, o Teenage Fanclub tem que conviver com a acusação de serem meros recicladores. De Dinosaur Jr, depois de Big Star, depois de Byrds. *Grand Prix*, o melhor disco dos anos 90, recebeu apenas migalhas da atenção merecida. Fazer o quê? Eles sabem que ser sublime é mais importante que ser inovador. Afinal, o amor é mais antigo que a humanidade, mas nem por isso deixamos de precisar dele.

Howdy! até agora não foi nem lançado nos Estados Unidos. Assim, chegamos à inusitada situação de presenciar uma das

...o vivo

bandas mais amáveis que existe fazendo uma minitemporada de três apresentações diferentes no pequeno Camden Underworld, no norte de Londres, pouco mais que um pub com capacidade para menos de 400 pessoas.

O primeiro show é o convencional. "Com guitarras", conforme o anunciado. O perfil da platéia, o mesmo nas duas noites seguintes, é curioso: tiozinhos, que ninguém nunca imaginaria se preocupar com coisas como música, exceto bêbados em bailes ao som de "Besame Mucho" ou versões orquestradas de músicas dos Beatles, todos eles com o repertório inteiro na ponta da língua.

E que repertório, amigos. A primeira música da primeira noite, para não deixar dúvidas quanto às intenções, é "The Town And The City", que começa com "é bom estar aqui de novo". E é mesmo. Até quem nunca esteve num show do Teenage Fanclub antes se sente familiarizado. Joey Ramone, morto dois dias antes, não é esquecido: Norman Blake puxa uma cover relâmpago de "Blitzkrieg Bop" e a banda acompanha, mas é apenas um "hey, ho, let's go" rápido.

No bis, a pachorra de tocar "Tell Me What You See" é plenamente justificada, já que a versão original é daquela outra banda que tem um vocalista/guitarrista carismático com pinta de líder, um baixista que escreve as músicas mais pops e docinhas e um guitarrista que começou meio de segundo plano, mas melhorou muito a cada disco. No meio do caminho, aulas de pop e baladas como "Radio", "Some People Try To Fuck With You" e a inédita "Thaw Me". Para finalizar, "Star Sign" e a clássica música-de-encerramento "Everything Flows".

Na noite seguinte, é a vez do show acústico. A banda está ainda mais relaxada e não se importa de começar "That's All I Need To Know" quatro vezes e só então acertar. Norman parece determinado a compor algo na hora e aproveita cada intervalo mais prolongado para brincar com um riff simples e cantar "come on, come on". O aparato de xilofones, bandolins, trompetes e até um serrote, para acompanhar "Star Sign", garante arranjos diferenciados eficientes.

O terceiro show, prometido para ser "sem guitarras", começa aparentando mais tensão. "Ain't That Enough" abre os trabalhos meio solene em seu arranjo de teclado e baixo. Mas a bateria eletrônica de churrascaria e o riso incontido de Norman enquanto toca uma espécie de sanfona de mesa em "Verisimilitude" colocam tudo de volta no seu ritmo normal. Depois, ele avisa, pendurando sua Gibson no pescoço: "O show de hoje é como um sanduíche. As músicas sem guitarra são as fatias de pão e agora é o recheio. Acreditem, vocês vão nos agradecer".

A primeira da parte elétrica é "Hang On", uma das maravilhas do injustamente renegado *Thirteen*. A partir daí, o repertório é muito mais calcado em músicas antigas, tesouros da juventude, várias do clássico *Bandwagonesque*. "Faz tempo que a gente não toca essa" é a frase que Norman mais usa.

O que choca tanto quanto a simpatia dos escoceses é a desfaçatez com que enfileiram pepitas em forma de melodias. Para eles, tocar "Alcoholiday", "What You Do To Me", "Sparky's Dream", "About You", "I Need Direction" e "The Concept" em seguida é tão natural quanto chupar um Chicabon. No final, após "Planets" e "Cul de Sac", novamente desguitarrizados, a banda volta para tocar "Broken". E a noite termina com os felizardos que lotam o pequeno pub cantando a letra "está quebrado/seu coração foi quebrado de novo" depois que o instrumental acabou. Instante precioso, que a banda faz questão de aplaudir.

Ninguém esqueceu que o mundo é cheio de problemas (na noite do acústico, um mendigo foi queimado na rua diante da fila para entrar no show, ainda à luz do dia), mas também é bom lembrar que o ser humano é capaz de produzir momentos como esses, até para manter em mente que ainda dá para acreditar e nunca deixar de querer melhorar as coisas. A próxima década e o próximo século serão assim? Talvez não, mas a nossa próxima década e o nosso próximo século serão. Pode ser uma viagem para poucos, quase solitária, mas há de valer a pena. *Howdy!*

Eu tô voltando

Depois de vender mais de 2 milhões de cópias do álbum *Everyday*, a Dave Matthews Band volta para a pequena cidade de Charlottesville, onde a banda foi formada, e inicia a turnê que vai percorrer os Estados Unidos no verão de lá

Sem um diploma do colegial, não tinha muito jeito. A solução foi pegar esse emprego de garçom para pagar as despesas e seguir escrevendo algumas canções para ver se acontece alguma coisa. O uniforme branco que eu tenho de usar é ridículo, mas as gorjetas às vezes são gordas. O lado ruim é agüentar os bêbados no fim da noite e limpar mesa suja de cerveja. O bom é que no Millers rolam shows de jazz sensacionais e isso diminui o tédio. É só um trampo temporário, tô gravando minha demo, daqui a pouco começam a pintar uns shows e eu caio fora daqui..."

Esse podia ser um trecho do diário de Dave Matthews em 1991. É o velho sonho americano: largar aquele buraco no meio do país, montar sua própria banda de rock e conquistar o mundo. Aí, um dia, voltar à velha cidadezinha como herói e lotar um estádio com uma multidão fanática pelo seu grupo. O sonho já está desgastado e é até motivo de piada. Mas, por incrível que pareça, ainda acontece. Dave Matthews acaba de voltar a Charlottesville, no estado de Virgínia, para dar o pontapé inicial na turnê do álbum *Everyday*, que já vendeu mais de 2 milhões de cópias só nos Estados Unidos.

A cidade se preparou para o show como se fosse o evento do século, talvez a coisa mais importante que tenha ocorrido desde que Thomas Jefferson construiu lá a Universidade de Virgínia. Com 40 mil habitantes, Charlottesville tem um estádio com capacidade para 50 mil pessoas, que recentemente passou por uma reforma que durou três anos e custou 100 milhões de dólares, dinheiro suficiente para reformar o Maracanã. O show da Dave Matthews Band é o primeiro concerto de rock do Scott Stadium, utilizado principalmente para jogos de beisebol.

As condições não podiam ser melhores. O show rola em um sábado ensola-

Dave no palco, fazendo o que sabe. Ao lado, o cartaz de boas vindas que os "conterrâneos" prepararam

pra casa...

Por Ana Paula Chrispiniano, de Charlottesville, EUA

rado de começo de primavera. Os ânimos estão exaltados. Pela cidade inteira as famílias estão fazendo churrascos no quintal e se preparando para a grande noite. Charlottesville é uma cidade toda graciosa, arborizada e cheia de jovens por causa da universidade. A maioria deles brancos, com celular e dinheiro no bolso, roupas caras e sorriso de comercial de pasta de dente. Essa será a primeira apresentação da Dave Matthews Band na sua cidade natal desde 1995.

Na verdade, Dave (todas as pessoas do local gostam de chamá-lo pelo seu primeiro nome) adotou Charlottesville porque foi lá que ele formou sua banda. Mas o artista nasceu na África do Sul, por causa da profissão do pai, um médico que viajou o mundo fazendo pesquisa científica. Em sua casa se ouvia música clássica e, em Joanesburgo, Dave assistiu a vários shows de grupos africanos, que viriam a influenciá-lo mais tarde. Aos 9 anos ganhou sua primeira guitarra. Aos 18, mudou-se para os Estados Unidos e fez serviço militar em Nova York por alguns meses. Foi quando a família decidiu se estabelecer em Charlottesville, onde seu pai havia sido professor de medicina na universidade. Com 19 anos e depois de uma vida excitante ao redor do mundo, o que estaria passando pela cabecinha de Dave quando ele se viu no meio da pequena e tediosa Charlottesville? Música.

APRENDIZ DE JAZZISTA

No começo dos anos 90, enquanto servia as mesas do clube Millers e rezava por gorjetas, Dave observava os músicos de jazz da região e gravava suas composições em casa, em uma fita cassete. Os áureos tempos desse clube de jazz do velho centro da cidade parecem ser coisa do passado. Na noite em que Dave Matthews está lotando um estádio, no Millers uma banda de country se apresenta para uma platéia de meia dúzia de bêbados nativos.

Jay, um estudante que nas horas vagas toca bateria, conta que hoje em dia o bar está mais voltado para o country. Na época em que Dave trabalhava lá, a cena jazz era bem mais intensa. "Foi aqui que ele conheceu o trompetista, professor de música e espécie de guru local de jazz John D'Earth, que o incentivou a fazer uma fita demo e montar uma banda."

John fez mais do que isso – ele apresentou Dave para o baterista Carter Beauford e o saxofonista LeRoi Moore, ambos músicos de jazz da cena local. Além disso, recomendou o baixista prodígio Stefan Lessard, que tinha apenas 16 anos. Para completar a formação, Dave chamou o violinista clássico Boyd Tinsley. O nome do grupo ficou, por falta de opção melhor, The Dave Matthews Band, na esperança de um dia acharem

Fotos: Jamos Ferreira

O músico sempre teve reputação de gente boa. No início da carr

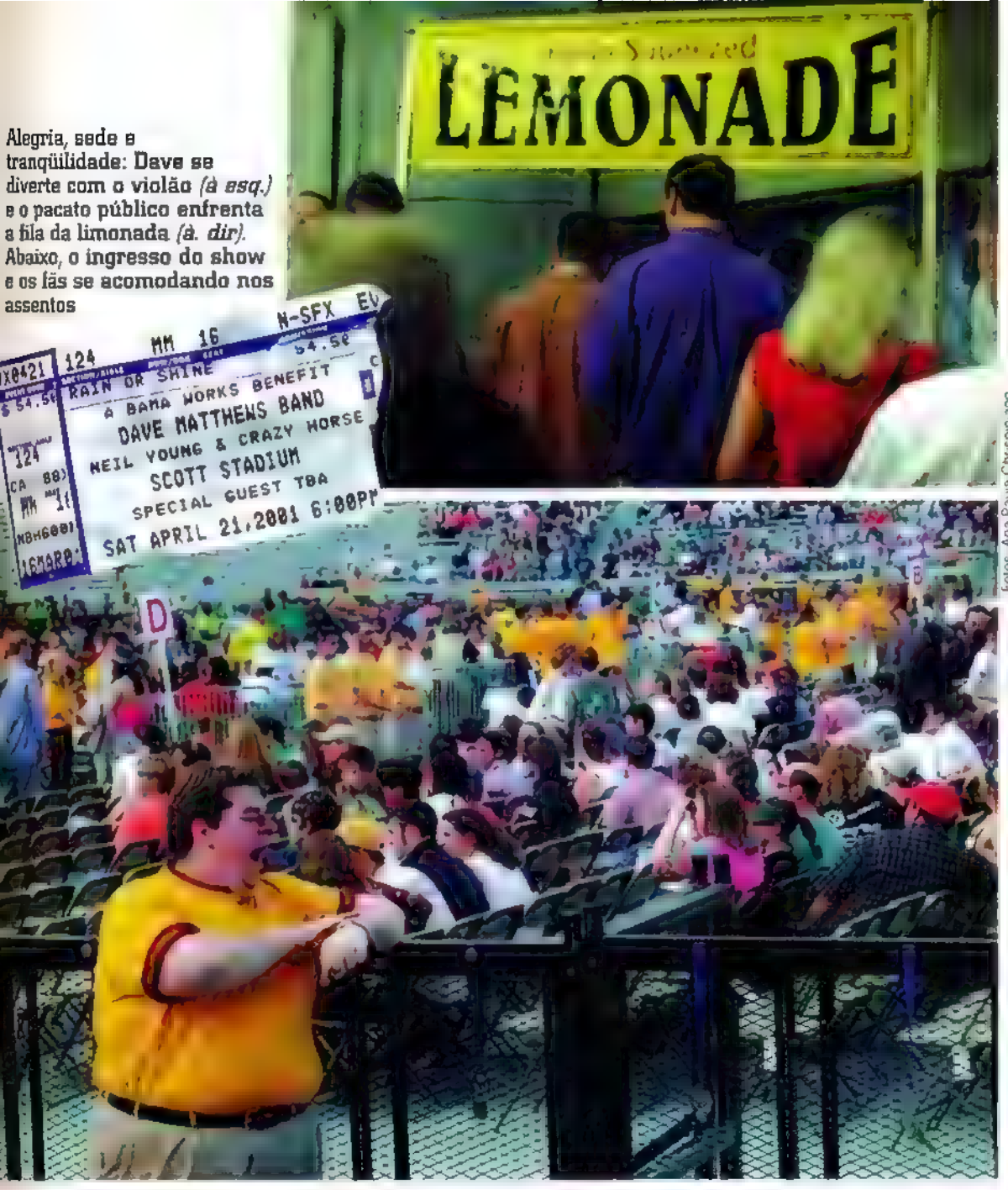
algo mais criativo. O primeiro show oficial foi em 1991, numa festa no telhado de um prédio em Charlottesville. Rapidamente eles começaram a tocar toda semana em um clube da cidade chamado Trax. Hoje em dia esses shows já estão na categoria das lendas do lugar e todo mundo reclama para si a exclusividade de ter visto a Dave Matthews Band quando ninguém ainda conhecia o grupo.

Na porta do Scott Stadium, antes do show, Dale Sloan, que fez colegial com o baterista Carter, diz que costumava pagar 3 dólares para assistir à banda no Trax e que teve de desembolsar 50 dólares dessa vez. Mas ele acha que vale a pena. "Adoro o som deles e, além disso, os caras são muito legais, ajudam muito a cidade, já doaram dinheiro para a construção de vários parques por aqui."

Dave Matthews sempre teve a reputação de ser gente boa. Desde o começo da carreira, permitiu que os fãs pirateassem o show em fitas cassete. Isso ajudou o boca a boca e a popularidade da banda. O primeiro álbum, *Remember Two Things*, foi lançado pelo selo Bama Rags e entrou na parada universitária como o álbum independente mais vendido daquele ano. Com o sucesso, a atitude simpática de Dave não sumiu. Ele aprovou a idéia de o single do novo álbum, "I Did It", ser distruibuído no Napster antes do lançamento oficial nas lojas. Fora isso, a banda mantém uma fundação que destina dinheiro dos shows para causas tão variadas quanto a construção de um playground em Charlottesville ou a preservação da floresta amazônica. No show do Scott Stadium, eles arrecadaram 850 mil dólares para essa fundação. Na entrada, havia ainda um caminhão da organização Feed The Children, que recolheu quilos de alimentos enlatados trazidos pelo público.

A preocupação em torno da organização de um evento tão grande em uma cidade tão pequena era absurda. A população parecia estar em pânico. O motorista de táxi atendia o celular e antes de falar alô, dizia: "Se você quiser um carro para ir ao show, pode esquecer, vai estar uma loucura por lá, pode ligar para outra pessoa". O que se viu pode ter sido uma loucura para a cidade, mas, para quem viu o show do U2 no autódromo de Jacarepaguá (no Rio), o histerismo parecia piada. Os ingressos tinham lugares marcados. Tudo é proibido. Não se pode beber, não se pode fumar (em um estádio ao ar livre!), até frisbee não é permitido. Mas, no fim do show, era possível ver um pouco da malandragem nativa, com várias garrafinhas vazias de uísque espalhadas pelo chão, que a galera misturava com refrigerante e limonada.

Dave Matthews surge no palco sem maiores apresentações, para surpresa da platéia, que aplaude atônita. E diz que é



Alegria, sede e tranqüilidade: Dave se diverte com o violão *(à esq.)* e o pacato público enfrenta a fila da limonada *(à. dir)*. Abaixo, o ingresso do show e os fãs se acomodando nos assentos

Fotos: Ana Paula Chrispiniano

permitia que os fãs pirateassem seus shows

muito estranho anunciar uma das suas maiores influências, Neil Young. É realmente esquisito ver o ícone canadense abrindo para a Dave Matthews Band, mas, ei, essa é a cidade natal dos caras!

Depois de uma apresentação impecável de Young, é a hora da atração "principal". Dave Matthews agradece a platéia, diz estar "ao mesmo tempo feliz e apreensivo por tocar em casa" e logo na seqüência emenda o hit "Two Step", do álbum *Crash*, de 1996. Nas duas horas e meia de show, enquanto a banda toca sucessos de seus quatro álbuns, o público empolga-se a cada solo, aplaude, grita, tentando tornar aquela tarde inesquecível.

QUEM É O VOVÔ?

No fim da apresentação, todos estavam esperando um convidado especial surpresa. Um dos boatos era que Santana iria aparecer. Uma garota jura que ouviu falar que Mick Jagger estava lá. Eles não apareceram, óbvio, e o bis ficou a cargo do hit "Stay". O público ainda pediu mais um, mas por trás do palco deu para ver uma van preta encarregada de retirar a banda do estádio o mais rápido possível.

Na saída, algumas pessoas acharam que Dave privilegiou demais as músicas do último álbum, deixando vários hits de lado. O melhor momento do show foi quando Neil Young deu uma canja e os dois cantaram o clássico "All Along The Watchtower", de Bob Dylan. Na platéia, comentários de "quem é aquele velho tocando com ele?".

A imprensa local estava enlouquecida tentando descobrir para onde Dave iria depois do show. Talvez tomando uma cerveja no Millers, para celebrar os velhos tempos? Bem, lá ele não foi. Além da meia dúzia de bêbados e da banda country, a única pessoa que estava no Millers naquela noite era um garçom limpando mesas com cara de tédio.

OS NORMAIS

A revista americana *Spin* achou um termo ótimo para definir as bandas que fazem sucesso entre a fatia branca e comportada que curte pop rock por lá...

Reprodução

...São os regular guys (rapazes comuns). A alcunha surgiu por causa desta capa, em julho de 2000, com o **Matchbox Twenty**, em que o vocalista [e gatinho] Rob Thomas declarava: "bandas cool não vendem discos".

Fotos: Divulgação

O **Goo Goo Dolls** passou a ser identificado com essa turma após abandonar a veia punk, presente quando o grupo começou, em meados dos anos 80.

Outro trio, o **Semisonic**, ganhou notoriedade com o hit "Closing Time", do segundo disco deles. Acabam de lançar um novo trabalho, que traz o mesmo pop rock gostosinho.

Robert Halfon

Talvez, o maior responsável pela proliferação dos grupos de rapazes normais e bonzinhos seja o **Hootie & The Blowfish**. Estouraram no começo da década passada e seguem com público fiel.

O **Third Eye Blind** é outra banda que compartilha os mesmos fãs da Dave Matthews Band. O vocalista Stephan Jenkins (ex-caso da Wynona Rider) é o queridinho das teenagers.

Império dos pervertidos

Tratados como estrelas no sul do país, onde seu disco de estréia atingiu vendas expressivas, a Comunidade Nin-jitsu está pronta para ampliar as fronteiras do besteirol e da sacanagem Por José Flávio Júnior

Na sala de reuniões da gravadora Sony, os cinco rapazes da Comunidade Nin-jitsu esperam a reportagem de BIZZ. É a nona entrevista do dia. Pelo local já haviam passado repórteres de publicações teen, jornais populares e até um de revista de heavy metal. Apesar das perguntas óbvias ("Por que o nome Comunidade Nin-jitsu?") e constrangedoras ("Vocês são românticos?"), os guris enfrentam o "dia de imprensa" com alegria, disposição, bolachinhas, sucos fosforecentes, Coca-Colas e arrotos altos. Fizeram até uma colinha, uma dália com uns vinte artistas de metal que apreciam, para o caso do entrevistador do veículo do gênero colocá-los na parede. O grande nome da lista não era Slayer ou Venon, mas Udo Dirkschneider, o minúsculo vocalista do Accept, que teve o berro de "Fast As A Shark" (do disco *Restless & Wild*, de 1983) sampleado na introdução de "Arrastão Do Amor", a música de trabalho de *Maicou Douglas Syndrome*, segundo disco dos Nin-jitsu.

Mas a gauchada não consegue esconder a felicidade de ser sabatinada por uma revista de música. "Bá, saber que vocês gostaram do disco já é tudo para a gente", lambe o guitarrista Fredi Endres. A despeito de toda a sacanagem que permeia o conceito do grupo, o papo preferido é mesmo o musical. Enquanto para as outras publicações o interesse era o *Maicou Douglas* do título do álbum, com BIZZ a empolgação pinta na hora de explicar o *Syndrome*: "O *Funkentelechy Vs. Placebo Syndrome* (1977) é um disco do Parliament que a gente adora. A referência veio daí", baba Fredi.

Síndrome de Michael Douglas é igual a vício por sexo. O ator americano, conhecido por sua obsessão de "fazer neném", casou-se com a atriz galesa Catherine Zeta-Jones prometendo pagar uma multa de 4 milhões caso sua mania se manifestasse fora do matrimônio. A história é meio surreal, mas os Nin-jitsu acreditam piamente. "Lá em Hollywood pode tudo rolar. O pessoal é muito moderno", comenta o vocalista Mano Changes, que como os outros quatro comparsas assume sofrer de mal idêntico.

Esses marmanjos solteiros não poderiam pensar em outra coisa mesmo a não ser sexo. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina (estados em que a Rádio Atlântida FM dita o que é sucesso pop), a Comunidade Nin-jitsu tem status de megabanda. Dão autógrafo na rua e botam ninfetas para chorar. Só em 2000 foram mais de 100 shows na região e 40 mil cópias vendidas de *Broncas Legais* – o embaçado disco que ia sair pela Continental mas acabou lançado pela independente Rock It! de Dado Villa-Lobos. "Detetive", "Merda De Bar", Melô Do Analfabeto", "Rap Do Trago" e "Quero Te Levar" são músicas que qualquer gaúcho ou catarinense interessado em pop rock sabe de cor, dada a exposição na mídia local. Isso os levou à Sony.

ATITUDE ROCK É CHINELAGEM

Mas eles não fazem pop rock. O grupo chegou a ser vendido como Miami rock (Miami bass é o nome da batida que os bailes funk dos morros cariocas consagraram no país inteiro), rótulo que eles dizem ter inventado, mas que renegaram em voz alta no dia da entrevista. "Não existe um 'movimento Miami rock'", brada Fredi, apesar de haver um agradecimento ao inexistente movimento no encarte de *Broncas Legais*.

A postura atual deve ter a ver com a treta com Edu K, produtor de *Broncas...*, que fagocitou o estilo em *Miami Rock 2000*, do De Falla. "Ele se afastou de nós depois que começou a nos copiar", acredita o tecladista Sid Poffo. "Ficou com medo. Achou que ficaríamos bravos", encaixa Fredi, que completa: "Ele começou a se influenciar pela gente e, ao mesmo tempo, não teve a coragem de falar isso". Porém todos parecem concordar que o *Kingzobullshit* é um baita disco e que Edu trata-se de um picareta do bem: "A internet e a globalização é que atrapalharam a carreira dele", espeta Mano Changes.

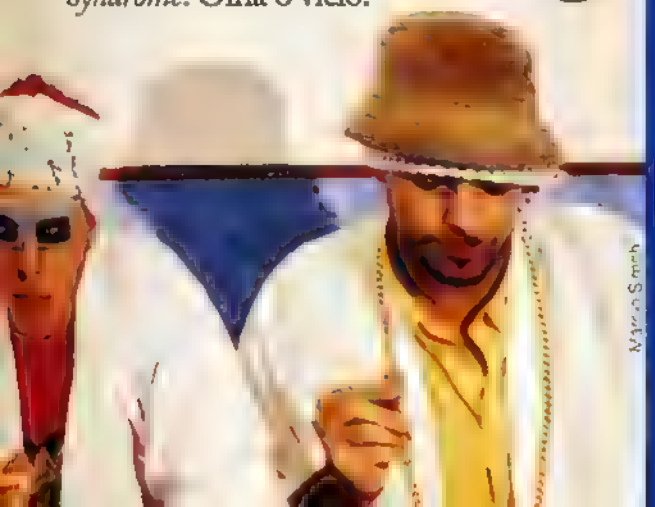
Nando, Sid, Pancho, Fredi e Mano Changes caem de boca no sushi

Se não é Miami rock, é o quê? "A gente faz um rock e mistura com música negra", opina Fredi. Como as guitarras estão muito pesadas no disco novo, o heavy metal é assumido como influência. Então a Comunidade faz metal negro, black metal! A conclusão causa risos (e arrotos) na sala. "Tem muito de funk, hip-hop, mas a gente nunca perdeu a atitude rock", esclarece Mano. Mas o que é atitude rock, guri? "Ah, sei lá..." O baterista Pancho da Cara arrisca um "Podrão...". Nando Endres, o baixista, chuta: "Chinelagem...". E o vocalista tasca: "Uns roqueiro de pau sujo...". Gargalhadas e o desfecho de Fredi: "Eu lavo meu pau na pia!"

QUEM É NINJA NÃO TEME

Ainda não dá para saber se a graça do grupo dominará o Brasil, mas *Maicou Douglas...* é cheio de hits em potencial e o contrato com a Sony dura mais três álbuns. Aliás, negócio com grande gravadora (a mesma que pegou o De Falla e jogou fora meses depois) não dá um certo cagaço? "Não temos medo de nada, a gente é ninja", responde Pancho.

Antes do arroto final, duas últimas questões. Uma séria, sobre as várias citações à maconha nas novas letras. "É a realidade do jovem. Não tem uma festa em que alguém não acenda um baseado para você. Só que existe essa hipocrisia. Uma das maiores estrelas do país foi o Ayrton Senna, uma sumidade que dirigia uma caixinha de Marlboro. E depois tomava champanhe no bico", aperta Mano. "O Twister também faz apologia. Não tem aquela música 'meu amor, nosso amor dá 40 graus de frente, QUEIMA pra valer'?" A outra pergunta é a que o povo quer saber: aonde foi parar Índio, o guru black que aparece na capa do disco de estréia do grupo? "Ele era um ator contratado que compunha nosso cenário na época do *Broncas...* Mero enfeite cenográfico", conta Fredi. Que façam o mesmo com o sushi erótico da capa de *Maicou Douglas Syndrome*. Olha o vício!



A cara enfezada ajuda a conquistar a galera roqueira

★★★★☆

Comunidade Nin-jitsu
Maicou Douglas Syndrome
Chaos/Sony

Pode parecer oportunismo, mas o segundo disco da Comunidade já estava sendo gravado quando a onda funk chegou ao *Domingo Legal*. Pode parecer coisa da Sony, mas Dudu Marote já estava acertado como produtor. Pode parecer que o disco está com tudo para estourar, mas não será fácil.

A Comunidade Nin-jitsu é o Bloodhound Gang brasileiro – também lembra os argentinos do Iliya Kuryaki And The Valderramas. São prostitutas musicais (não cabem em apenas um estilo de som) que priorizam as letras (cheias de piadas, de todos os níveis). Isso dificulta na hora de achar um nicho. Taí a justificativa para a cor preta no encarte e para a carranca nas fotos de divulgação. Querem chamegar com o povo do rock. O próprio guitarrista Fredi Endres confessa que trocou seu personagem Mano Sonho por solos de guitarra. Mas se existem riffs pesados ("Arrastão Do Amor", "Primo Morango", "Guri De Dois"), o Miami bass segue comendo e fazendo a diferença ("Cowboy", "Não Agüento Mais", "Ejaculação Precoce").

Em nome do palatável, as letras possuem menos gírias, palavras inventadas e referências a ícones do pop gaúcho. Dá para entender toda a escatologia sem precisar de "grossário". Isso é bom? Quem conhece *Broncas Legais* vai sentir a mudança de cara. Existem até duas músicas sérias em que Mano Changes fica parecendo Falcão, do Rappa. Mas o alto-astral persiste e com o capricho de Dudu Marote nas timbragens fica difícil perder. Só a citação de "Sweet Dreams (Are Made Of This)", do Eurythmics, na sensacional "Ah! Eu Tô Sem Erva" (não é a história de um colaborador desta revista na etapa recifense do Abril Pró-Rock de 2001!) já vale uns trocados. Quem não estiver numas de maconha, pode procurar álcool, heroína, LSD, chá de cogumelo, morfina, santo-daime e cocaína: tem tudo isso no disco. Mais o sexo, a grande obsessão, que rendeu a capa mais legal do ano até agora.

Boa sorte, tarados. **JFJr**

Satisfeito com a vida à pa

Com o fim da Police Ac
e se declinar no seu ru
Mas o guitarrista a
um retorno com os ex-c
que lançou quase

Por Daniel Olive

sama

de Los Angeles, EUA

Se eles quiserem tocar apenas os velhos hits em turnê, estarei pouco interessado

Fotos: Divulgação

Andy Summers redefiniu a guitarra no rock entre o final dos anos 70 e a metade dos anos 80. Ignorando solos longos, arranjos complexos e distorções, ele contribuiu para a explosão do Police com seu estilo cru, simples e direto. As guitarras econômicas – porém altamente criativas – de "Roxanne", "King Of Pain", "Can't Stand Losing You" e outros clássicos o tornaram um músico influente e idolatrado no mundo inteiro. Antes e depois do final do Police, Andy explorou diversos gêneros musicais. Gravou com o guitarrista Robert Fripp, do grupo de rock progressivo King Crimson, e lançou vários discos-solo, incluindo *Mysterious Barricades* (1986) e *The Golden Wire* (1989). Este último, que explora a world music, foi indicado para um Grammy.

Nos anos 90, o guitarrista inglês concentrou-se em seu estilo favorito: o jazz. Trabalhou com músicos importantes do ramo e passou a manejar seu instrumento com mais complexidade. Em 1995, no álbum *Synaesthesia*, surpreendeu ao confrontar música erudita, indiana e latina com guitarras grunge. Seu rumo artístico imprevisível lhe deu grande satisfação pessoal, mas teve pouca badalação na mídia. Em seus últimos dois discos – *Green Chimneys* (1999) e *Peggy's Blue Skylight* (2000) – Andy interpreta, respectivamente, duas lendas falecidas do jazz: o pianista Thelonious Monk e o baixista Charles Mingus. Os dois discos são guiados por solos e arranjos elaborados, distanciando-se da simplicidade dos trabalhos do Police.

Mesmo em outro território musical, Andy mantém contato com seus ex-companheiros de banda. Em 1990, ele convidou o baixista e vocalista Sting para tocar baixo no disco-solo *Charming Snakes*. Em 1992, subiu ao palco com o baterista Stewart Copeland e Sting na festa de casamento do último. Em 1998, tocou com o baterista na casa de shows House Of Blues, em Los Angeles, para promover o disco *Outlandos D'Americas*, que traz grupos latinos gravando músicas de sua ex-banda. Neste papo com BIZZ, Andy fala de sua carreira no jazz e de seu estilo renovado de guitarra. Ele também ressalta seu amor pelo Brasil e explica os obstáculos para uma reunião do Police.

Como seu estilo de guitarra mudou desde os tempos do Police?

O Police surgiu na época do movimento punk. Os solos de guitarra estavam datados e não queríamos incluí-los em nossa música. Além disso, Sting não ficaria feliz em me ouvir tocar solos prolongados. Acabei me habituando a não fazer isso, mas, na verdade, sempre fui um ótimo solista. O improviso é o aspecto principal do jazz: você toca o tema da música e depois faz variações em cima dele. Nos últimos anos, tenho improvisado em shows de duas horas. Tornei-me um solista real. No Police, eu apoiava o canto de Sting e tentava personalizar as músicas. Meu estilo atual é bem diferente. A musicalidade é mais rica e tenho maior liberdade para tocar coisas incomuns. Hoje, sou influenciado por outras pessoas, como Sonny Rollins, Lester Young, John Coltrane e Miles Davis. Mas ainda mantenho a qualidade eclética do Police: sempre tento fazer canções renovadas e imprevisíveis.

É legal que você explique o significado do jazz aos leitores.

É uma música profunda e cheia de alma. Guitarristas como Yngwie Malmsteen gostam de tocar rápido. Já o melhor jazz não está ligado à velocidade. Miles Davis é talvez o maior exemplo: nem sempre tocava várias notas, mas era poético e expressivo, assim como Thelonious Monk. O jazz está retornando após atravessar um período ruim. Acabei de lotar shows na Europa sem fazer rock. Disseram-me em Londres: "Sabe o que está acontecendo? O jazz é o novo rock'n'roll". Isso está ocorrendo porque o pop atual é sampleado. Ninguém toca nada. No passado, os músicos realmente executavam seus instrumentos. Era demais ouvir grandes guitarristas e bateristas mandando brasa.

Ele agora é "um músico sério", não um popstar

"Eu e Stewart *(Copeland, baterista)* não somos os únicos que desejam voltar. E por que não? Todos os medalhões do rock já se reuniram"

Como você aprendeu a tocar guitarra?
Ganhei uma guitarra de meu tio aos 13 anos, mas só tive aulas aos 16. Aprendi principalmente lendo livros e ouvindo discos. Passei anos tirando solos de Wes Montgomery, Kenny Burrell e outros. Depois, tentei copiar Miles Davis. Mais tarde, estudei com professores variados. Havia poucos recursos quando comecei. Hoje é bem mais fácil aprender: existem livros, internet, CD-ROMs...

Seus discos têm pitadas de música brasileira. Quais você considera as maiores qualidades de nossa música?
É a música mais sexy do mundo por causa dos ritmos e das melodias. Ela me influencia muito. Já toquei no Brasil várias vezes e curti todas as visitas. Tom Jobim e João Gilberto trouxeram ao mundo uma incrível combinação de ritmos brasileiros e melodias jazzísticas. É uma música sedutora. Na verdade, é uma combinação étnica. Os ritmos brasileiros obviamente vêm da África. No meio, há uma camada de música européia. E por cima de tudo está a melodia do jazz.

Sua primeira visita ao Brasil ocorreu com o Police, em 1982. Na época, o país tinha uma terrível reputação no circuito internacional de shows. Por que vocês quiseram correr o risco?
Qualquer estrangeiro quer visitar o Rio de Janeiro pelo menos uma vez na vida. Decidimos ir porque o Police tinha muitos fãs no Brasil. E, logicamente, como artistas, curtíamos a música brasileira. Sempre que vou ao Rio, imagino que acabarei morando lá. Considero o Brasil um dos melhores países do mundo.

Você está satisfeito agora ou gostaria de reviver o estrelato do Police?
O jazz funciona melhor em clubes. O rock é mais apropriado para estádios. Claro que é divertido sentir a força de uma grande arena, mas isso não influencia a música. Sinto-me bem com minha carreira atual, principalmente na Europa. As pessoas me vêem como um músico sério, pós-Police, e não como uma estrela do pop. Enfrentei muito preconceito no mundo do jazz por causa disso. O problema não era falta de talento – afinal, eu sempre toquei direito –, e sim a visão das pessoas. Hoje elas não ficam mais dizendo: "Ah, ele tocou numa banda de pop". Posso lotar shows em qualquer lugar. Os jornais londrinos, por exemplo, me elogiam bastante. Então, dentro do pequeno mundo do jazz, sinto-me recompensado. Eu poderia retornar ao rock ou pop, mas não curto o cenário de hoje. Tornou-se algo muito artificial. É terrível ver gente como Britney Spears ganhando todos os prêmios. Antes, eram U2 e The Police.

Stewart Copeland revelou a BIZZ que adoraria reunir o Police. Já Sting diz em suas entrevistas que odeia nostalgia. Você está de que lado?
É uma pergunta interessante, pois estou nos dois lados. Não gosto nem um pouco de nostalgia. Quando dou entrevistas, não gosto de falar do Police. O grupo era ótimo, mas o que faço agora me satisfaz mais. Não posso viver pensando no que fiz 20 anos atrás. Mas, se Sting quiser reunir o Police, ficarei entusiasmado por três motivos: um, o grupo era demais. Dois, adoro Sting e Stewart. E três, nunca nos despedimos apropriadamente. Nunca dissemos "obrigado" aos nossos fãs. Seria legal excursionar, mas não fico esperando o telefone tocar. Me divirto muito com minha carreira. Acabei de tocar em Londres, e o show estava superlotado. Na verdade, minha carreira é mais gratificante porque não fico apoiando Sting. O público realmente me vê tocando guitarra. Não faço apenas um solinho de 15 segundos no meio de uma música.

Por que há o medo de nostalgia? Vocês poderiam compor músicas novas...
Compor um disco novo seria uma das minhas condições para reformar o Police. Se Sting e Stewart quiserem apenas tocar os velhos hits em turnê, estarei pouco interessado – aí, sim, seria nostalgia. Sairíamos em turnê só para ganhar dinheiro. Que maravilha: eu receberia 50 milhões de dólares e não teria motivo para reclamar. Mas não é isso. Se houver um disco novo, a reunião será demais. Porém a situação é complexa. Sting faz sucesso como artista-solo. Para ele, reunir o Police... Na verdade, acho que seria bom para Sting. Mesmo que tenha seu público, presenciaria um número 10 ou 20 vezes maior com o Police.

Sting esteve no último Rock In Rio, mas só levantou mesmo o público com os clássicos do Police.
Entendo isso. Toquei para mil pessoas na Itália. Se fosse o Police, haveria 60 mil ou 70 mil. Eu e Stewart não somos os únicos que desejam voltar. Muitas pessoas querem o mesmo. E por que não? Qual é o problema? Todos os medalhões do rock já se reuniram. Mas tudo depende de Sting. Seja como for, não fico pensando nisso. Apenas faço minha música. Estou cogitando um disco novo e planejando minhas turnês. Não me preocupo com o Police, pois não preciso de dinheiro.

Como será seu próximo disco? Planeja lançar material próprio?
Sim, mas está difícil trabalhar com as gravadoras por causa do Napster. Elas estão perdidas, não sabem mais o que fazer. De qualquer maneira, agora que já interpretei Monk e Mingus, quero fazer uma trilogia. Estou pensando em gravar Miles Davis em um disco meio funk e dance. Depois disso, voltarei a compor minhas músicas.

Discofagia

Para quem se alimenta de música

Ana Carolina • Annie Sofie Von Otter e Elvis Costello • Astrid • Bee Gees • Ben Harper • Billy Idol • Bufallo Tom • Cássia Eller • Catedral • Crazy Town • Erasmo Carlos • Godsmack • Monster Magnet • Morphine • Nick Cave • Paula Lima • Radiohead • Ramstein • Red House Painters • Roxette • Sideral • Shelter • Shuggie Otis • Stereophonics • Tortoise • Violet Indiana • Wander Wildner • Wipeouters • Zé Ramalho • Zélia Duncan

Beatles iniciam sua fase colorida com *Revolver*

Manu Chao

Menestrel substitui a melancolia pela alegria tropical em *Proxima Estacion: Esperanza*

Cotações*

★★★★★ Chaves
★★★★½ Seu Madruga
★★★★☆ Quico
★★★½☆ Chiquinha
★★★☆☆ Seu Barriga
★★½☆☆ Jaiminho, o carteiro
★★☆☆☆ Professor Girafales
★½☆☆☆ Dona Neves
★☆☆☆☆ Nhonho
½☆☆☆☆ Bruxa do 71
☆☆☆☆☆ Dona Florinda

* dadas pelos autores das resenhas

Trovador mostra uma felicidade inédita depois da temporada tropical

Matias Mar

Bonde del tigrón

★★★★☆

Manu Chao
Proxima Estacion: Esperanza
Virgin

Manu Chao não tem hits, não é um símbolo sexual e, ainda por cima, canta em espanhol, o idioma dos argentinos. Mas, por alguma razão misteriosa, caiu nas graças do Brasil, que deu em carinho o que lhe negou em sucesso popular. Por isso, ao contrário da estréia (*Clandestino*, de 1998), que ganhou edição nacional com dois anos de atraso, seu segundo trabalho-solo aterrissa por aqui em sintonia com a gringolândia. Também diferente de seu primeiro álbum, semi-acústico e mergulhado na fossa, *Proxima Estacion: Esperanza* surge envolto em uma alegria inédita na curta carreira do cantador. O reggaezinho rústico de "Merry Blues" abre o disco com um coro gritando "êêê" entre os versos. Na marota "Bixo", o tradicional "chaveiro paraguaio" introduz a folia mariachi. O ska de "Promiscuity" confirma: o cara está feliz mesmo, capaz de trocar a "mensagem" pelas besteiras de "Papito" e o violão ortodoxo pelos sopros jazzy de "Trapped By Love". Manu Chao relaxou e descobriu que um pouco de futilidade não faz mal a ninguém. Em "Me Gustas Tu", afirma gostar de sonhar, de marijuana e de reggae. Bom picareta que é, inclui metais na base de "Bongo Bong" (de sua ex-banda, regravada no CD anterior) e lasca "Mr. Bobby", belíssima homenagem a Bob Marley.

Em retribuição à acolhida que teve, o ex-líder do Mano Negra volta seu olhar para o país. Em "El Dorado", substitui o discurso válido a qualquer nação miserável por particularidades locais, apontando as mazelas da terrinha com alusões para consumo exclusivamente interno ("o sem-terra morreu/a pizza acabou/a Globo reportou"). Como quem fica contente demais sempre perde a noção do ridículo, ele exagera em "Homens", na qual recorre novamente a "Bongo Bong" para uma moça pagar um tremendo mico em português. As músicas continuam emendadas, o começo da seguinte herdando o fim da passada. Assim como continuam os barulhos, as transmissões radiofônicas, as intervenções nonsense em cada canção. Porém um clima festivo – talvez a mais forte influência que a temporada nos trópicos legou a Manu Chao – permeia o álbum. Até nos poucos momentos melancólicos, como em "Mi Vida", sobressai a esperança que batiza o trabalho. E nenhum lugar anda precisando tanto encontrar um ponto alvissareiro para mirar quanto o Brasil.

Emerson Gasperin

★★★★☆

Anne Sofie Von Otter & Elvis Costello
For The Stars
Universal

Regravações brilham na voz da diva nórdica

A ambição desse cantor e compositor inglês nunca se resumiu ao pop. Depois de flertar com o erudito, gravando com o Brodsky Quartet e com a alemã Ute Lemper (intérprete impecável das canções de Kurt Weill e dos cabarés de Berlim), ele se junta a uma voz sueca, a meio soprano Anne Sofie Von Otter. Especialista na obra de Gustav Mahler e Richard Strauss, ela dá seus trinados privilegiados em oito canções de Costello e covers de autores escolhidos pelo artista. Entre as principais regravações estão "For No One", dos Beatles, "Don't Talk (Put Your Hand On My Shoulder)", dos Beach Boys, e "April After All", de Ron Sexsmith. Os arranjos de cordas e a esperteza de Costello (que dessa vez poupou seu vocal fanho de um duelo massacrante) apenas realçam a categoria da diva escandinava. *For The Stars* também apresenta algumas das gemas recentes de Costello, como a inédita "Baby Plays Around" e "This House Is Empty Now", já registrada em *Painted From Memory*, a parceria do cantor com Burt Bacharach. E para quem acha as intérpretes clássicas frias demais, é bom prestar atenção nos shows de Von Otter em "Broken Bicycles" (de Tom Waits) e "The Other Woman", pérola eternizada por Nina Simone.

Sérgio Martins

★★★☆☆

Stereophonics

Just Enough Education To Perform

V2/Sum

Kelly Jones acerta a mão só quando não inova

O milionário, baloneista e visionário Richard Branson realmente estava certo ao fazer do Stereophonics um dos primeiros nomes do elenco da então novíssima gravadora V2. Contratado em 1996, o trio galês comprovou o faro apurado do ex-proprietário da Virgin e, em dois álbuns, tornou-se um dos maiores grupos da música britânica com harmonias elaboradas, melodias grudentas e verve para falar sobre o cotidiano teen. Passados cinco anos, a maturidade parece, enfim, ter batido à porta. Encarar a vida adulta e estabelecer novos parâmetros ou jogar no seguro para garantir a fama? *Just Enough...* é o flagrante exato dessa cruel dúvida pós-adolescente. Em algumas faixas, a banda de Kelly Jones encara uma inédita faceta nostálgica ao reciclar com mais pegada a linguagem blues rock de nomes dos anos 60 como Jimi Hendrix e Cream ("Vegas Two Times"). Em outras, como nas baladas popíssimas "Mr. Writer", "Maybe", "Lying On The Sun" e "Step On My Old Size Nines", pensa duas vezes e volta ao que sabe fazer de melhor. Banda e ouvintes saem ganhando apenas na segunda opção.

Abonico R. Smith

Para quem gosta de:

Power pop, Big Star, Teenage Fanclub, "Anna Júlia"

★★★★½

Erasmo Carlos

Pra Falar De Amor

Abril

Tremendão faz o que sabe e encanta com sinceridade

Primeiro, algo bem importante para o leitor de BIZZ: este é um disco de rock. Evidentemente, um disco de rock de um senhor de 60 anos, porque Erasmo não vai arriscar sua dignidade bancando o eterno meninão serelepe. *Pra Falar De Amor* soa divertido como o último de Paul McCartney, sereno como o novo de Neil Young, sábio como o mais recente de Bob Dylan. Erasmo desnuda-se ao longo de suas faixas, resultando em seu melhor trabalho desde *Pelas Esquinas De Ipanema*, de 1978. Apesar de longe dos estúdios desde 1996, o cantor transpira segurança e personalidade até em composições alheias e no celestial dueto com Marisa Monte, "Mais Um Na Multidão". Impossível não se acabar em lágrimas com "Desenho Animado", em que ele narra seus esforços para devolver o sorriso à amada – especialmente comovente se lembrarmos que sua mulher, Narinha, morreu no auge de uma crise depressiva –, ou em "A Família", que trata do sentimento de união com seus filhos. Claro que o fã do Tihuana pode achar démodé, mas *Pra Falar De Amor* não é um disco para recolocar o Tremendão "no mercado", tocar no rádio ou vender milhões. É um trabalho sobre sinceridade, inspiração, emoção e arte. E um atestado da genialidade de Erasmo Carlos, o maior de todos.

Ricardo Alexandre

Kid B

★★★½☆

Radiohead

Amnesiac

EMI

Para que qualquer dúvida se dissipe: *Amnesiac* é *Kid A*. O Radiohead não guardou as músicas mais "fáceis" das seções do álbum de 2000 para serem lançadas agora, como alguns desconfiavam. As 11 faixas do novo trabalho são tão experimentais e esquisitas quanto as do anterior. Tão boas e envolventes também, só que agora não existe impacto.

A banda faz questão de dizer que não são sobras, que *Amnesiac* tem uma unidade, que é mais *The Bends*, que isso e aquilo. Dá para acreditar (ainda). Mas a verdade é que existem até músicas correspondentes entre esse e *Kid A*. A de abertura, "Packt Like Sardines In A Crushd Tin Box" é similar, inclusive na repetição de frases, a "Everything In Its Right Place"; a jazzística "Life In A Glasshouse" é prima-irmã de "The National Anthem"; "You And Whose Army?" é dançante como "Idioteque"; "The Morning Bell Amnesiac" é a continuação da outra "Morning Bell", embora com andamento e instrumentos diferentes. E "Knives Out", a música que mistura o primeiro-ministro Tony Blair com canibalismo e que demorou 365 dias para ser finalizada, é a balada pop, perdida no meio da esquizofrenia, como "Optimistic".

No fim das contas, o que prevalece é a estranha jogada de marketing do mentor Thom Yorke. Sem singles, clipes, turnês e com pouquíssimas entrevistas e fotos para divulgação, *Kid A* foi um sucesso de vendas (sem falar que todo mundo que gosta de música pop ouviu a pergunta "o que você achou do novo do Radiohead?" pelo menos uma vez no ano passado). Porque seria sucesso de qualquer jeito, a curva ascendente do grupo era visível. Para o lançamento de *Amnesiac*, o vocalista já confirmou que haverá lançamento de singles (a triste "Pyramid Song" começa, depois virão "Knives Out" e "I Might Be Wrong"), clipes, turnês, playbacks em programas de auditório e entrevistas que falarão sobre sua tortuosa e miserável existência. Vai manter a curva estável e iniciar a expectativa pelo próximo trabalho, que pode ser decisivo.

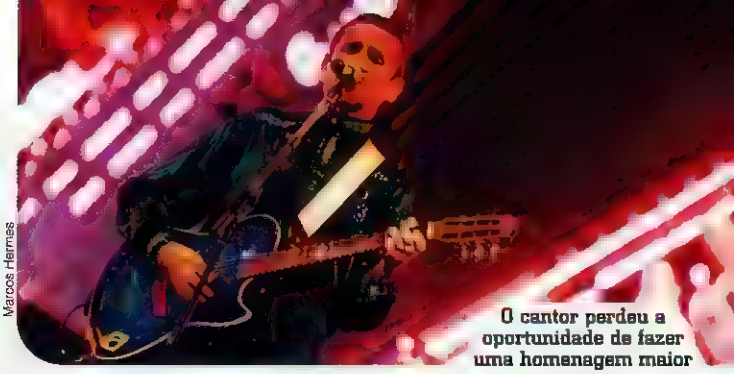
José Flávio Júnior

Thom Yorke armou o golpe e se manteve no topo

Divulgação

★★½☆☆

Zé Ramalho
Zé Ramalho Canta Raul Seixas
BMG



Marcos Hermes

O cantor perdeu a oportunidade de fazer uma homenagem maior

O herdeiro se intimidou

O paraibano Zé Ramalho estava na sua Vila do Sossego (a colônia alternativa que fundou nos anos 70, à beira do mar) quando divisou ao longe o carro do baiano Raul Seixas. O sujeito vinha acompanhado de duas meretrizes. A noite foi tórrida, só que os dois dormiram com fitas de Elvis Presley e Beatles.

O episódio não rendeu um caso de amor, mas acabou selando a amizade da dupla. É o que conta Zé Ramalho e o que mostra seu disco em homenagem ao amigo.

As relações são fortes entre eles, mesmo porque, acha Ramalho, ambos compartilham na eternidade de pontos comuns, como a cosmologia, a crítica ao sistema e a coragem existencial, conforme revela o release enviado à imprensa. Nada mais natural, então, que Zé Ramalho se arvorar em herdeiro estético de Raulzito. Só que não foi bem assim. E o álbum mostra que Zé Ramalho se curva diante do ídolo. Não precisaria. Afinal, o paraibano é tão bom quanto o baiano e algo diferente, apesar de ele próprio não achar isso.

Zé se retrai e apresenta apenas uma canção de próprio punho, intitulada "Para Raul". O resto é decalque de dez composições seixianas, moldadas com arranjos pasteurizados, gerenciados pelo "guitar loser" Robertinho do Recife. Em outras palavras, Zé não deu de si, apenas reiterou a fé no guru que seguiu de perto, mas do qual soube se distanciar – mesmo sem perceber.

O disco dá aquele travo do que poderia ter sido e não foi: uma homenagem maior, com abordagens renovadoras, com real crítica ao sistema, com sabedoria amadurecida. Só que não, os ídolos e os ídolos dos ídolos preferem viver uma eterna juventude. Mais do que um disco, é menos um disco em torno do saudoso Maluco Beleza.

Luís Antônio Giron

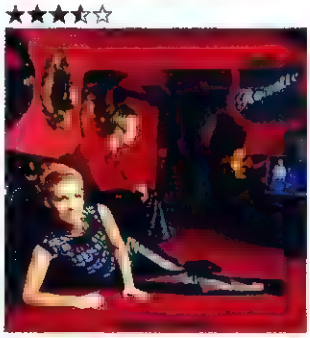
★★☆☆☆

Godsmack
Awake
Universal
Mais um nome a repetir os clichês do "novo" metal

O Godsmack não tem a voz choramingosa de Jonathan Davis, o boné vermelho de Fred Durst e uns poucos elementos eletrônicos que são os "algo mais" na hora de distinguir, respectivamente, Korn, Limp Bizkit e Orgy no emaranhado de barulhos e gemidos do "novo" metal. No grupo, os clichês do gênero vêm disfarçados vez ou outra pelo som feito em Seattle no começo dos anos 90 – não é para menos: o nome Godsmack foi tirado de uma música do fantástico *Dirt*, do Alice In Chains. Em *Awake*, segundo álbum do quarteto – cuja capa mostra os integrantes da banda com cara de emburrados (que medo!) –, a fórmula dos gritos entre pausas e rajadas de guitarras se repete. "Sick Of Life", música que abre o álbum, tem um levada à Korn tanto no formato da canção como nas letras autopiedosas. "Estou farto da minha vida/estou cansado de tudo", suplica o vocalista Sully (tenho uma sugestão, mas é melhor deixar para lá...). A faixa-título, com um início bem Sepultura e um refrão que remete ao White Zombie, e "Spiral", que não nega a influência do Alice, até funcionariam se o ano de lançamento do álbum fosse algo como 1992. Ou seja, é o mesmo que dizer que os Titãs estão na vanguarda agora por contarem com um DJ.

Marco Bezzi

★★★½☆



Roxette
Room Service
EMI
Competente pop comercial da fábrica de hits sueca

Parafraseando o velho Macca, o bê-á-bá do Roxette sempre foram as *silly love songs*, aquelas letrinhas tolas e semi-assexuadas que elevam o trinômio "eu, você, nós dois" à enésima potência. Nada que merecesse especial atenção, não fosse o talento da dupla sueca em dar às suas crias formato musical extremamente palatável – vide *Joyride*, de 1991, que vendeu milhões de cópias e rendeu-lhes passaporte para o primeiro escalão do entretenimento pop. Alguns tropeços (como o equivocado *Baladas En Espanhol*, de 1996) ao longo dos anos parecem ter resgatado a boa forma de Marie Fredrikson (vocais) e Per Gessle (guitarras), que retornam com um pop comercial até a medula, mas de ótimo nível e competência. *Room Service* aposenta o excesso de baladas que sufocava trabalhos anteriores e investe no despojamento dos arranjos e na sonoridade, por assim dizer, "guitarreira", casos de "Real Sugar" e "Jefferson". "Make My Head Go Pop", "The Centre Of The Heart" e "Fool" falam direto aos quadris ao evocar o melhor da disco music. Tudo certinho e enxuto, raramente rompendo os três minutos de execução. É até irônico: o mesmo glacial way of life escandinavo que legou o genial cinema deprê de Bergman produz música deliciosamente descartável.

Carlos Eduardo Oliveira

Lindo e joiado

★★☆☆☆

Bee Gees
This Is Where I Came In
Universal

Precursores de Hanson e KLB voltam errando tudo

Em mais de 30 anos de carreira, os irmãos Gibbs – o escovado Barry e os gêmeos Maurice e Robin – vêm embalando romances com suas baladas açucaradas e seu pop adulto. A voz em falsete, marca registrada dos Bee Gees, virou referência na música pop. Cantor romântico que se preze grava uma música do trio. Pergunte para sua tia quarentona se ela nunca soltou a franga com "Stayin' Alive" ou deu uns amassos ao som de "How Deep Is Your Love". Com certeza, os olhos dela irão brilhar. Os Gibbs também sentem saudade. Tanto que esse *This Is Where I Came In* é anunciado como uma volta às raízes. Não caia nessa. Excetuando-se uma guitarra acústica na balada folk que dá título ao disco e a foto da capa, nada remete à fase inicial da banda, na Austrália. A profusão de efeitos eletrônicos lembra mais um disco de meados dos anos 80, época em que o exagero também fazia parte da produção musical. A fábrica de hits, é claro, ainda funciona. "Wedding Day" e "Déja Vu" podem até emplacar. "Loose Talks Costs Lives" e "The Extra Mile" seguem a tradição melacueca. Mas os britânicos da Ilha de Man derrapam feio mesmo é na tentativa de modernizar o som: para verificar a barbeiragem, ouça "Embrace" e "Walking On Air".

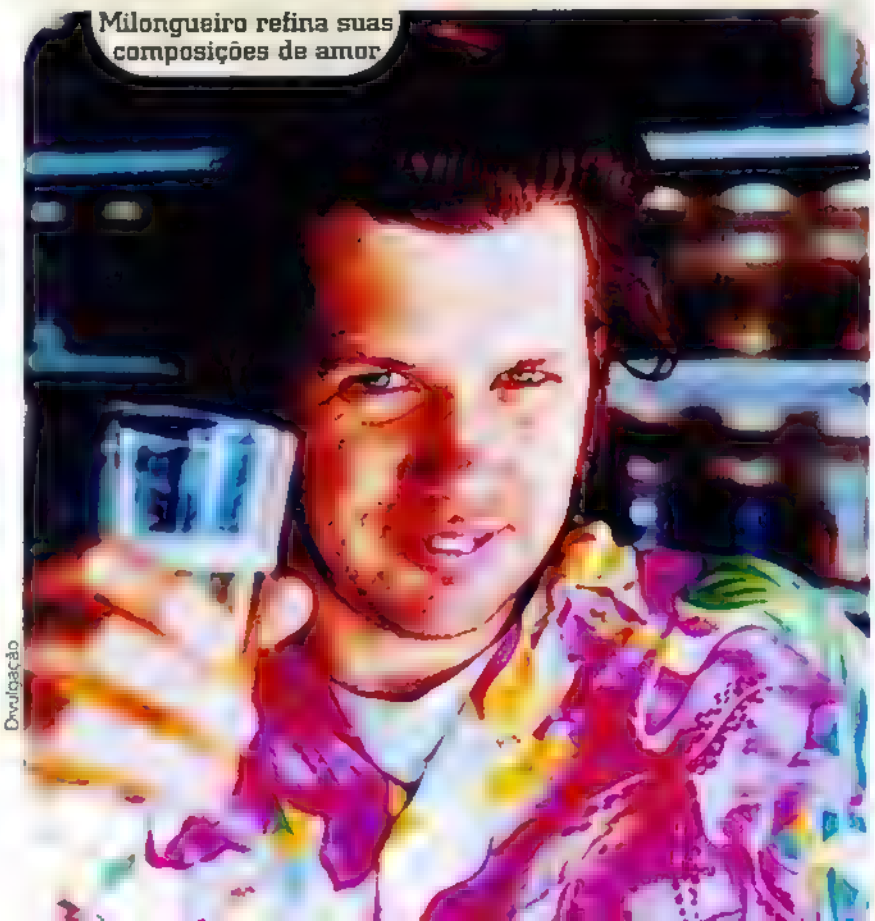
Guilherme A. Hungria

★★★★☆

Wander Wildner
Eu Sou Feio... Mas Sou Bonito!
Punk Brega/Barulhinho

Eu Sou Feio... Mas Sou Bonito! é o aprimoramento da fórmula punk-brega forjada na estréia, *Baladas Sangrentas* (1996). Se antes agradava mais pelo carisma e pelo bizarro, Wander Wildner agora apresenta um disco irretocável dentro de sua proposta e se firma como o mais autêntico trovador dos pampas, senão do país, encontrando eco no trabalho de Tonino Carotone, da inacreditável "Me Cago En El Amor", e Shane McGowan (ex-Pogues), seu sósia irlandês. O álbum supera os anteriores e acontece pela força das composições de Wildner, que já merece outras credenciais além da de autor de "Bebendo Vinho", regravada pelo Ira!. "O Sol Que Me Ilumina" beira a perfeição, enquanto "Mantra Das Possibilidades" ("Sonho em ter cabelo comprido/Mas eu não consigo/Eu sempre corto mais") e "Milonga Para Um Homem De Poucos Dentes" ("Não vou gastar meu dinheiro no dentista pra te agradar") conferem à chinelagem gaúcha uma funcionalidade nunca antes alcançada. Sua força como intérprete segue inatacável. Dessa vez, separou faixas de Zicco Cardoso ("Mini-Twin"), Nenung, dos The Darma Lóvers, ("Narciso Invertido") e Nei Lisboa ("Delírio 32"). A voz rouca continua potente, mas os flertes com os três acordes praticamente sumiram, comprovando o desapontamento com os garotos de coturno que já tumultuaram suas apresentações. O amor cantado por Wildner está mais leve, otimista e belo. O "viajante hippie-cyber-punk", como se define em "Anjos & Demônios", encontrou seu destino.

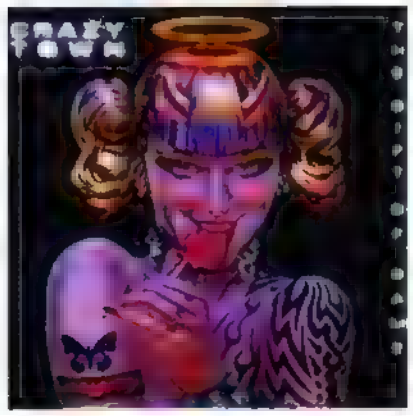
Luciano Marsiglia



Milongueiro refina suas composições de amor

Divulgação

★☆☆☆☆



Crazy Town
The Gift Of Game
Sony

Novidade americana passa longe da originalidade

Parece que a moda veio para ficar. Um grupo de garotos classe média invocados, com cara de que passaram a infância bebendo muito leite em pó, se juntam para fazer um som "da pesada", misturando hardcore, rap e letras incríveis, como a da pérola "Only When I'm Drunk": "Só quando estou bêbado/canto uma música como essa /(...) Eu posso até comer uma mina feia/ mas só quando estou bêbado". Pois é, depois do sucesso das bandas Korn, Limp Bizkit e demais clones, o Crazy Town chega para fazer ferver as pistas de dança freqüentadas por skatistas e surfistas, com o álbum de 1999 *The Gift Of Game*, apoiado pelo hit "Butterfly". E essa é uma das poucas senão a única boa surpresa do disco. Com um refrão fácil de cantar e melodia sampleada de "Pretty Little Ditty", do Red Hot Chili Peppers, ela estourou nas rádios brasileiras (a exemplo do que aconteceu nos Estados Unidos) e, com certeza, vai emplacar nas casas noturnas. Mas a fórmula de sucesso fácil repetida à exaustão não consegue esconder a falta de originalidade do grupo. Se você sentir que já ouviu alguma coisa parecida, pode ter certeza: não é pura impressão.

Flávio Simonetti

Para quem gosta de:

Limp Bizkit, O Surto, Charlie Brown Jr

★★★★½

Nick Cave
No More Shall We Part
Mute/Sum

Cantor deixa as metáforas para soar autobiográfico

Para arrefecer a gravidade de seus questionamentos sobre religiosidade, amor eterno, prazer e culpa, Nick Cave já aprontou o diabo. Viu os expoentes de sua geração enlouquecidos em busca de uma dose violenta. Desintoxicou-se nos bares do baixo meretrício paulistano. Cantou o blues reverenciando Dostoievski e John Lee Hooker. Enveredou por cinema, artes plásticas, literatura e, sobretudo, concebeu álbuns irrepreensíveis. O mais recente deles, *No More Shall We Part*, é o eterno retorno do compositor aos tormentos que lhe são caros desde os tempos do Birthday Party. A diferença é que agora ele abandona as metáforas e os alter egos para soar, com a ajuda do piano, cada vez mais sereno e autobiográfico. As peculiaridades do CD repousam também nos arranjos para violino e no eficiente uso de backing vocals femininos. Nesse sentido, as faixas "Hallelujah", "We Came Along This Road", "Darker With The Day" e "Love Letter" são emblemáticas e remetem a um hipotético encontro entre belas mulheres, Kurt Weill e Leonard Cohen. Após a audição das peças, fica o intento: que as dores da existência continuem assombrando Nick Cave.

Rodrigo Carneiro

★★★★½

Buffalo Tom
A-Sides From 1988 -1999
Sum

Compilação de êxitos do power trio de Boston

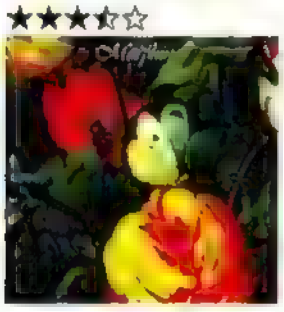
Em um documentário ideal sobre a música indie americana da década de 90, sem dúvida o Buffalo Tom seria um dos protagonistas. Atributos não faltam para esse grupo de Boston que resgatou a força dos power trios com a ajuda de J. Mascis (Dinosaur Jr.) na produção de seus dois primeiros álbuns. Músicas como "Taillights Fade" e "Larry" só não emocionam aqueles com coração de pedra. "Summer" conta como o fim do verão traz à tona sentimentos de perda e saudade – aliás, saudosismo de um jeito melancólico sem soar deprê talvez seja a melhor maneira de descrever o grupo. A belíssima "Postcard" traz as lembranças dos porões da infância do vocalista Bill Janovitz. Mas o grande sucesso veio com "Soda Jerk", que embalou um comercial da Nike. Para finalizar a coletânea, "Wiser", típica canção para ficar tilintando na cabeça por dias a fio e a versão de "Going Underground", da bandaça The Jam. Impossível não terminar a audição deste disco com um baita sorriso no rosto.

Marco Bezzi

Para quem gosta de:
Replacements, Soul Asylum, R.E.M., alt-country

Slide **nada** convencional

★★★½☆



Morphine
Good

★★★½☆
B-Sides And Otherwise

★★★★☆
Bootleg Detroit
Ryko/Trama

Mark Sandman *(ao centro)*: jeito diferente de tocar baixo

Divulgação

Em 3 de julho de 1999, durante um show na cidade italiana de Palestrina, um ataque fulminante do coração abreviou a carreira de Mark Sandman. Com a morte do vocalista e letrista, aos 47 anos, interrompeu-se abruptamente toda a mágica do Morphine. Antes de formar o trio, Sandman havia participado de um punhado de pequenas formações alternativas e até mesmo morado como hippie errante no Rio de Janeiro. Do Treat Her Right, seu penúltimo grupo, trouxe a veia bluesy que compunha a espinha dorsal do Morphine. Que, aliás, estava longe de ser convencional – tanto pela formação quanto pela sonoridade. Para o Morphine, o que interessava era a combinação entre os três instrumentos: sobre as quebradas jazzy do baterista Billy Conway (e depois Jerome Deupree), Dana Colley cobria a marcação com seus saxes tenor e barítono, o que deixava Sandman livre para deslizar o slide em um baixo de apenas duas cordas e traçar riffs convidativos sob versos confessionais e cheios de dramaticidade. Esse atípico direcionamento para os timbres graves imprimia intensidade e peso raramente vistos em bandas sem guitarristas. Os sete ótimos discos do trio acabam de sair no Brasil, com direito a algumas faixas-bônus. Três títulos ainda permaneciam inéditos por aqui: *Good* (a estréia, em 1992), *B-Sides And Otherwise* (contagiante compilação de lados B de singles e gravações para tributos e trilhas sonoras, de 1997) e *Bootleg Detroit* (registro de um show de 1994 feito por um fã, lançado no ano passado). Os outros – com hits certeiros como "Buena", "Thursday", "Honey White", "Supersex", "Early To Bed" e "Top Floor, Bottom Buzzer" – ganham um merecido replay. Difícil é saber por onde começar a coleção.

Abonico R. Smith

★★★☆☆

Paula Lima
É Isso Aí!
Regata/Sony
Aguardada estréia de figurinha fácil do soul

Depois de passar por diversos discos de outros artistas, a cantora Paula Lima finalmente chega a seu CD individual. Dona de uma voz potente e versátil, ela cansou de receber convites para dar seu primeiro salto solo. Acabou aceitando a proposta do compositor Bernardo Vilhena, do selo Regata, especializado em soul brasileiro. A estréia de Paula Lima padece de alguns defeitos comuns na produção "black retrô" atual. Não é possível dissociar seu CD da leva de lançamentos congêneres da Trama, culpa em parte da produção do ubíquo Max de Castro. Os arranjos reverenciam demais o *smooth soul* e caem em armadilhas de pastiche ao emular Barry White, Teddy Pendergrass e as baladas do selo Philadelphia International. Há quem goste desse soul suave, melado e previsível, mas sua batida quadradinha soa datada diante da produção do R&B americano de hoje. Quando Paula rompe o padrão, o resultado levanta e sacode a poeira – como no samba soul quebradeira "Mangueira" e na faixa-título, evocando uma Elza Soares relaxada. A maioria dos convidados (King Combo é a exceção) aprisiona a cantora nas fórmulas dos bailes saudosistas – o rapper Xis inclusive. Paula Lima tem em si um álbum melhor que esse fim de noite no Clube da Saudade.

Marcel Plasse

Cássia Eller é a voz grave que se destaca no bolo

Divulgação/Marcos Hermes

Rugidos e gemidos

★★★★★

Cássia Eller
Acústico MTV
Universal

★★☆☆☆
Ana Carolina
Ana Rita Joana Iracema E Carolina
BMG

★★★☆☆
Zélia Duncan
Sortimento
Universal

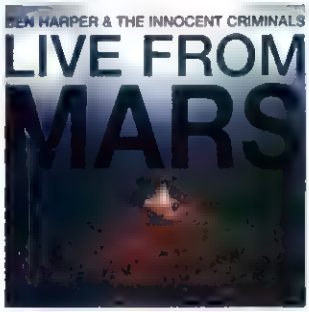
Cantoras com vozes másculas viraram selva selvagem no pop da Brazucolândia. Elas rugem, assustam e amealham réstias de fãs adolescentes, cada vez mais interessadas no sufrágio sexual. Dentre os lançamentos recentes na área GLS, destaca-se o CD *Acústico MTV* da *sufragette* máxima de nossa geração: a adorável carioca Cássia Eller. Seguem-na de longe a brasiliense Zélia Duncan e Ana Carolina, *made in* Juiz de Fora. A primeira comemora 20 anos de trajetória num CD com as cores do arco-íris rítmico. Mais arretada, a segunda apresenta um bambá de ritmos dos infernos com sua voz de Thor.

Mas Cássia cai matando para todo lado, do samba à embolada, do blues ao rock brasileiro, de Riachão a Renato Russo, sem esquecer de uma abertura clássica, com a canção "Non, Je Ne Regrette Rien", celebrizada por Edith Piaf. É um prazer reencontrar a anti-heroína do rock em alguns de seus momentos inesquecíveis. Tudo filtrado por arranjos acústicos, o que fornece o contraponto suave à voz tempestuosa de Cássia. À medida que rolam as faixas, o ouvinte vai sendo dominado por uma nostalgia da transgressão. Ei-la, pura Cássia, a matar nossa sede na saliva.

Quanto à bem-intencionada Zélia Duncan, 20 anos de palco lhe fizeram bem porque adquiriu aspereza e profundidade, traços necessários para uma intérprete madura. Graças ao poder persuasivo que só a maturidade dá, ela inicia com um ijexá de Itamar Assumpção e envereda por funks e achados de compositores curiosos, como Fred Martins. Tudo é amarrado em grooves, o que propicia um quê de modernidade.

Ana Carolina mal chega ao segundo CD com ar de importante e uma voz de tenor ligeiro. Como boa discípula de Calcanhoto, ela vomita baladas insossas para tocar em novelas e algumas batucadas que irão agradar à Costa do Dendê. Mas o que domina no CD é a indecisão. Vamos dar uma chance à garota de 26 anos.

★★★½☆

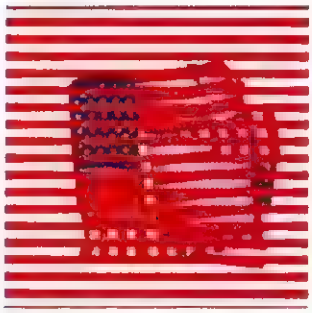


Ben Harper & The Innocent Criminals
Live From Mars
Virgin
Versatilidade que dá certo até em cima do palco

Artistas ecléticos costumam ser recebidos com desconfiança. O fato de o sujeito tocar rock, blues e polca, tudo no mesmo disco, é muito mais um sinal de falta de personalidade do que talento. O cantor e guitarrista americano Ben Harper, no entanto, vem contrariando isso desde que surgiu. Do blues elétrico que fazia no início da carreira, ele já encarnou rastafáris impregnados de marijuana, reverenciou Led Zeppelin e o soul dos anos 60, sem nunca perder a identidade. *Live From Mars*, gravado durante a turnê do cantor no ano passado, confirma o talento de Harper. Em questão de segundos, ele passa do discurso feminista ("Mama's Got A Girlfriend Now") ao romantismo escancarado de "Steal My Kisses". O disco é duplo. No primeiro, o cantor é acompanhado por sua banda, Innocent Criminals. As faixas privilegiam sua faceta mais pesada, com destaque para "Faded/Whola Lotta Love". No segundo CD, Harper assume a persona de trovador solitário, tocando ao violão baladas arrepiantes como "Beloved One" e melhorando "The Drugs Don't Work", do grupo inglês The Verve. E só o fato de ele ter feito uma cover decente de "Sexual Healing" (clássico de Marvin Gaye) já vale o investimento.

Sérgio Martins

★★★☆☆



Tortoise
Standards
Thrill Jockey/Trama
Rock de vanguarda que parece mais jazz fusion

Tortoise tem sido referência para o que fãs chamam de pós-rock há alguns anos, influenciando o underground norte-americano. Mas não há jeito de ignorar que o cultuado grupo de Chicago apenas toca jazz fusion – ou, mais exatamente, o maldito jazz rock dos anos 80. Claro, o som do Tortoise é acometido de referências "cool", distorções pós-Sonic Youth, xilofones lounge e febre tropicalista. É, mas no fundo, no fundo, Pat Metheny, Brand X, Dixie Dregs e Bill Bruford passariam no exame de paternidade da criatura. Em *Standards*, o quinteto tenta outros caminhos. Ornete Colleman e Andy Summers poderiam dividir a autoria da faixa de abertura, "Seneca". "Speakeasy" lembra algo que Egberto Gismonti e Toninho Horta esqueceram de lançar há muito tempo. A faixa "Blackjack" destaca-se pela atmosfera de filme de espionagem dos anos 70, embora não seja exatamente material do James Taylor Quartet. Sobra, ainda, "Monica", uma funkeada trilha de pornô vagabundo. Vale também ressaltar uma guinada eletrônica, que fornece molduras para diversos arranjos do álbum. Moderno? Vanguarda? Meu pai gosta.

Marcel Plasse

Para quem gosta de:
Mahavishnu Orchestra, Soft Machine, Pat Metheni

★☆☆☆☆

Sideral
Na Paz
Universal
Irmão de Rogério Flausino paga mico ao ser camaleão

O mundo do entretenimento é dinâmico. Demais. E Sideral, ex-Wilsom, anda mais atarantado que cusco em procissão nessa correria pela fama. Seu afã de "dar certo", traduzido nas diferentes tentativas visuais e sonoras promovidas em sua pequena carreira, é bem típico da situação-limite trazida pelo imediatismo no show business: os artistas e seus empresários concluem que acreditar em uma estética a médio/longo prazo significa repetição. Por morrerem de medo de ficar para trás no hype e sem nenhuma certeza sobre o que estão fazendo, movem-se para todos os lados o tempo todo em busca de algo que enfim lhes dê alimento ao ego e ao bolso. Tem gente que faz da reinvenção a sua própria estética, mas isso não pode ser dito sobre Sideral. O que há é a falta de orientação, percebida na música (um amontoado de referências depuradas mil vezes) e nas letras (onde ele não sabe se assume-se como fodão ou fracassado). A estranha esquizofrenia completa-se com a adoção de uma cultura *street*, branca como leite, cujo resultado talvez seja melhor você não ouvir. E outra coisa: me desculpe, mas disco que coloca o contato telefônico para shows na contra-capa não merece crédito. Mais serenidade, meu amigo, porque a busca da paz continua...

Alisson Avila

O vocalista da Bidê Ou Balde **Carlinhos Carneiro** dá a letra

O QUE ANDA OUVINDO

***Nuggets*, vários** "Não dá para ouvir outra coisa. O grupo que mais me impressionou foi a Elastik Band, pela história e pela música. E o que é aquele livro? Os textos de Lenny Kaye me emocionam."

***Stephen Malkmus*, Stephen Malkmus** "Do caralho, bá! Para mim, Pavement é a melhor banda do mundo. Achei o disco pop, no sentido de limpo, dá para ouvir bem as guitarras, o vocal..."

***Heart-Experience*, Wry** "Fiquei chocado quando assisti ao show. Eles vão ficar de cara quando lerem isso, mas achei triparecido com Smashing Pumpkins. Os nomes das músicas são muito compridos, mas há uma seqüência que é *afudê*: da faixa 6 até a 9."

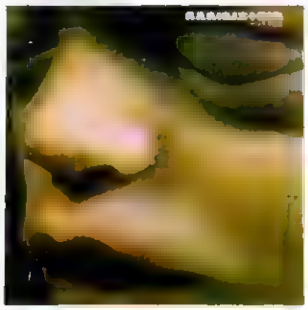
★★★★☆

Billy Idol
Greatest Hits
EMI
Coletânea mostra que o pai artístico de Supla vive

É impossível falar sobre a cena musical dos anos 80 sem falar de Billy Idol. Ele foi um dos primeiros popstars que soube se utilizar do visual (leia-se MTV) para alcançar tal posto. Durante toda a década, esteve nas paradas de sucesso. Nos 90, a carreira do ex-punk despencou. Tanto que faz oito anos que ele não grava um disco. Mas o jejum parece estar chegando ao fim. Nesse *Greatest Hits*, a regravação da insípida "Don't You (Forget About Me)", do Simple Minds, mostra que Idol está vivo. E ainda tem "Rebel Yell", "Eyes Without A Face", "Dancing With Myself". Quem não conhece, deveria experimentar, nem que seja para ter um motivo para criticar os mais velhos. Aos saudosistas de plantão: continua muito gostoso ouvir essas músicas.

Guilherme A. Hungria

★★★☆☆



Rammstein
Mutter
Universal
Grupo alemão carrega no peso e não decepciona fãs

Passe uma borracha em tudo o que foi dito sobre o Rammstein, conhecido pelas maluquices que faz nos palcos, pela celeuma na morte de dois garotos americanos e pela acusação de fazer apologia do nazismo. Afinal, a música pesada nunca esteve à margem desse tipo de polêmica. Em *Mutter*, o sexteto alemão diminui a marcha e explora seu lado mais lúdico e metaleiro. "Mein Herz Brennt" parece sobra do disco orquestrado do Metallica. "Zwitter", abusando de uma base bem KMFDM, diagnostica o dia-a-dia de um hermafrodita (isso mesmo!). De resto, os malucões continuam lembrando uma mistura de música gótica industrial com riffs de guitarra pesadões e ritmo frenético e épico. Sem chance de decepcionar seus seguidores. Opa, isso não me é estranho...

Marco Bezzi

★★★½☆

Violet Indiana

Roulette

Instinct

Ex-Cocteau Twins volta com melodias lentas

Quando os acordes carregados de flangers, ecos e fantasmas distorcidos introduzem a primeira faixa, "Air Kissing", o reencontro com a guitarra mais identificada com o rótulo "etéreo" não deixa dúvidas: os Cocteau Twins voltaram das trevas dos anos 80. Mas há algo ligeiramente diferente nesse retorno. E é óbvio: a voz. Dá para entender cada palavra. Violet Indiana é o novo projeto de Robin Guthrie, ex-guitarrista dos Cocteau Twins, em parceria com a cantora Siobhan De Mare, ex-Mono. No fim de 2000, a dupla lançou o EP *Choke*, prenúncio de uma sacudida moderninha no velho som que Guthrie entronizou na gravadora 4AD, lar dos Cocteaus e sub-Cocteaus. Siobhan não é Liz Frasier, a feiozinha com voz de anjo histérico. Muito do charme sussurrado que a cantora demonstrou no Mono permanece intocado pela distorção ecoante de Guthrie. Neste CD, as melodias são lentas como canções de ninar e as letras sopradas para arrepiar a partir do ouvido. A diferença não é tão grande assim da antiga banda, embora se perceba indícios de que o século 21 começou – Massive Attack é o modelo que a dupla não conseguiu imitar. Enfim, não é todo dia que um *cult hero* volta a fazer boa música oito anos após sua morte criativa ser anunciada.

Marcel Plasse

Inspiração no soul

★★★★½

Shuggie Otis

Inspiration Information

Luaka Bop

Difícil dizer como Shuggie Otis seria classificado hoje. Talvez sua música nem tivesse lugar no mercado atual, ou seria colocada entre Prince e D'Angelo. Em 1974, o problema foi o mesmo. Depois de três anos de lapidação, o segundo disco do californiano ganhou as lojas sem saber em qual prateleira deveria ficar. As comparações, pelo menos, eram melhores: Marvin Gaye, Curtis Mayfield, Sly Stone. A reedição em CD (acrescida de três canções da estréia, *Freedom Flight*, de 1971) mostra a razão de tamanha confusão em torno do rapaz. O rótulo que *Inspiration Information* costuma receber – soul psicodélico – simplifica a fluidez com que Shuggie vai do soul ao R&B, do funk a um certo ar "alternativo". Logo na abertura, a faixa-título sugere um balanço suave, com a lisergia na dose "boa viagem". O estado continua sossegado com um suingue leve aqui ("Sparkle City"), um ritmo programado para dançar juntinho ali ("Aht Uh Mi Hed"). Para descolar o corpo, as levadas finas de "Not Available" e "Strawberry Letter #23" (esta, de seu primeiro disco, fez sucesso em 1977 com os Brothers Johnson). Mas o artista usa outros meios para provocar idêntico relaxamento, como em "Pling!", "XL-30" e "Rainy Day", feitas de paisagens tão eletrônicas quanto bucólicas – daí se entende por que Tortoise e Stereolab o apontam como influência. Diante da fartura de inspiração, os Rolling Stones convidaram Shuggie para substituir Mick Taylor. Como bom torto, ele recusou, assim como disse não às ofertas do Blood, Sweat & Tears e de Emerson, Lake & Palmer. Pouco depois, devido ao fraco desempenho do álbum nas paradas, foi dispensado da gravadora e se retirou da cena (complicações com drogas, dizem os rumores) para sempre. Agora vem o detalhe: quando finalizou *Inspiration Information*, no qual cantou e tocou guitarra, piano, órgão, baixo e bateria, Shuggie tinha apenas 22 anos. Atualmente aos 48 e excitado com a repercussão (ainda que tardia) de seu trabalho, pensa em agrupar uma banda e voltar a fazer shows. Vai fundo, tio.

Emerson Gasperin

Artista gravou sua obra-prima e sumiu

Fotos Reprodução

★★★★☆

The Wipeouters

P'Twaaang!!!

Tone Casualties

Devo retorna disfarçado de surf music eletrônica

Cansado de seu cotidiano na produtora Mutato Muzika, onde faz temas e trilhas incidentais para filmes, seriados de TV e desenhos animados dos canais Cartoon Network e Nickelodeon, Mark Mothersbaugh recrutou velhos de guerra (o mano Bob Mothersbaugh, mais os irmãos Robert e Jerry Casale) e fez o que o mundo inteiro estava esperando. A tão sonhada reunião do Devo, após anos de animação suspensa? Mais precisamente, este é um grupo novo, de nerds para nerds, cheio de conceitos e histórias malucas, repertório matador e muito divertido. Reza a lenda que o Wipeouters seria formado por alienígenas que chegaram ao nosso planeta muito antes de os terráqueos descobrirem o poder da surf music. Agora eles teriam resolvido reivindicar a paternidade do gênero, misturando alguns toques da mais avançada tecnologia eletrônica. O grupo até promove algumas aproximações com a sonoridade de seus "clones" americanos posteriores. Mas as batidas tribais, arranjos minimalistas e escalas básicas vêm acrescidas do clima festivo e nostálgico das praias californianas do começo da década de 60, o que leva a crer que seja mesmo o retorno de um Devo que, de tão "de-evoluído", voltou ao estágio anterior ao seu próprio nascimento.

Abonico R. Smith

☆☆☆☆☆

Catedral

Mais Do Que Imaginei

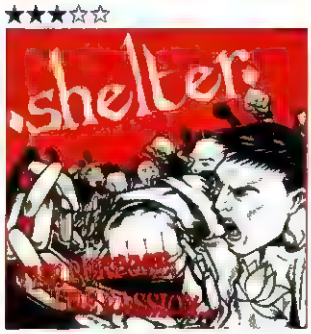
Continental/Warner

Pastiche de Legião é pior que castigo divino

A fórmula do Catedral é inacreditável. Evangélicos, os quatro senhores que integram o grupo pegam as canções dos últimos discos da Legião Urbana e se empenham em reescrevê-las. O grande porém é que, como eles se espelham na pior fase da banda de Brasília – quando Renato Russo trocou a crítica social e a ironia por declarações de amor para seus bofes e o instrumental ficou "qualquer nota" –, acabam não entendendo nada. Parece surdez, mas é só cristianismo. Existem versos antidrogas, como na horrenda (e agora acústica) "Uma Canção De Amor Pra Você". Nem no período mais bunda-mole o mentor da Legião comporia algo do tipo. Quem conhece a relação criador-monstro que rola entre Pearl Jam e Creed pode pegar o terço e começar a orar. Que Kim (e sua voz idêntica à de Russo) não ultrapasse as marcas da Legião. Amém.

José Flávio Júnior

★★★☆☆



Shelter

The Purpose, The Passion

Century Media

Quinteto krishnacore sofre baque com saída de músico

Alguém sabe o nome de todo mundo que já passou pelo Shelter? Nem os chefões Ray Cappo (voz) e Purcell (guitarra) devem saber. E agora, para piorar, foi o guitarrista que deixou o grupo, para cuidar do filho recém-nascido, Kana. Mas Cappo não se deu por vencido: uniu-se ao ex-baixista Supergrass (nada a ver com a banda inglesa que fez sucesso com a alegre "Alright"), que, promovido a guitarrista, compôs o repertório do disco com ele, entre sessões de surfe, de jiu-jítsu e de ioga. O resultado é um punk rock um tanto previsível, apesar da competência de Cappo na voz e de algumas boas idéias. O instrumental (que tem de volta o baixista Franklin Rhi e o baterista novato Sean Sellers) é correto, mas não chega a brilhar. Guitarras, batidas rápidas, vocais dobrados, mensagens positivas... É o Shelter de sempre, mas falta inspiração.

Bernardo Araujo

O melhor do mês passado

IDÉIA FIXA

***Reveal*, R.E.M.** Reinações sônicas intercaladas com versos intrigantes e belas melodias, resultando em um cruzamento do experimental *Up* com o baladeiro *Automatic For The People*.

***Ruído Rosa*, Pato Fu** Um álbum gostosinho e pop, pontilhado por bons arranjos eletroeletrônicos e letras que fogem da indigência que reina no pop nacional.

***Drum & Bass Strip To The Bone*, Sly & Robbie** Saraivada de grooves viajandões despejada pela dupla campeã da cozinha jamaicana.

Ah, sei lá, mil coisas...

BARRACO ZOADO

Ele esteve entre nós, mas não pudemos ir ao show porque estávamos fechando a revista e fazendo o rock'n'roll prosperar. O grande nome do swing contemporâneo, **John Pizzarelli**, veio ao Brasil mais uma vez, aproveitando o lançamento de dois títulos antigos de seu catálogo por aqui. *All Of Me* e *New Standards* (BMG) são ótimas opções para quem quiser entrar de mansinho no jazz, ouvindo algumas das mais lindas canções americanas de todos os tempos, na interpretação delicada de Mr. Pizza ● **Os britânicos esperaram muito pelo segundo disco do Elastica. Os brasileiros esperaram mais. Depois de algumas cópias importadas que pularam pelas lojas, *The Menace* (Warner) finalmente ganhou edição nacional. "Mad Dog", "How He Wrote Elastica Man", "Your Arse My Place" e a**

versão de "Da Da Da" (do Trio) poderiam até entrar nas programações das rádios pop. Mas isso não deve acontecer ● *São Vicente Di Longe* (BMG) traz novas mornas de **Cesária Évora**. Novidade mesmo só as participações do baiano Caetano Veloso, da cantora country Bonnie Rait e do pianista Chucho Valdés. Na verdade, a gente só queria dizer que Cesária é a Tartaruga Ninja de Cabo Verde ● **É impressionante, mas o Nenhum De Nós arrumou nova casa. Sinta só este verso de "Julho De 83", um dos destaques de *Histórias Reais Seres Imaginários* (Sony): "Eu tinha quase 16/Ninguém me compreendia/Ninguém me compreendia/E eu não compreendia ninguém". Alguém disse "Camila, Camila"? Todas as faixas possuem potencial para emplacar numa novela das seis qualquer, a não ser "Uma História Real", que dura insuportáveis 16 minutos** ● O segundo álbum do grupo vocal americano **Destiny's Child** possui um certo charme. Dois, na verdade: "Independent Woman Part I" e "Survivor". Nada que TLC não tenha feito melhor, mas vai agitar nas festas blacks farofas que rolam por aí ● **Então completa-se 20 anos sem o pai do reggae**

entre nós e o que acontece? Uma luxuosa reedição de Catch A Fire, com um disco-bônus, mais o relançamento de todo o seu catálogo pela Island. No Brasil, não. Aqui sai *One Love: The Very Best Of* Bob Marley & The Wailers (Universal), um remake das compilações *Legend* e *Legend 2*, acrescido de um mísero remix de "I Know A Place". Palmas que eles merecem ● A investida-solo da Baby Spice pegou todo mundo de surpresa. Com suas sardinhas e sua voz inofensiva, **Emma Bunton** reuniu vários pop rocks legais em *A Girl Like Me* (Virgin). Os melhores momentos acontecem com os hits "What Took You So Long?" e "What I Am", versão do sucesso de Eddie Brickell & The New Bohemians ● **A Warner lançou por aqui vários *Best Of* de craques como John Coltrane, Otis Redding, Aretha Franklin e Wilson Pickett, entre outras pepitas do selo Rhino. Bacana. Mas mais bacana ainda seria procurar coisas além de coletâneas, que existem aos montes no acervo da gravadora** ● Dois títulos do selo Buddha Records ganham merecida distribuição da BMG: *The Pink Panther*, com as músicas que **Henry Mancini** fez para os filmes da Pantera cor-de-rosa, e *Pussy Cats*, histórico álbum de **Harry Nilsson** que conta com produção de John Lennon. Milagres acontecem ● **O comentário de Jon Bon Jovi na matéria da edição passada resume One Wild Night: "Um disco ao vivo requer pouco trabalho, mas estamos dando aos fãs o que eles desejam". Está dito.**

★★★★☆

Monster Magnet
God Says No
A & M Records

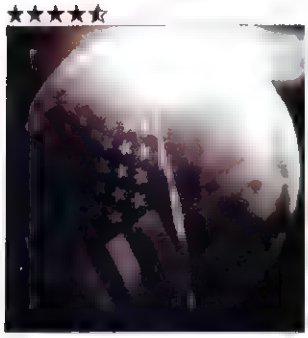
Banda explode em riffs e refrãos cheios de efeitos

É coisa de **maluco**

Vou ser bem direto: Monster Magnet é som de doido. A quantidade de drogas ingeridas pelo guru Dave Windorf é diretamente proporcional à sua viagem sonora. No álbum *Spine Of God* (1992) ele explicava sua música numa frase contida no encarte: "Uma coisa de drogas satânicas... Você não entenderia". O diabólico, aí, revela-se na luxúria e no sucesso, e não na encarnação do mal como fazem as bandas de heavy metal. Dave tem uma inclinação para o glamour da autodestruição. Sua pose e seu carisma o tornaram cultuado. O Monster Magnet conseguiu dar um novo rumo ao rock, sendo considerado o criador do *stoner rock*, rótulo que provavelmente rejeitam. Riffs e refrãos repletos de efeitos, ecos vagando pelo espaço e peso de sobra. Não é a toa que Dave está usando uma camiseta da banda inglesa Hawkwind – esses, sim, criadores do space rock nos anos 70 – no encarte do disco novo. *God Says No* traz a veia espacial, acrescida de uma dose maior de pretensão. Dave capricha nos arranjos e no visual "satanic cool". "Melt", que abre o disco, já pode ser considerada uma das melhores músicas do século. "Head Explodes" tem um teclado safado e refrão pegajoso. "Doomsday" é o puro creme do peso. "Medicine", que está em *Spine Of God*, recebe uma versão tão boa quanto a original. E "Gravity Well" se destaca pelo clima country-blues inusitado. Recomendado para ouvidos calejados.

Gastão Moreira

★★★★½



Red House Painters
Old Ramon
Sub Pop

Acordes dilacerados para animar o tédio dominical

Respeito é bom, mas grana no bolso é melhor ainda. Por isso, o guitarrista Mark Kozelek topou deixar o cabelo crescer e assumir o baixo no Stillwater, a banda do filme *Quase Famosos*. Fora da tela, ele brilha há dez anos no Red House Painters, grupo formado em São Francisco e que marcou o rock alternativo americano dos anos 90 com longas, doloridas e belas canções. Como o finado Jeff Buckley, Kozelek utiliza a técnica como suporte para a expressão de sua criatividade, jamais descamba no exibicionismo masturbatório. Mas é um cara dado a invencionices: já reinventou músicas do Yes, Paul Simon, Genesis, Kiss e AC/DC. Gravado e mixado entre 1997 e 1998, o "novo" disco do Red House Painters ficou na geladeira por três anos por conta de problemas com gravadoras. Tanto tempo no freezer não tirou o seu sabor. Pelo contrário, apenas comprovou a atemporalidade das canções. *Old Ramon* é o disco mais equilibrado dos Painters, com uma perfeita distribuição de pitadas de alt-country ("Michigan"), acordes dilacerados à Crazy Horse (nos onze minutos de "River"), homenagens ("Golden", dedicada ao caipira John Denver) e até duas novidades para uma banda muitas vezes acusada de monocórdica: a descoberta do pop ("Byrd Joel") e o ataque de guitarras ("Between Days"). Sem contar os climas melancólicos característicos do grupo, aqui representados por "Void" e "Smokey". Para ser ouvido no fim de uma tarde tediosa de domingo.

Carlos Marcelo

★★★☆☆

Astrid
Play Dead
Fantastic Plastic

Pop sessentista em alta no segundo dos escoceses

Calma. Não, a ex-VJ e ex-colega de Marta Suplicy no *TV Mulher* não resolveu se aventurar como cantora. Astrid é uma banda escocesa bem relacionada na cena musical de Glasgow. O primeiro álbum, *Strange Weather Lately*, foi produzido por Edwyn Collins. Agora, a tarefa coube a Tony Doogan, responsável por vários discos do Belle & Sebastian, que por sua vez também empresta os integrantes Chris Geddes e Stevie Jackson. O som, então, vai por aí: pop-rock sessentista, melodioso e ganchudo. Como se o Travis tivesse vergonha na cara ou consciência de que o rock não começou com Oasis e Radiohead. O vocalista William Campbell canta mais anasalado do que deveria, mas dá para relevar isso sem problemas. A balada bonitona de *Play Dead* é "Taken For Granted" e o Astrid se sai bem até nos rocks com mais pegada como "Fat Girl" e "What You're Thinking". Conjuntos de metais aqui ("Crying Boy", que contém "can't stand the lo-fi scene", a melhor frase espertinha do disco), bons vocais de apoio ali ("Tick Tock") e outros detalhes de arranjo garantem que a Astrid nunca vai ser a mulher da sua vida, mas pode render ótimas noitadas, passeios no parque e coisas desse tipo. E merece o nome na agenda com o telefone sempre atualizado para ser acionado de vez em quando, sem compromisso.

Fábio Bianchini

Para quem gosta de:
Crowded House, Byrds, Belle & Sebastian

O pontapé inicial das experiências no pop

Antes de abandonar os palcos, os Beatles começaram a pirar no estúdio, guiados por música erudita, rock, aventuras técnicas e drogas, continuando à frente de seu tempo com o essencial *Revolver*

Paul McCartney incentivando os Beatles a fazerem pequenos trechos superpostos, inspirados em John Cage e Stockhausen. John Lennon querendo soar como o dalai-lama no alto do Himalaia ao cantar letras inspiradas no *Livro Tibetano dos Mortos*. O dedo oriental de George Harrison em uma canção sem mudanças de acordes. A bateria frouxa e hipnótica de Ringo Starr, mais tarde ressuscitada por moderninhos como Beck ("New Pollution") e Chemical Brothers ("Setting Sun"). O produtor George Martin obrigando funcionários dos estúdios Abbey Road a sincronizarem gravadores em colagens aleatórias de som. O técnico Ken Townshend inventando os vocais ADT (Artificial Double Tracking) e o engenheiro de som Geoff Emerick metendo a voz de Lennon numa caixa Leslie dentro de um órgão Hammond. E isso tudo no primeiro dia de gravação do sétimo disco dos Beatles, para uma única canção. A música era "Tomorrow Never Knows", mas ali, no início do álbum, o grupo assinalava a faixa como o começo de uma nova fase, batizando-a sem modéstia de "Mark I".

A canção marcava o princípio de uma era de experimentação na música popular que iria explodir na renascença psicodélica do ano seguinte, transformando o horizonte da cultura pop em um caleidoscópio de referências. Com *Revolver*, os Beatles entravam em uma escalada que desembocaria em obras-primas como *Sgt. Pepper's*, *Álbum Branco* e *Abbey Road*. De 1966 em diante, passariam a explorar as novas fronteiras da arte, sem perder o senso de perfeição que haviam mirado no álbum anterior. De repente, descobriam as vantagens da manipulação sonora. "Quando experimentamos o som de trás para frente, eles passaram a inverter tudo", diz George Martin no livro *Paz, Amor e Sgt. Pepper*.

As inovações iam além: microfones dentro de instrumentos de sopro, grudados em violoncelos, colados na bateria. Mas a banda estava ousando mesmo nas composições, com as drogas exercendo um papel fundamental. "Dr. Robert" cantava sobre um médico pronto para levantar o astral de quem quisesse. "Got To Get You Into My Life" expõe o entusiasmo de Paul McCartney com o fumo. "She Said She Said" e "Tomorrow Never Knows" falam de ácido: a primeira disfarça uma viagem que Lennon teve com o ator Peter Fonda e a segunda escancara a exploração de realidades induzidas ("desligue sua mente", "ouça as cores do seu sonho").

George, John, Ringo e Paul: preparando o terreno para a renascença psicodélica

Divulgação

Ano de lançamento: 1966
Produção: George Martin
Músicas: "Taxman" • "Eleanor Rigby" • "I'm Only Sleeping" • "Love You To" • "Here, There And Everywhere" • "Yellow Submarine" • "She Said She Said" • "Good Day Sunshine" • "And Your Bird Can Sing" • "For No One" • "Doctor Robert" • "I Want To Tell You" • "Got To Get You Into My Life" • "Tomorrow Never Knows"

A faixa "Rain", lançada só em compacto no primeiro semestre de 1966, trazia a primeira gravação invertida da história. "Fomos nós os primeiros", resmungava Lennon. "Não Jimi Hendrix ou o *fuckin'* The Who."

Por outro lado, os Beatles continuavam entrando em portas musicais abertas nos discos anteriores. "Eleanor Rigby" é a evolução natural de "Yesterday". "Love You To" é George Harrison em sua primeira incursão de cabeça na cultura hindu, com a qual havia flertado em "Norwegian Wood". "Here, There And Everywhere" e "For No One" transformam McCartney em um jovem Schubert, compondo pequenas sinfonias em vez de baladas de amor. Os assuntos abordados iam da cobrança de impostos a contos infantis, passando por existencialismo, psicodelia, fossa, amor à vida, paixão latente, crítica social e metáforas diversas.

O álbum encontra a banda no exato momento da guinada, um sofisticado registro da melhor música pop de 1966. Poucos meses depois, o grupo encerrou definitivamente a primeira fase de sua carreira ao anunciar que não iria mais tocar ao vivo. "A transformação toda foi gradual", conta John Lennon no livrão *Anthology*. "Mas estávamos consciente de que, se havia uma fórmula ou algo do tipo, esta era mover-se para a frente."

Alexandre Matias

18º FEIRA INTERNACIONAL DA MÚSICA

Instrumentos Musicais, Áudio, Iluminação e Afins

Quem perder, vai dançar . . .

expomusic 2001

15 - 19 AGOSTO

13 às 21 h

Expo Center Norte

São Paulo • Brasil

Mais de 150 expositores nacionais e internacionais estarão apresentando seus produtos e lançamentos para o mercado musical.

Promoção

Tel (11) 4191 8188
Fax (11) 4191 0200
www.francal.com.br
feiras@francal.com.br

Patrocinio

ABEMUSICA
Associação Brasileira da Música
Tel./Fax: (11) 3812-6852

UBRAFE

SINDIPROM

VARIG

ACCOR

Por Fabiana Batistela
Discos independentes, demos e fanzines:
envie para Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP

Na batalha do hip-hop

"O hip-hop, estilo, filosofia, ideologia, a minha vida/ Consciência e atitude reconhecida/Dançava com a galera no Largo da Carioca/Não havia panela, não havia fofoca/Hoje em dia é diferente/É cada um por si e Deus pela gente/E esse é meu grito, meu nome é Tito." O trecho é de "Idade Da Pedra", faixa-título do primeiro álbum-solo de um veterano da cena hip-hop carioca. **Tito**, hoje com 33 anos, começou ainda moleque no início da década de 80, brincando de fazer rap e dançar break com a galera do grupo África Batata (uma homenagem bem-humorada ao ídolo Afrika Bambaataa, que teve o prazer de conhecer 15 anos mais tarde durante férias em Nova York). Da brincadeira, surgiu a paixão pelo movimento, que ele não abandonou mais. Trabalhou como DJ, colaborou com várias bandas e artistas, entre eles, Gabriel O Pensador, com quem dividiu os vocais e até a autoria de algumas faixas. Jazz, clássicos do funk e soul music, como James Brown e Al Green, são influências fortes em sua primeira empreitada-solo. "Todas as composições são minhas, inclusive 'Faça O Diabo Feliz', que fiz com Gabriel e entrou em *Ainda É Só O Começo*, segundo disco dele", afirma o rapaz, que também é responsável por toda a parte gráfica do trabalho, incluindo a homepage. Só falta agora uma grande gravadora que banque a idéia. Mas o rapper avisa que o álbum será lançado este ano nem que seja com recursos próprios. "O 'faça você mesmo' também serve para o hip-hop" e ele só se orgulha "de ser parte desse movimento tão criativo", como diz em "Idade Da Pedra". **Contatos: tel. (21) 512-1307, site: http://titoh2.hpg.com.br**

Tito se separou do Pensador, mas não desistiu de fazer rap

Matias Maxx

Recife sem mistura

Quem chegou cedo à Cidade do Rock dia 12 de fevereiro conferiu a apresentação de um quarteto novato de Recife que já poderia estar fazendo muito barulho, caso as gravadoras no Brasil não fossem tão surdas. Depois de se darem bem na Escalada do Rock (concurso que escolheu bandas independentes para tocar no Rock In Rio III), os pernambucanos da **Habagaceira** garantiram alguns minutos de fama na Tenda Brasil durante a tarde do primeiro dia do festival. Na estrada desde 1997, o grupo já tem um álbum (epônimo, lançado em julho de 2000) muito bem produzido e cheio de canções naturalmente pop, com melodias que conquistam rápido e poesia elaborada, porém acessível. E o mais intrigante: nenhuma batida de maracatu ou solo de acordeão. Segundo Ricardo Melo (guitarra e voz, 24 anos), não há elementos regionais na Habagaceira por uma questão de sinceridade. "Nossas influências vêm basicamente de bandas clássicas de rock dos anos 70, 80. Gostamos de mistura, mas ela não pode ser gratuita. Tem burguesinho que passa a vida inteira na cidade e depois quer cantar sobre a pobre realidade do mangue", argumenta ele. Por se identificarem mais com a proposta das bandas de fora de Recife, já foram convidados para abrir shows de inúmeros artistas, dos laranjas do Jota Quest até os talentosos do Pato Fu.

No entanto, ser simplesmente pop rock num Estado tão rico culturalmente pode ser complicado. Ricardo lamenta: "Já nos deixaram fora de vários festivais grandes aqui de Recife porque nossa música não tinha aquela 'coisa de raiz'".

Contatos: tel. (81) 9111-9727,
E-mail: habagaceira@hotmail.com

Ricardo *(de azul)* prefere ser sincero a cantar a pobreza da manguetown

Indie até o caldo

Nove anos de underground não é para qualquer um. Tem de gostar muito do que faz para não se deixar desanimar diante das constantes marés baixas do mercado nacional. Mas a **Pelvs** não pensa em aposentar a prancha tão cedo. Tudo começou em 1992, quando Gustavo Seabra (guitarra e voz), ainda moleque, abandonou a banda de MPB de que fazia parte e, com dois colegas, foi procurar um projeto que fosse mais a sua cara. Apaixonados por Sonic Youth, Dinosaur Jr., Teenage Fanclub e surf music da década de 60, os três se uniram a Rafael Genu (baixo) e começaram a fazer muito barulho. Um ano depois, conquistaram o selo Rock It!, de Dado Villa-Lobos, que resolveu lançar o primeiro trabalho do grupo carioca, *Peter Greenaway's Surf*. Com a decisão da gravadora de não trabalhar mais com bandas que cantassem em inglês, o sonho quase acabou. "Não sabemos fazer música em português. Desde os 13 anos, ouço R.E.M. Impossível querer fazer bossa nova agora. Isso sim seria traição", justifica Gustavo, hoje com 25 anos. Mas era cedo para morrer na praia e a salvação chegou com o selo Midsummer Madness. A partir de então, a Pelvs só se afirmou como uma das bandas mais respeitadas do indie rock nacional. O segundo álbum, *Members To Sunna* (1997), marcou o flerte do grupo com violinos e cellos. *Peninsula*, que saiu este ano, equilibra os trabalhos anteriores. "Quanto ao mercado, a gente relaxa. Nossa idéia de 'chegar a algum lugar' é fazer música do jeito que a gente gosta e lançar álbuns", continua o vocalista. "Depois de nove anos, bate uma certa canseira, seus valores mudam. Procuramos nos manter longe de furadas e fazer só o que nos dá prazer". Hoje, a Pelvs é formada por Ricardo Mito (bateria), Gordinho (guitarra), Pedro Alcoforado (trompete), além do vocalista e do baixista originais. O quinteto tem cerca de 80 músicas inéditas e algumas devem sair em breve numa caixinha especial de tiragem limitada no fim do ano. Haja fôlego para nadar contra a correnteza! Não é à toa que a primeira faixa de *Peninsula* ganhou o nome de "Mesmo Que O Sol Se Ponha (Eu Vou Surfar)". **Contatos: tel. (21) 542-6810; site: www.mmrecords.com.br**

Há quase uma década eles são escravos do underground

Foto: Divulgação

Vencedores da promoção Loucura de Verão:

Alexandre Passold (Florianópolis, SC); Dayane Dárc Silva Oliveira (Colatina, ES); Francisco de Oliveira (Rio de Janeiro, RJ); Itaici José Brunetti Perez (Araraquara, SP); João Carlos Moura (Praia Grande, SP); Leandro F. (Cambuí, MG); Marcell Nascimento Alves (Belo Horizonte, MG); Renato Antônio Duarte Tobias (Santo Ângelo, RS); Thiago Kaczuroski (São Paulo, SP); Vinícius Foppa (Concórdia, SC)

Zines, selos, festivais e "indiezices"

UDIGRUDI

Finalmente alguém resolveu prestar mais atenção nas bandas independentes. Não, nenhuma gravadora está investindo milhões em novos talentos. Mas um novo projeto começa dia 22 deste mês e promete agitar as sextas-feiras do underground paulistano. É o **Sound On Stage**, uma noite dedicada a apresentações ao vivo. "A intenção é dar estrutura adequada para as bandas tocarem, um palco de verdade, com som decente", diz o idealizador e promotor Márcio Custódio. Viva! Chega de passar calor, se espremer em salas apertadas e aturar falhas técnicas da aparelhagem de som. Quem está abrigando a idéia é a Tribe House, uma casa para cerca de 700 pessoas na Rua Henrique Schaumann, 517, Pinheiros. Custará 10 reais (5 de consumação) e a programação de shows deve incluir bandas de todo o Brasil. Interessou? Então escreva para projetosound@yahoo.com.br e reserve uma data ● **No fim do mês de abril, os integrantes do Belleatec levaram um susto quando souberam que "Caos", a bela primeira faixa do EP *Tetra Pak*, tinha sido tocada pelo respeitadíssimo e veterano DJ inglês John Peel em uma de suas famosas *Peel Sessions* (nas quais bandas novas do mundo inteiro são apresentadas) de seu programa da Radio 1, transmitido para toda a Inglaterra. O programador e tecladista Rodrigo Antunes recebeu a notícia por alguns amigos que residem na terra da rainha. Na mesma hora, escreveu um e-mail de agradecimento a Peel, que foi lido no ar no dia seguinte. Parabéns ao trio! Site: www.belleatec.com** ● Black, trash, death metal, grindcore e adjacências. Informações das profundezas do underground sobre os estilos mais extremos da face da Terra e nada de metal melódico. Está tudo na revista ***Black Hole*** Idealizada e lançada como fanzine pelo designer gráfico Fernando Camacho de 1985 a 1990, a publicação está de volta em 2001 de forma bem mais profissional e com versão on-line (http://blackholemag.com). Mas tem um detalhe: exige um nível pelo menos básico de inglês, pois a revista é escrita do início ao fim nesse idioma. "Assim eu posso divulgar as bandas em qualquer lugar do planeta, da Polônia a Porto Rico", explica Fernando. Escreva para a Caixa Postal 1181, Curitiba, PR, CEP 80011-970 e peça seu exemplar. Custa 12 reais, com correio e CD promocional com 21 bandas nervosas inclusos ● **O Badalho é mais um e-zine bacana sobre música. Hospedado no site www.emlondrina.com, traz resenhas de discos e notícias sobre bandas alternativas. Segundo seu editor, Fábio Galvão, a intenção é dar cada vez mais espaço a bandas e selos nacionais independentes. Envie seu material para a Rua Manoel Bandeira, 45, Jardim Santo Antônio, Londrina, PR, CEP 86060-610.**

Tudo que vai, volta

Encontrei um CD (de capa laranja) intitulado *Capital Inicial Elétrico*. Onde ele se encaixa na discografia do grupo?

Pamela Kopp – Niterói, RJ

Elétrico é uma coletânea do Capital que foi lançada este ano pela Universal. Ele vem na cola do sucesso do disco *Acústico* (Abril Music, gravadora atual da banda). E parece que uma onda de nostalgia abalou a Universal. Sorte dos fãs, claro. Além de *Elétrico*, a major está relançando quatro títulos do começo da carreira do grupo: *Capital Inicial* (1986), *Independência* (1987), *Você Não Precisa Entender* (1988) e *Todos Os Lados* (1989). É a oportunidade que a galera mais jovem estava esperando para completar a coleção.

Freiras importadas

Gostaria que vocês publicassem a discografia do Sisters Of Mercy. Algum CD ou vídeo foi lançado no Brasil?

Cleiton Belitzki – São Bento do Sul, SC

A discografia oficial da banda, que teve versão nacional em vinil na época, é a seguinte: *First And Last And Always* (1985); *Floodland* (1987); *Vision Thing* (1990); *Some Girls Wander By Mistake* (coletânea de singles e lados B, 1992); *A Slight Case Of Overbombing* (coletânea dos maiores sucessos, mais duas faixas inéditas, 1993). Apenas *Some Girls...* foi lançado em CD no Brasil, mas já saiu de catálogo, Cleiton. Quanto aos vídeos – *Shot* (1983); *Wake – In Concert In The Royal Albert Hall* (1993); *Shot Ver 2.0* (1993) –, só importando mesmo.

Dupla caipira

Comprei o Calendário do Rock de BIZZ e está dizendo lá que, no dia 17 de fevereiro de 1969, Bob Dylan e Johnny Cash gravam juntos pela primeira vez. Gostaria muito de saber que gravação é essa e se eu posso encontrá-la em CD.

Diogo da Cunha – Florianópolis, SC

Nashville Skyline é o nome do álbum que você está procurando, Diogo. Lançado em 1969, trazia o sucesso "Lay, Lady, Lay", talvez uma das músicas mais conhecidas de Mr. Dylan. Nele, Johnny Cash aparece como artista convidado, colaborando nos vocais de "Girl From The North Country", música lançada pela primeira vez no álbum *The Freewheelin' Bob Dylan*, de 1963. *Nashville Skyline* ainda está em catálogo nos Estados Unidos e pode ser encontrado em CD.

Buscando o sucesso perdido

Queria saber informações sobre as músicas usadas em comerciais dos cigarros Hollywood. Será que existe uma coletânea em CD? Alguém sabe quais são essas músicas e quais são os grupos? Tudo bem que essas campanhas estão sendo banidas e criticadas, mas a trilha sonora era bem legal. Qualquer informação está valendo.

Renata Ramos Rocha – São Paulo, SP

Realmente, existe uma coletânea de três volumes chamada *Hollywood Hits* com todas as pérolas hard rock dos anos 80 que tornaram os anúncios da tal marca

A pedido da leitora Adriane Barroso da Silva, de Sorocaba, SP

FICHA The Cure

Importância

O Cure surgiu no meio da explosão punk, que aconteceu na Inglaterra no fim da década de 70, mas mostrou uma proposta diferente da de Johnny Rotten e companhia. A batida era mais lenta e o grupo viajava em experimentações e em composições dançantes, que conquistaram o mainstream sem desagradar ao underground. As letras profundas, o clima obscuro e a imagem do vocalista Robert Smith nunca foram suficientes para confinar a banda ao movimento gótico. O Cure sempre teve mais personalidade e ta ento, por isso sobreviveu aos anos 80. Foram mais de 27 milhões de álbuns vendidos em 23 anos de carreira, que influenciaram inúmeros artistas.

Biografia

Em 1976, Robert Smith era um estudante de 17 anos que acabara de montar uma banda com os colegas de escola, Michael Dempsey (baixo), Lol Tolhurst (bateria) e um guitarrista da cidade de Crawley (Inglaterra) chamado Porl Thompson. Conhecidos como The Easy Cure, passaram a escrever e gravar demos assim que se juntaram. Dois anos depois, já sem o "Easy" no nome e sem Thompsom na guitarra, o trio assinou com um jovem selo, o Fiction, de Chris Parry, um assessor de imprensa da Polydor. O primeiro álbum, *Three Imaginary Boys*, saiu em 1979 e uma extensa turnê seguiu-se pelo Reino Unido, quando o Cure tocou com bandas como Wire, Joy Division e The Jam. O segundo álbum, *Boys Don't Cry*, trouxe alguns bons momentos do primeiro trabalho e singles inéditos, como "Jumping Someone Else's Train" e o sucesso que deu nome ao disco. Dempsey foi substituído por Simon Gallup. Mattnieu Hartley (teclado) transformou o Cure novamente em um quarteto. No trabalho seguinte, *Seventeen Seconds*, a atmosfera depressiva e as letras profundas de Robert começaram a ser mais exploradas, com bons resultados: um lugar na parada de álbuns britânica e shows em vários países da Europa, Estados Unidos e Austrália. *Pornography* foi o primeiro trabalho a entrar no Top 10 britânico e um dos favoritos dos fãs até hoje. O clima sombrio e o trabalho pesado fez Simon abandonar os colegas – para voltar pouco antes das gravações de *The Head On The Door*, dos hits "In Between Days" e "Close To Me" – e Robert decidir por um caminho mais 'light', gravando singles como "Let's Go To Bed". Tolhurst assumiu os teclados e alguns outros músicos passaram pelo Cure. O álbum *Kiss Me Kiss Me Kiss Me* saiu em 1987. Nessa época, Robert Smith e companhia já tinham conquistado a mídia americana e completado uma década de vida com vários singles nas paradas e shows ao redor do mundo. Uma carreira de sucesso, reconhecida em 1991 com um prêmio de melhor banda britânica no Brit Awards, antecedendo o maior sucesso do grupo, *Wish* (primeiro lugar no Reino Unido e segundo nos Estados Unidos). "Friday I'm In Love" foi o hit. Após mais dois álbuns, Smith decidiu abandonar os colegas Gallup, Perry Bamonte (guitarra), Roger O'Donnell (teclado) e Jason Cooper (bateria), fazendo a banda finalizar suas atividades.

Discografia

Three Imaginary Boys (1979); *Boys Don't Cry* (1980); *Seventeen Seconds* (1980); *Faith* (1981); *Pornography* (1982); *Japanese Whispers* (coletânea de singles e lados B, 1983); *The Top* (1984); *Concert* (ao vivo, 1984); *The Head On The Door* (1985); *Standing On A Beach/ Staring At The Sea* (coletânea, 1985); *Kiss Me, Kiss Me, Kiss Me* (1987); *Disintegration* (1989); *Mixed Up* (remixes, 1990); *Entreat* (ao vivo, 1991); *Wish* (1992); *Show* (ao vivo, 1993); Paris (ao vivo, 1993); *Wild Mood Swings* (1996); *Galore* (coletânea, 1997); *Bloodflowers* (2000).

de cigarro famosos no Brasil inteiro. Tem, por exemplo, "Love Ain't No Stranger", do Whitesnake, "Jump", do Van Halen, "Only Time Will Tell", do Asia, "Eye Of The Tiger", do Survivor, "If Looks Could Kill", do Heart, e "Your Love", do Outfield. Por coincidência, há poucas semanas, nós aqui da Redação estávamos nos esbaldando com os volumes *I* e *II* que foram lançados em CD em 1998. O problema é que essa coletânea é o que chamamos de lançamento extra-oficial, ou seja, não saiu por nenhuma gravadora. Mas a Galeria do Rock, no centro de São Paulo, tem de montão. Para quem não é da cidade, a Floyd Records – (11) 5539-4020 – entrega nos quatro cantos do país.

Primus distantes

Gostaria de saber a discografia completa do Primus e a formação da banda.

Viviane Lima Ferreira – São Paulo, SP

Anote a discografia aí, Vivi: *Suck On This* (1990); *Frizzle Fry* (1990); *Sailing The Seas Of Cheese* (1991); *Miscellaneous Debris* (álbum de covers, 1992); *Pork Soda* (1993); *Tales From The Punch Bowl* (1995); *Brown Album* (1997); *Rhinoplasty* (EP, 1998); *Antipop* (1999). A última formação do Primus contava com Les Claypool (vocal e baixo), Larry LaLonde (guitarra) e Brian "Brain" Mantia, baterista que hoje toca com o Guns N' Roses. Estão dando um tempo no momento, mas Les entrou em turnê para promover seu disco-solo, *Live Frogs Brigade*, em que toca o mesmo funk rock progressivo que consagrou sua banda de origem.

Fotos: Divulgação

O Primus, que agrada tanto a fãs do Rush (pelo virtuosismo) como de Chili Peppers (pelos grooves)

PROMOÇÃO R.E.M.

Mude a história por trás do nome R.E.M.

Que R.E.M. quer dizer rapid eye moviment (nome daquele fenômeno que ocorre quando estamos sonhando) todo mundo sabe. Mas e se, após 21 anos de uma gloriosa carreira, o marqueteiro da banda pedisse para você criar um novo significado para a sigla R.E.M.? Detalhe: tem de ser no nosso idioma. Os dez mais criativos vão receber em casa cinco essenciais discos do grupo – *Green* (1988), *Out Of Time* (1991), *Automatic For The People* (1992), *New Adventures In Hi-Fi* (1996), *Up* (1998) – mais o novíssimo *Reveal*. Um pacotaço de responsa oferecido pela gravadora Warner, totalizando 60 discos. Mande sua idéia para a Promoção Cultural Warner/BIZZ/R.E.M., Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000. Ou utilize o e-mail showbizz@simbolo.com.br O prazo final é dia 30 de junho e o resultado sai em agosto.

Fale com a gente: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
Atendimento ao leitor: e-mail: showbizz@simbolo.com.br

Como é grande o meu amor...

A melhor banda de rock de todos os tempos – não só da atualidade – na capa! E com direito à entrevista com o "ser especial"! Caí em prantos! É tão difícil ler entrevistas de Michael... As perguntas foram bem-feitas e a matéria foi escrita com a mesma aura de delicadeza que caracteriza o R.E.M. O vocalista continua encantador. Estou ansiosa para ouvir o novo CD! Peter, Mike e Michael justificam o bom nome da banda: o trabalho deles é sonho puro. Muitos beijos e muito, muito obrigada pela matéria!
Carla Sampaio – Belém, PA

Acabo de devorar a edição de maio e estava gostosíssima! Para alimentar meu lado conservador: Eric Clapton e Mark Knopfler (eu era um dos felizardos que estavam no show). Para minha veia mais modernha: R.E.M. e Pato Fu. Sem mencionar que os acompanhamentos dos pratos principais também estavam muito bons. E já que falei nos mineiros, neste mesmo dia em que comprei a revista, levei o *Ruído Rosa* para casa. Devo ter escutado umas trocentas mil vezes. O disco é muito bom. Aproveito para fazer aqui uma indicação e uma previsão. Os "Fus" serão alvo de matérias e *Ruído Rosa* deve ficar entre os melhores do ano. Já tem meu voto!
Leonardo Guaraní – São Gonçalo, RJ

A revista de maio está de parabéns, mostrou tudo que estava rolando no mês (de bom), não teve nenhuma crítica metendo o pau em nenhum artista (não sei se isso é bom ou ruim) e sempre sem preconceitos musicais, "lançando" bandas como Linkin Park, relembrando Love, Jimi Hendrix e acompanhando bandas como R.E.M., Pato Fu, Aimee Mann, Mano Negra. Valeu!
José Otávio Zangirolami – Jales, SP

A BIZZ está na melhor fase da sua história. Voltou a dar atenção para o texto e para personalidades fundamentais da nossa música, como Arnaldo Baptista. Na última edição (e nas últimas), não há do que reclamar, apesar das capas comerciais (Argxel, Capital Terminal & Renato Soviético), as críticas estão demais!
Victor Emmanuel Machado – Marília, SP

Estou realmente impressionado pelas últimas edições. A qualidade é geral, tanto nas fotos como nas reportagens. Até na gozação BIZZ demonstra muita criatividade.
Everton Moraes – Petrópolis, RJ.

Merece uma chicotada

Me enchi de orgulho ao ler a introdução feita por Emerson Gasperin na abertura da edição 190. Mas durou pouco. Ao virar a folha, dei de cara com uma matéria com a Tiazinha. Quem teve a coragem de publicar os delírios dessa bunda, ops, dessa moça? Quem cometeu a heresia de dizer que ela ainda será uma Rita Lee? Decepção. Depois do editorial dizendo "não vamos abrir as pernas para essa merda", referindo-se ao lixo teen que existe por aí, ao virar a página quase pude ouvir algumas vozes falando "enganei um bobo na casca do ovo". Alguém avisa essa bunda, ops (não consigo evitar), essa moça que, com a idade dela, Rita Lee fazia parte dos Mutantes.
Danilo de Souza – São Paulo, SP

As palavras que nos comoveram

PAPO FIRME

Parabéns pelo posicionamento ético e pelo extremo profissionalismo demonstrados no editorial da edição de maio. BIZZ é um dos poucos oásis que restam no vazio da mídia musical brasileira, e deve continuar exatamente do jeito que é. Tem que ser assim mesmo, não arrede o pé! Só não tema pela extinção da revista, pois ainda há ouvidos sadios e inteligentes pelo Brasil afora, ávidos pelos sons de qualidade que a revista traz todo mês. Parabéns, também, por apresentar os excelentes Darma Lóvers. São novidades como essas que me estimulam a ir todo mês às bancas e perguntar: "Já chegou a nova BIZZ?".
Adelino Neto – Belém, PA

Nenung e Yang Zam converteram o paraense

Ado Hennchs

SÍMBOLO
Diretora-Presidente
Joana Woo

Vice-Presidente Executivo
Roberto Melo

Diretora de Circulação e Marketing: Regina Bucco
Diretor Financeiro: Pedro Frazão
Diretora de Publicidade: Dilu Freire Huth
Diretora Jurídica: Henriqueta Pezelli
Diretora Administrativa: Fátima Fana

Bizz

Diretora da Divisão de Segmentadas: Laís de Castro
Diretora de Arte de Divisão: Claudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Revisão: Ângela Maria Cruz
Colaboradores: Texto: Abonico R. Smith, Alexandre Matias, Ana Paula Chinspiniano, Alisson Avila, Bernardo Araujo, Carlos Eduardo Oliveira, Carlos Marcelo, Daniel Oliveira (Los Angeles), Fabiana Batistela, Fabio Bianchini, Flávio Simonetti, Gastão Moreira, Guilherme A. Hungria, Luciano Marsiglia, Luis Antônio Giron, Marcel Plasse, Marco Bezzi, Renato Yada, Ricardo Alexandre, Rodrigo Carneiro, Sérgio Martins, Terence Machado **Fotografia:** Ana Paula Chinspiniano, Daniel Oliveira, Eugênio Vieira, Marcello Vitorino, Matias Maxx, Luiz Queiroz **Ilustração:** Diego Medina **Revisão:** Roberta Cunha Valente
Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florence Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Flávia Levorin, Andréa Levorin (coordenadora)
Símbolo Press: Ana Carolina Oliviero

PUBLICIDADE
Gerente de Agências: Claudia Di Carmo • **Executivos de Negócios:** Cidinha Castro, Luciana Bergamasco, Marisa de Souza, Renato Mascarenhas e Sibele Resende • **Gerente de Diretos:** Luciana Valle • **Executivos de Negócios:** Andrea Branco, Rosangela Fernandes, Nadia Bronze, Cristiana Gallon e Fernando Piccinini • **Gerente de Representantes:** André Barreiros • **Representantes • Brasília:** JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS - qd. 701, bl. C, s. 330, Brasília, DF, CEP 70340-907, tel. (61) 322-2034, fax: (61) 314-1541 – Ulysses Cava • **Interior de SP:** F&C Representações, R. Felisberto Brolezze, 226, Campinas, SP, CEP 13084-790, tel./fax (19) 3289-1661 – Luciene Dias • **Minas Gerais:** Magalhães Enock Ltda., Av. do Contorno, 8.000, s. 605, Bairro de Lourdes, Belo Horizonte, MG, CEP 30110-120, tel. (31) 3291-4929, Cibele Magalhães • **Paraná:** Yahn Repres. Comerciais Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 488, cj. 808, Curitiba, PR, CEP 80530-060, tel. (41) 232-3466, fax (41) 232-0737 – Celo Yahn • **Rio de Janeiro:** Marca 21 Comunicações, R. Voluntários da Pátria, 45, cj. 401/402, RJ, CEP 22270-000, tel. (21) 579-2230, fax (21) 579-2240 - Carla Torres e Marta Pimentel **Rio Grande do Sul:** Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getúlio Vargas, 1.594, 6º and., s. 607, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tel./fax (51) 233-1513, – Andréa Isoppo; Integrada Atendimento e Mídia, R. Tupinambá, 55, s. 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (51) 582-4120, fax (51) 594-4089 – Claudia Kruse • **Santa Catarina:** Centro de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, cj 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel/fax (48) 222-4355 – Adriano Kalil

Gerente de Internet: André Luiz Rodrigues (Dogon)
Gerente de Produção Gráfica: Eduardo Keppler

Fotolito Eletrônico: A. R. Fernandez
Impressão: Globo Cochrane, Gráfica e Editora - Vinhedo
Papel: Inpacel

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 0104-1649. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (11) 284-2255, fax (11) 287-4979. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque): solicite através de seu jornaleiro. **SHOWBIZZ** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

ANER IVC

ASSINATURAS – Podem ser obtidas pelo telefone (11) 251-1256 (Grande São Paulo), 0800-163022 (outras localidades), ou pelo site: www.assinesimbolo.com.br/bizz
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE – Para renovar ou tirar dúvidas: (11) 284-2777. Fax: (11) 251-5455 – e-mail: assinat@simbolo.com.br

Abril
PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa

PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo

VICE-PRESIDENTES: Carlos R. Bertinck, Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal

Backstreet boy

Uma pergunta para o "crítico" José Flávio Júnior: desde quando Matchbox Twenty e Creed são boy bands (como dito na crítica do álbum *Group Sounds*, do Rocket From The Crypt, na edição 190)? Tá certo que o Creed não é lá grande coisa, mas comparálos a uma boy band é demais. E o Matchbox Twenty é uma das melhores coisas da cena musical da atualidade!

Júlio César L. Zart Jr. – Brasília, DF

Ligadinho, hein?

Quase não acreditei quando vi as matérias com o Super Furry Animals e com o Black Box Recorder. A primeira é uma das minhas bandas de cabeceira, tenho todos os CDs. O grupo vem influenciando até artistas aqui no Brasil. Em *Rutdo Rosa*, do Pato Fu, tem uma música que é beeem Super Furry Animals, acho que é "2 Malucos".

Bruno Sousa "Healy" Alencar – São Paulo, SP

Tá "russo" para o Joey

Acompanho a BIZZ desde o número 1 (que, aliás, está guardadinha), as suas más (leia-se a época do chato do Forastieri e das histórias em quadrinhos) e boas fases. Não entendo o endeusamento a Renato Russo. Vira-e-mexe vocês inventam uma pauta para colocar o cara na capa. Por outro lado, vejo a revista dedicar uma pagineta para a morte de Joey Ramone, muito pouco para a importância do vocalista dos Ramones.

Nildo Teixeira – Balneário Camboriú, SC

Joey se foi. Nunca o conheci, a não ser pelos discos dos Ramones, especiais na TV sobre sua banda ou pelas matérias publicadas em jornais e revistas. Inclusive, foi por influência de um artigo da antiga BIZZ sobre o *Rocket To Russia* (1977) que me interessei um dia em ouvir um disco dos Ramones. Descobri-os tardiamente, porém seu punk rock básico me contagiou para sempre.

Rauci Feitosa – Manaus, AM

Correções:

Edição 189

• A matéria do Astromato diz que nada do My Blood Valentine teve edição nacional. Porém *Isn't Anything*, de 1988, saiu por aqui.

Edição 190

• A foto de Gabriel da banda Autoramas na seção Minha Coleção foi tirada por Matias Maxx. É dele também o crédito da foto de Axl Rose abraçado com sua mãe brasileira já publicada algumas vezes na revista.

• No Barraco Zoado, página 65, a autoria correta das músicas da compilação dos filmes de Austin Powers é de George S. Clinton, compositor americano de trilhas sonoras dos anos 80 e 90, e não de George Clinton, o mestre do funk

• *Exciter*, o novo do Depeche Mode, não é mais um lançamento da Sum, e sim da Virgin.

Promoção Cultural Sum/BIZZ/Sepultura

Eis os 25 leitores que deram as melhores respostas à pergunta: Qual seria a primeira frase em português que você ensinaria a Derrick? e ganharam *Nation*, a nova pedrada da banda:

Adriano Zambaldi Silva (São Paulo, SP)
Afonso Hipólito (Laginha, MG)
Andréia Barbosa de Oliveira (Torres, RS)
Bruno Guilherme Tissiani (Curitiba, PR)
Christine Stone (Rio de Janeiro, RJ)
Cláudia A. de Campos (Porto Feliz, SP)
Eliane Goulart Martins (Nilópolis, RJ)
Érico F. B. Gonçalves (Campo Mourão, PR)
Fábio Alexandre Silva (Lorena, SP)
Jason Cordeiro Vilas Boas (Rio Branco, AC)
Joyce Louback Lourenço (Manhumirim, MG)
Jorge Alexandre Garcia (Rio de Janeiro, RJ)
José Marques dos Santos (Tatuapé, SP)
Leonardo Azevedo Campos (Valparaíso, GO)
Leonardo B. Maia (Cel. Fabriciano, MG)
Luis Antonio Guimarães (Monte Alto, SP)
Marcelo M. de Abreu (Rio de Janeiro, RJ)
Marcos dos Santos (Jaboatão dos Guararapes, PE)
Mariana Gonçalves (São Paulo, SP)
Odilon Antunes da Silva (Juiz de Fora, MG)
Orlando Carvalho Gomes Jr. (Itabuna, BA)
Reinaldo Zanelio Klostermann (Curitiba, PR)
Rosemberg Ferreira (Rio de Janeiro, RJ)
Thiago Kaczuroski (São Paulo, SP)
Victor Tazima Stivaletti (Guatapará, SP)

Para o pessoal que quer ter alguém com quem conversar

ENTRE LEITORES

CORRESPONDÊNCIA

Belle And Sebastian: Christiane Xenofonte – Rua Padre Frota, 430 – Fortaleza, CE – CEP 60325-160 – E-mail: eleanorrigby@globo.com

Bidê Ou Balde e Tequila Baby: Luiz Filipi Nascimento – Rua Barão do Rio Branco, 2115, ap. 7 – São Borja, RS – CEP 97670-000

Cindy Lauper: Ciça M. – Rua Vitório Crispin, 613 – Nova Odessa, SP – CEP 13460-000

Engenheiros Do Hawaii: Tatiane Fonseca Nicéas – Rua Catulo da Paixão Cearense, 71/03 – Recife, PE – CEP 52031-030

Foo Fighters: Lilian Y. T. Tada – Rua Antônio Ferreira de Souza, 141 – Mogi das Cruzes, SP – CEP 08770-080

Guns N' Roses: Ilze Dias – Rua João Rodrigues da Silva, bloco 115b, ap. 106 – Volta Redonda, RJ – CEP 27288-160

Madonna: Emerson Luiz Pires – Caixa Postal 186 – Sorocaba, SP – CEP 18001-970

Nick Cave & The Bad Seeds: André Andy Farias – Rua Nelson Melli, 840 – Osasco, SP – CEP 06253-070

Oasis: Bruno Azanha Loureiro – Rua Cartagena, 175 – Santo André, SP – CEP 09220-080

Police: Ana Paula – Rua Vicente Ciccarino, 1246 – Curitiba, PR – CEP 82560-410

Pretenders e Brian Ferry: André Ely – Rua Dom Pedro II, 47 – Cariacica, ES – CEP 29146-610

Ramones: André Miranda – Praça Nemesio Cordeiro, 1649, Centro – Canindé, SP – CEP 62700-000

R.E.M.: Selma Nunes – Rua Uirapuru, 30 – Poá, SP – CEP 08563-020

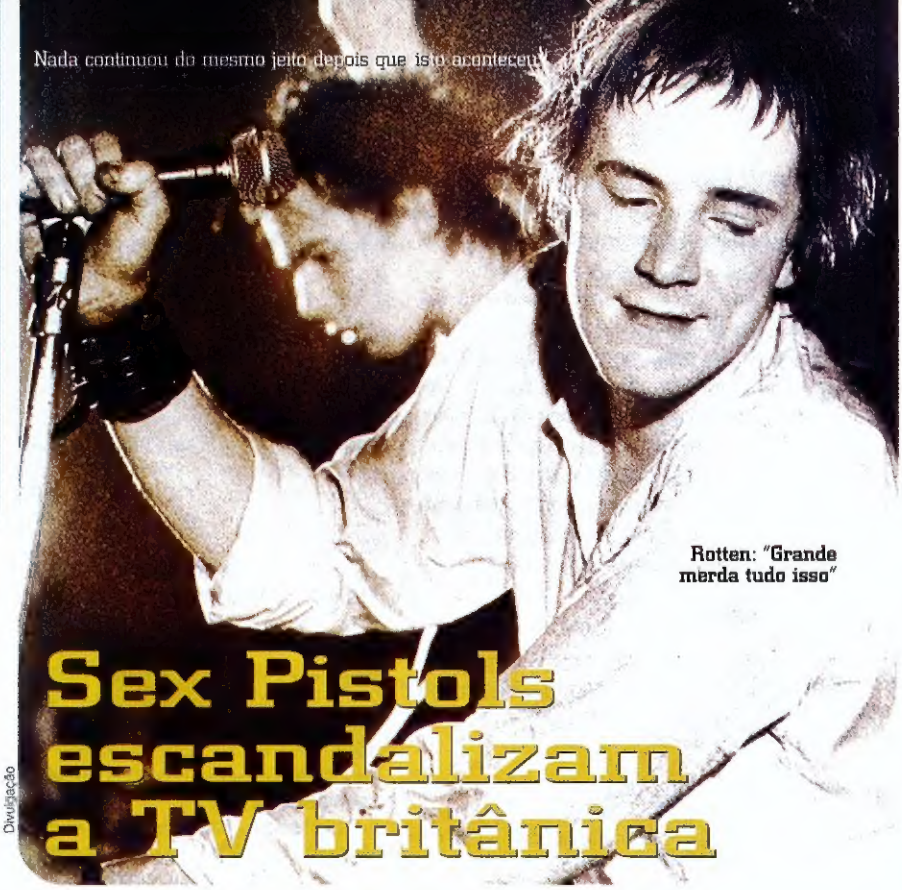
RPM: Rodrigo Fonseca – Rua Rio Preto, 807 – Buritama, SP – CEP 15290-000

Sheryl Crow: Rafael Ferreira – Rua Penido, 83 – Belo Horizonte, MG – CEP 31910-710

Stereophonics: Florencia Libertini – Av. N. S. Copacabana, 1126/603 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22060-000

FÃS-CLUBES

Kid Abelha: Fã-Clube Todo Nosso Ouro – Rua Aureliano Coutinho, 278, sala 52, Higienópolis – São Paulo, SP – CEP 01224-020



Rotten: "Grande merda tudo isso"

Divulgação

Sex Pistols escandalizam a TV britânica

Convocado para substituir a atração principal de um programa ao vivo, o quarteto punk tornou a apresentação histórica ao proferir palavrões no ar pela primeira vez

Na noite de 1º de dezembro de 1976, a atração principal de um programa ao vivo de TV chamado *Today* seria uma banda do primeiro escalão de popularidade da EMI, que cancelou o compromisso quase em cima da hora. Na falta de alguém à altura, a gravadora decidiu tapar o buraco com os Sex Pistols, que haviam sido contratados em setembro e gravado o single "Anarchy In The UK".

A repercussão da faixa, lançada no dia 27 de novembro, foi imediata. Na produção, o veterano Chris Thomas adicionou mais sujeira à canção ao levar Steve Jones a sobrepor 21 vezes sua guitarra distorcida. Mas o que pegava mesmo era a letra, um verdadeiro atentado ao conservadorismo do Reino Unido: em três minutos, o vocalista Johnny Rotten berrava mensagens de terror político, social e religioso, xingava a principal publicação sobre música da ilha (o *New Musical Express*, cujas iniciais formam a palavra inimigo em inglês) e convocava a plenos pulmões a destruição da ordem vigente.

Por causa disso, Rotten, Jones, Glen Matlock (baixo) e Paul Cook (bateria) ganharam inimigos de todos os lados, da imprensa à categoria artística. A EMI, temerosa, recusou-se a divulgar a fúria iconoclasta dos Pistols. O NME, como era de se esperar, esculhambou o grupo. Sem apoio da mídia, das rádios e até da própria gravadora, a banda tinha tudo para experimentar seus 15 minutos de fama antes de cair no túnel do ostracismo.

Foi nesse clima que, acompanhado do empresário Malcolm McLaren, o quarteto e mais alguns integrantes do então incipiente movimento punk (entre eles, Susan Janet Balion, que mais tarde formaria o Siouxsie & The Banshees) chegaram de limusine aos estúdios da TV Thames. No camarim, enquanto esperavam a hora de entrar em cena, tomaram um porre – no qual foram seguidos pelo apresentador do programa, Bill Grundy. "Ele bebeu muito antes de entrar no ar e já estava extremamente agressivo com todo mundo", acusou Rotten. Para Matlock, o apresentador não queria entrevistá-los. "Não por causa do visual, mas porque ele estava inseguro. Não sabia quase nada sobre a gente."

Ao começar o bate-papo, Grundy foi logo disparando a metralhadora. "Tenho uma informação de que vocês receberam 40 mil libras de uma gravadora. Não parece algo conflitante com a pregação antimaterialista do punk?", provocou. Quando começou a pegar pesado e fazer ironias com o futuro do grupo ("Beethoven, Mozart, Bach e Brahms, todos eles morreram..."), Rotten o interrompeu com o seu típico sarcasmo. "Eles são nossos heróis, compositores maravilhosos que nos fazem ficar excitados." E sussurrou: "Grande merda tudo isso".

Grundy ficou surpreso. "O que você disse?" O vocalista contemporizou: "Nada, apenas um palavrão. Próxima pergunta". O entrevistador insistiu para que o termo fosse repetido. Um dos acompanhantes atendeu ao pedido e disse novamente: "Merda". Ao tentar retomar as rédeas do programa, Grundy foi ainda mais grosseiro e perguntou a Siouxsie se ela se assustava ou estava apenas se divertindo ao estar com a banda. Ao receber um elogio irônico da garota, disparou: "Poderemos nos encontrar mais tarde?".

Foi o estopim para Glen: "Seu velho podre". O apresentador retrucou: "Vamos adiante. Você tem mais dez segundos. Diga algo ultrajante". E inflamava ainda mais o músico, que continuava a desfilar impropérios. "Bastardo! Filho da puta! Babaca!", dizia o baixista. "Vamos lá, mais uma! Que garoto inteligente!", falava o dono do *Today*.

A produção foi obrigada a encerrar o combate verbal colocando no ar os créditos finais do programa. Era a primeira vez que a TV britânica transmitira palavrões. As linhas telefônicas da Thames ficaram congestionadas por telespectadores indignados. Steve e Siouxsie ainda se deram ao trabalho de atender algumas pessoas: "Desligue essa porra do telefone, seu velho estúpido!". Quando a polícia chegou à emissora, McLaren havia acabado de colocar todos de volta na limusine para escapar de algo pior.

No dia seguinte, o rescaldo da confusão. Grundy pegou duas semanas de suspensão, de acordo com um conselho de ética das comunicações britânicas. Jornais sensacionalistas fizeram estardalhaço em suas manchetes. "Até ontem, era apenas música. Agora, é tudo um circo armado pela mídia", resumiu Jones. Curiosidade: a banda que deu um bolo no apresentador Bill Grundy era o Queen...

Abonico R. Smith

É como o princípio da
ação e reação: você põe um Kildare
e tira um peso dos ombros.

KILDARE®
É duro andar sem ele.

RBA

> Praia Grande / Litoral Plaza Shop. > Ribeirão Preto / Santa Úrsula e Novo Shopping > Campinas / Shop. Iguatemi e Campinas Shop. Center > Rio Claro / Shop. Center Rio Cla

STRUTURA

> Loja de Fábrica: Vergueiro, 2449 > Atacado / Mart Center > Shop. Center Santana > Shop. Ibirapuera > Galeria Paulista 20

> atendimento ao cliente: (0xx11)5572-9111
e-mail: atendimento@strutura.com.br

> São Luiz-MA / Shop. Tropical, São Luiz Shop. Center e Centro > Teresina-PI / Shop. Center Teresina > Joinville-SC / Shop. Miller > Londrina-PR / Shop. Center Catuaí > Belém-PA

> Shop. Center Norte > Centro - Rua: Marconi > Shop. Metro Tatuapé > Guarujá / Shop. La Plage > Santos / Praiamar Shopping

Cobertura completa da **temporada de festivais** que assolou o Brasil

SHOW BIZZ

Edição 191 - Ano 16
nº 6 - junho 2001 - R$ 5,00

SÍMBOLO

ISSN 0104-1649

Sub Pop
Como o berço do grunge está se virando sem o **Nirvana**

Com CD grátis!

Renato Russo fantasiado!

Roger pelado!

Sepultura enrolado!

Raul Seixas perdido!

AS 40 MAIORES TRAPALHADAS DO ROCK NACIONAL

Lulu Santos censurado!

RPM falido!

Micos, gafes, vacilos: tudo o que os ídolos fazem questão de esquecer (mas a gente não deixa)

U2 ao vivo • Sex Pistols • Manu Chao • Dave Matthews • Beatles